



Universidade de Brasília - UnB

Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas - LIP

Programa de Pós-Graduação em Linguística - PPGL

RENALDETE PEREIRA DOS SANTOS

**A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA DAS PESSOAS DA FAZENDA
MAIADINHA: DESAFIOS FORA DA COMUNIDADE
KALUNGA VÃO DO MOLEQUE, CAVALCANTE-GO**

Brasília – DF
2024



Universidade de Brasília - UnB

Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas - LIP

Programa de Pós-Graduação em Linguística - PPGL

Renaldete Pereira dos Santos

A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA DAS PESSOAS DA FAZENDA
MAIADINHA: DESAFIOS FORA DA COMUNIDADE
KALUNGA VÃO DO MOLEQUE, CAVALCANTE-GO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Linguística, do Departamento de Português, Linguística e Línguas Clássicas, do Instituto de Letras, da Universidade de Brasília, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Linguística.

Orientação: Profa. Dra. Rosineide Magalhães de Sousa

Brasília – DF
2024

Ficha catalográfica elaborada automaticamente, com os dados fornecidos
Pelo(a) autor(a)

PEREIRA DOS SANTOS, RENALDETE
PP436d THE LINGUISTIC VARIATION OF YOUNG PEOPLE FROM
MAIADINHA FARM: CHALLENGES OUTSIDE THE KALUNGA
VÃO DO MOLEQUE CAVALCANTE-GO COMMUNITY /
RENALDETE PEREIRA DOS SANTOS; orientador ROSINEIDE
MAGALHÃES DE SOUSA.

-- Brasília, 2024.
106 p.

Dissertação (Mestrado - Mestrado em Linguística) -- Universidade de
Brasília, 2024.

1. Variação linguística. 2. Comunidade Kalunga. 3. Valorização do discurso. I.
MAGALHÃES DE SOUSA, ROSINEIDE, orient. II. Título.

A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA DAS PESSOAS DA FAZENDA
MAIADINHA:
DESAFIOS FORA DA COMUNIDADE KALUNGA VÃO DO
MOLEQUE, CAVALCANTE-GO

Renaldete Pereira dos Santos

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Rosineide Magalhães de Sousa
PPGL/UNB
PRESIDENTE

Membro efetivo: Prof. Dr. Djiby Mané
FUP/UNB
MEMBRO INTERNO

Membro efetivo: Prof. Dr. Juscelino Francisco do Nascimento
UFPI
MEMBRO EXTERNO

Membro efetivo: Prof^a. Dr^a. Vangela do Carmo Oliveira Vasconcelos
SEEDF
MEMBRO SUPLENTE

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, pela oportunidade de trilhar este caminho, pela força e sabedoria que me foi concedida durante todo o processo.

Aos Kalungas da família,

Meus avós maternos, Silvina, Mariano e Justa, esta não tem meu sangue, mas é minha avó de alma e ensinamentos, pela coragem de resistir e persistir no lugar isolado de tudo e de todos, onde seus pais e avós se refugiaram da maldade dos brancos, o lugar que lhes traz memórias de luta e, ao mesmo tempo, proteção. Nesse local, eles viveram sua infância, adolescência e vivem até hoje plantando, colhendo, preservando e compartilhando saberes e fazeres. Por me permitir essa herança sagrada, vinda de África.

Meus avós paternos, que já não vivem entre nós, por terem me ensinado, com seu exemplo de vida e ancestralidade, o quanto somos ricos culturalmente.

Meu esposo, Jairon Santos, pela paciência e compreensão em relação aos momentos ausentes, pela parceria em todos os momentos, em especial a seu pleno exercício da paternidade.

Minha filha, Eloá Santos Gonzaga, pela paciência em ter que dividir a mamãe com o computador (é assim que ela entende), desde os seis meses de vida.

Minha mãe, Geni, a primeira kalungueira da família a ser alfabetizada no quilombo, por ter me dado a vida, e por ter me dado o exemplo e incentivo para estudar. Mesmo não tendo muito a oferecer, devido à condição emocional e psíquica na qual se encontrava, o que me proporcionou foi o suficiente para que eu seguisse o caminho da busca pelo conhecimento acadêmico. Seu aconchego e afeto e minha vontade de lhe proporcionar saúde e qualidade de vida foram combustível para eu continuar a caminhada, na qual este trabalho é apenas o início.

Meu pai Izaias, que sempre acreditou no meu potencial e sempre me apoiou da

melhor forma possível e como conseguia; com seu exemplo, mostrou-me que Quilombola Kalunga pode estar onde quiser e lutar para estar porque lutar é natural.

Minha tia e madrinha Joana, por todos os incentivos desde a infância até os dias atuais.

Meus irmãos, Rodrigo, Geane, Marlon, Regimara, Keylla e Ideuan, por compreenderem minhas ausências nos encontros em família e pelo apoio.

Aos que contribuíram com esse projeto:

Minha orientadora, Rosineide Magalhães de Sousa, pelos ensinamentos, pela paciência, por aceitar o desafio de orientar uma Quilombola com seu Kalunguês e um bebê no colo, por sempre entender minha realidade e colocar-se em meu lugar, por ser esse ser humano incrível e humilde. Sem sua parceria e compreensão, nada disso seria possível.

Colegas e amigos do PPGL, pelas escutas e apoio, em especial a minha amiga Josiane, pelas contribuições em diversos momentos (inclusive foi terapeuta rsrs), motivou-me a não desistir. Gratidão sempre pelas amizades construídas nesse percurso.

Professores das disciplinas cursadas na pós-graduação em Linguística, por seus ensinamentos.

Membros da banca, Djiby Mané, Juscelino Francisco do Nascimento, Vângela Vasconcelos, por aceitarem o convite de ler meu trabalho e contribuir com ele, de forma tão cuidadosa e cooperativa.

Participantes da pesquisa, por disponibilizarem seu tempo, dividirem comigo histórias de lutas e reviverem momentos dolorosos assim como felizes.

Meus amigos Paula Fransinete e Anderson, pelo incentivo e pelas primeiras discussões acerca do tema, as quais deram vida ao primeiro rascunho do pré-projeto

de minha pesquisa; fizeram-me crer que era possível o ingresso em uma pós-graduação, em uma universidade federal.

Minha amiga quilombola Rosiene que, desde o fim da minha graduação, me incentivou e cobrou minha inscrição no processo seletivo de mestrado, inclusive foi a primeira pessoa a ler meu pré-projeto, fazer sugestões e orientações. No percurso desta trajetória, do início ao fim, dividi minhas angústias, alegrias, tristezas e frustrações, gratidão pela escuta e apoio de sempre, minha querida amiga!

Todos os anciões quilombolas Kalunga, pela luta e resistência, que nos garantiram e oportunizaram ser vistos e que possibilitaram que eu pudesse dar visibilidade a uma pequena porcentagem da nossa riqueza sociolinguística.

Minhas amigas, Elisângela Ferreira (Lisa) e Andreia Cândido, pelo apoio e parceria perante as atividades inerentes à profissão. Saibam que contribuíram muito para que eu conseguisse terminar esse ciclo, no qual vários papéis sociais se cruzaram. Minha trajetória tornou-se um pouco mais leve com o apoio de vocês.

Minha amiga Brenda Teully que, cuidou da minha pequena, para que fosse possível a minha participação na entrevista de ingresso no mestrado. Gratidão por tanto!

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela bolsa a mim concedida, no último ano de mestrado, o que me possibilitou dedicação à pesquisa.

Quando eu saí do
Quilombo pra módi
podê estudá
Eu padici na cidade
grande, módi quê não
“sabia falá”
“Ali”,
pra mim é, “aculá”
“Vem aqui”, pra mim,
é “vem cá”
“Ocê” diz “morar
junto”, eu falo “amiga”
A mãe da sua mãe é
“vovó”, a mãe da
minha mãe é “iaiá”
Vô contá prô cê que
eu tinha era
veigonha de
cunvesá, toda veis
que eu abria
a boca, os zôto
cumeçava mangá,
tenho até lembrança
de um tempo que eu
quis deixá de
estudá, achava que

eu era “rudo” e não
ia adiantá
Fui atrás duma
amiga do Quilombo
pra módi podê
desabafá, contei que
ia largá a escola
porque não sabia
falá, ela ja é mais
estudada então
disse, pera lá, quem
disse que você fala
errado? Esse é o
SEU jeito certo de
falar. Me explicou
sobre uma tal de
variação lexical, que
no nosso dialeto,
chamamos de
Vocabulário Cultural.
Desse dia pra cá eu
tive foi mais vontade
de estudá, e pra
quem
tinha veigonha de
falá, hoje em dia não
deixo
passá uma
portunidade de
expressá nossa
cultura com nosso
jeito de
cunversá.
(Regimara Santos).

RESUMO

Esta pesquisa aborda a variação linguística na Fazenda Maiadinha, mais especificamente, na Comunidade Kalunga Vão do Moleque, localizada em Cavalcante, em Goiás. O objetivo é investigar como a variação linguística afeta sua integração na sociedade quando saem da comunidade, enfrentando diversos desafios. A motivação para este estudo reside na valorização da diversidade linguística e na busca por meios de superar as dificuldades enfrentadas por estudantes da Comunidade Quilombola Kalunga Vão do Moleque, bem como por outras comunidades de povos tradicionais que enfrentam desafios relacionados à variação linguística. A abordagem metodológica é qualitativa, quanto aos procedimentos são de cunho etnográfico e autoetnográfico, utilizando a análise da experiência pessoal para compreender a cultura. A pesquisa fundamenta-se nas obras de Bortoni-Ricardo (2004) sobre educação em língua materna, Preti (1987) sobre Sociolinguística e níveis de fala, Bortoni-Ricardo (2008) relativamente a tipos e métodos de pesquisa, além do livro *Educação Quilombola* (Silva; Santos; Rocha, 2021), entre outros. Esta pesquisa é crucial para as comunidades tradicionais, especialmente, para a Comunidade Kalunga Vão do Moleque, pois proporciona reflexões e análises sobre as variações linguísticas e seu impacto na vida da maioria, muitas vezes, invisibilizadas pela minoria que ocupa o topo da hierarquia social.

Palavras-chave: Variação linguística. Comunidade Kalunga. Valorização do discurso.

ABSTRACT

This research addresses linguistic variation at Fazenda Maiadinha, more specifically in the Kalunga Vão do Moleque Community, located in Cavalcante, Goiás. The objective is to investigate how the linguistic variation of these residents affects their integration into society when they leave the community, facing various challenges. The motivation for this study lies in the appreciation of linguistic diversity and the search for ways to overcome the difficulties faced by students from the Kalunga Vão do Moleque Quilombola Community, as well as other communities of traditional peoples who face challenges related to linguistic variation. The methodological approach is qualitative, ethnographic and autoethnographic, using the analysis of personal experience to understand culture. The research is based on the works of Bortoni-Ricardo (2004) on education in mother tongue, Preti (1987) on Sociolinguistics and levels of speech, Bortoni-Ricardo (2008) on types and methods of research, in addition to the book *Educação Quilombola* (Silva; Santos; Rocha, 2021), among others. This research is crucial for traditional communities, especially for the Kalunga Vão do Moleque Community, as it provides reflections and analyzes on linguistic variations and their impact on the lives of the majority, often made invisible by the minority that occupies the top of the social hierarchy.

Keywords: Linguistic variation. Kalunga Community. Appreciation of discourse.

LISTA DE IMAGENS

Figura 1 – Estátua de Anhanguera Filho – Goiânia (GO)	46
Figura 2 – Mapa de antes da Promulgação, em 1943	47
Figura 3 – Mapa atual, de 1988.....	48
Figura 4 – População: PIB e Renda	50
Figura 5 – Localização do Sítio Histórico de Kalunga.....	53
Figura 6 – Vão do Moleque visto de cima da Serra do Engenho.	55
Figura 7 – Morro Vão do Moleque e o Rio Paranã.....	56
Figura 8 – Plantação de arroz e gergelim na Comunidade Vão do Moleque	56
Figura 9 – Capela, festejo da Romaria Vão do Moleque em 2023.....	59
Figura 10 – Casa de pau a pique e casa de adobe com palha.	60
Figura 11 – Cachoeira Guardião Quilombo Kalunga Vão do Moleque.....	60

LISTA DE SIGLAS

AQK	Associação Quilombo Kalunga
UnB	Universidade de Brasília
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
SHPCQK	Sítio Histórico Patrimônio Cultural Kalunga
UEG	Universidade Estadual de Goiás
GO	Goiás

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS.....	5
RESUMO.....	10
ABSTRACT.....	
SUMÁRIO.....	14
1 INTRODUÇÃO.....	16
1.1 A KALUNGUEIRA, PROFESSORA E PESQUISADORA: UMA BREVE MEMÓRIA.....	17
1.2 PERGUNTAS, OBJETIVOS E ASSERÇÕES DA PESQUISA.....	20
1.2.1 OBJETIVO GERAL.....	20
1.2.1.1 ASSERÇÃO GERAL.....	20
1.2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	21
1.2.2.1 SUBASSERÇÕES.....	21
1.3 ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO.....	21
2 BASE TEÓRICA: PRINCÍPIOS SOCIOLINGÜÍSTICOS.....	24
2.1 VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA.....	26
3 CONTEXTO METODOLÓGICO DA PESQUISA: A TEIA EM CONSTRUÇÃO.....	30
3.1 PESQUISA QUALITATIVA.....	33
3.2 PESQUISA QUALITATIVA-INTERPRETATIVISTA.....	34
3.3 ETNOGRAFIA.....	36
3.4 AUTOETNOGRAFIA.....	39
3.5 ENTREVISTA NARRATIVA.....	40
3.6 RELATO ORAL/ HISTÓRIA ORAL.....	43
4 QUILOMBOLA KALUNGA: HISTÓRIA, MEMÓRIA.....	45
4.1 A HISTORICIDADE DO ESTADO DE GOIÁS.....	45
4.2 JORNADA DE CAVALCANTE-GO.....	48
4.3 HISTÓRIA DA FORMAÇÃO DOS QUILOMBOS KALUNGA DOS MUNICÍPIOS DE TERESINA DE GOIÁS, MONTE ALEGRE DE GOIÁS E CAVALCANTE DE GOIÁS: DO TOTAL ISOLAMENTO ATÉ OS DIAS ATUAIS ...	50
5 PERFIL DA COMUNIDADE KALUNGA VÃO DO MOLEQUE.....	55
5.1 PERFIL SOCIOLINGÜÍSTICO DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA.....	61
5.1.1 UM KALUNGA FORA DE CASA: TERTULIANO.....	61
5.1.2 UM EMPREENDEDOR: AQUINO.....	62
5.1.3 UM MESTRANDO KALUNGA: ANTÔNIO.....	65
5.1.4 A PRINCESA NEGRA KALUNGA: DANDARA.....	66
5.1.5 ESTUDANTE KALUNGA: VIEIRA.....	67
6 EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA.....	69
6.1 HISTORICIDADE DA EDUCAÇÃO NA COMUNIDADE VÃO DE MOLEQUE.....	74
7 DIVERSIDADE LINGÜÍSTICA DO KALUNGUÊS.....	76
7.1 FATORES LINGÜÍSTICOS PRESENTES NA VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA DA COMUNIDADE.....	76
7.2 PRÁTICAS SOCIOLINGÜÍSTICAS DOS COLABORADORES DA PESQUISA.....	79
7.3 DIFICULDADES E DESAFIOS LINGÜÍSTICOS DAS PESSOAS, QUANDO SAEM DA COMUNIDADE KALUNGA VÃO DO MOLEQUE FAZENDA MAIADINHA.....	86
8 GLOSSÁRIO KALUNGA.....	91

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS	93
REFERÊNCIAS	95
ANEXOS	107

1 INTRODUÇÃO

Neste capítulo, é fundamental explorar minuciosamente os elementos motivadores que contribuíram para a realização desta pesquisa, desvelando os caminhos percorridos que chegaram à definição do tema em questão. Ao delinear as formas desta jornada intelectual, torna-se possível compreender mais profundamente as raízes e as inspirações que fundamentam este trabalho.

Os objetivos delineados para esta pesquisa são especificamente uma parte crucial de sua estrutura. Estabelecem com clareza o que se pretendeu alcançar, fornecendo um norte para o desenvolvimento do estudo. Esses objetivos podem envolver a investigação de determinadas características, a análise de padrões específicos, ou a contribuição para o entendimento de um campo de conhecimento específico. Dessa forma, esta seção do texto serve como um guia para o leitor, esclarecendo os propósitos fundamentais que motivam a pesquisa.

As perguntas abordadas neste estudo são peças-chave para compreender o escopo e a profundidade da pesquisa. Essas perguntas não são apenas direcionadas à investigação, mas também representam os pontos focais em torno dos quais a análise gira. A explicitação dessas questões proporciona uma visão clara da intenção da pesquisa e facilita a avaliação da relevância e da aplicabilidade dos resultados obtidos.

Uma Quilombola Kalunga, que saiu da comunidade Vão do Moleque aos treze anos, deparou-se com uma sociedade diferente de onde vivia até então e, a partir daí, conheceu outra língua, outro modo de vida; após viver diversos desafios, sentiu que precisava estudar sua língua e pesquisar a si mesma e não mais ser “objeto de pesquisa”. Na infância, quando corrigia as palavras de sua avó, sempre ouvia: “vem me corrigi! Eu aprendi falar primero que ocê”. Não me esqueço dessa fala e ela me motiva a valorizar e a buscar a valorização do modo de falar daqueles que me ensinaram a falar. Assim, nasce uma pesquisa e uma pesquisadora.

Minha autoetnografia é apresentada como um componente vital deste capítulo. Explorarei como minhas experiências pessoais, valores e motivações moldaram a abordagem adotada nesta pesquisa. Essa reflexão contextualiza a pesquisa em uma perspectiva mais ampla, destacando a interseção entre o pessoal e o acadêmico.

Em síntese, este capítulo oferece uma visão panorâmica do que impulsionou esta pesquisa, delineando os objetivos, as perguntas, os resultados esperados e

minha própria jornada pessoal neste processo de investigação. A seguir, adentramos nos detalhes metodológicos que orientam a condução deste relato.

1.1 A KALUNGUEIRA, PROFESSORA E PESQUISADORA: UMA BREVE MEMÓRIA

No ano considerado o mais chuvoso da década 1992, no Vão do Moleque Comunidade Kalunga Quilombola do município de Cavalcante (GO), com a ajuda de uma parteira, nascia aquela que receberia o nome de Raimunda, mas, por nascer logo depois do dia dos Três Reis Magos, recebi o nome de Renaldete.

Os Kalungas viveram há mais de 300 anos isolados, como contava minha avó. Eles tinham medo que a escravidão não houvesse acabado, não tinham nenhum meio de comunicação, portanto, nenhuma informação chegava lá na comunidade. O medo da captura era passado de geração por geração. Quando ouviam algum barulho semelhante a motor de carro (zuada), todos corriam e se escondiam pela mata.

Minha avó Silvina, a quem chamo de laiá, já nascera na Comunidade, livre, e ficou órfã de pai e mãe aos 3 meses. Foi criada pela tia, que tinha também um bebê e podia amamentá-la. Eram 6 irmãos, cada um foi criado com um parente diferente; isso acabou fazendo com que alguns seguissem caminhos diferentes, inclusive sair da comunidade. Porém, minha avó permaneceu na comunidade Vão do Moleque, adquiriu documento pessoal depois de adulta, o que teve como causa data de nascimento errada. Demorou a conhecer dinheiro e conhecer cidade; cresceu, casou-se, teve filhos, os quais criou com muita dificuldade e muita resistência, e vive até os dias atuais ali na sua casinha, no meio do cerrado de onde não gosta de sair; fica uma semana na cidade e já quer voltar.

Lembranças felizes e tristes dessa infância; banho de rio, pescarias, dias em que só tínhamos palmito de guariroba para comer, dias em que na casa de palha aguardávamos, à luz de candeia, meu pai chegar do rio para jantarmos aquilo que nem saberíamos se ele traria; consigo sentir o cheiro do orvalho da manhã, de quando saíamos — eu e meus irmãos — para colhermos frutos do cerrado para o café da manhã, frutos como: mangaba, jatobá, caju, murici, araçá, “articum”, mutamba, coco “xodó”, pequi; esse nós comíamos cru com farinha de mandioca que minha família fabricava artesanalmente.

Meu pai era professor na comunidade, então cresci dentro da sala de aula dele, onde eu me divertia. Era um lugar em que eu conhecia cidades, prédios, mar, pessoas

diferentes, animais que não existiam ali onde morávamos, tudo era possível por meio de imagens em revistas/desenhos e fotos dos livros didáticos; sem matrícula efetivada, pois ainda não tinha idade. Aos 7 anos, fui estudar em uma escola vizinha e tive que morar com meus avós, o que só me permitia ver meus pais nas férias, era um distanciamento necessário. Meus pais viam naquela situação uma possibilidade de mudança de perspectiva de vida, porque eles tinham como formação Ensino Fundamental incompleto.

Na casa de meu avô, só havia um relógio, quando o meu avô saía, um pau fixado no chão na beira da casa indicava que, quando a sombra da casa estava ali, era a hora de ir para a escola. O dia em que não havia sol nem a presença de vovô, tudo saía do eixo; chegávamos adiantados ou atrasados. Mas, quando a chuva era forte, voltávamos do meio do caminho porque o córrego enchia, digo no plural, pois todos os vizinhos iam juntos para a escola, por aquela estradinha, um atrás do outro. Lanche na escola dificilmente havia, porque os lanches eram levados para a escola a cavalo, saíam da cidade e eram dias para chegar ao destino; então, levávamos a merenda de casa e, na hora do recreio, cada um convidava a amiga mais íntima e íamos comer no meio do mato. A escola era uma casa de palha feita pelos pais dos alunos; tínhamos uma professora para a turma multisseriada.

Naquela escola, não existia biblioteca, e os livros que eu tinha contato eram os didáticos, os quais não podíamos levar para casa, usávamos e deixávamos na escola para que outros estudantes pudessem utilizá-los depois.

Nas férias, ia para casa cheia de fábulas e parlendas para contar para os vizinhos e amigos que não tinham a oportunidade de ir à escola. Estudei nessa escola até o 4º ano, como é dito hoje; dali em diante saí da comunidade e fui morar na cidade Cavalcante e estudar em uma escola municipal. Que lugar diferente, pessoas diferentes! O meu jeito de falar incomodava e era motivo de risos, foi nesse momento que me percebi uma Quilombola Kalunga, era a única que usava lenço (turbante) na cabeça, caracterizada como a Kalungueira do pé rachado.

Eu não conhecia minha história, a história de meus ancestrais. Conheci ali conceitos que uma sociedade formada por uma minoria criou sobre meu povo, e eu não queria ser tudo aquilo de ruim e vergonhoso que falavam dos Kalungas; em resumo, eu não queria ser Kalungueira.

A estrutura da escola citada anteriormente era um palácio a meus olhos, tudo novo e empolgante, ganhei até roupas e calçados novos para ir à escola. Nessa escola,

também não havia biblioteca interna, porém havia uma biblioteca municipal, na qual todos os alunos poderiam fazer pesquisas e fazer empréstimo. Como eu não tinha o hábito de fazer leituras literárias, continuei sem ler esse gênero. Ia à biblioteca fazer trabalhos de pesquisa e leitura somente de livros de didáticos, folhear revistas.

Iniciei um novo ciclo da minha vida ao mudar para o colégio estadual de Cavalcante, onde conheci uma professora de Língua Portuguesa que me marcou muito e mudou minha história. A professora Maura apresentou-me o mundo literário. A cada bimestre, cada aluno deveria ler um livro indicado por ela e fazer um relatório de leitura. A partir de então, o gosto pela leitura foi despertado em mim; eu sempre ia fazer minhas leituras sentada à sombra de um abacateiro no fundo do quintal. Ahhh! As primeiras foram bem difíceis. Um livro que me marcou muito nessa época e que gostei muito foi *A Ostra e o vento*, de Moacir Lopes, pois era um mesclado de realidade e imaginação. Segui até o término do Ensino Médio em escolas públicas, e fazendo somente leituras de livros literários. Nessa mesma época, mudei-me para a cidade de Minaçu (GO).

Prestei o vestibular em 2012, fui aprovada para o curso de Pedagogia, na Universidade Estadual de Goiás, onde eu tive como desafio as leituras de livros teóricos. Como eu não conhecia, não conseguia entender os textos, sentia sono, entretanto logo me adaptei e lia sempre que tinha oportunidade (na verdade, eu criava essa oportunidade), inclusive documentos norteadores da educação brasileira. Graças a essa trajetória, adquiri o hábito de ler, sou professora da Educação Básica, busco despertar em meus alunos o gosto pela leitura, assim como a professora Maura fez comigo.

Tenho uma filha de 3 anos, no intuito de formar uma leitora, leio para ela desde que estava no ventre, e o primeiro presente que lhe dei foi um livro. Sinto que está funcionando, ela ama folhear os livros e rasgá-los, é dessa forma que realiza suas leituras.

Durante toda minha trajetória, tive diversas dificuldades por meu jeito peculiar de falar, era reprovada nas entrevistas de emprego, tinha medo de falar em público, porque eu era aquela que “falava errado”. Sempre tive muita dificuldade na língua padrão, minha língua materna era outra, colecionei diversas reprovações em concurso público; tudo que vivi e presenciei — irmãos e amigos viverem o mesmo dilema — fez-me querer, como pesquisadora, entender e ajudar minha comunidade a superar esses percalços.

Após trazer minha trajetória, exponho a seguir as perguntas que nortearam esta pesquisa.

1.2 PERGUNTAS, OBJETIVOS E ASSERÇÕES DA PESQUISA

Por ser oriunda da Comunidade Quilombola Kalunga Vão do Moleque, ser uma profissional da Educação e pesquisadora fez surgir em mim algumas inquietações a respeito da variação linguística de pessoas da Fazenda Maiadinha e das dificuldades específicas dos cidadãos que dali saem em busca de melhores condições de sobrevivência e se deparam com a desvalorização de seu discurso, o que é definido, segundo Fairclough (2008), como uso da linguagem. Percebendo a complexidade desse processo, por esta pesquisa, pretendi responder os seguintes questionamentos:

- Como a variação linguística das pessoas da Comunidade Quilombola Kalunga Vão do Moleque Fazenda Maiadinha foi constituída?
- De que maneira se manifestam as práticas sociolinguísticas dos colaboradores da pesquisa?
- Como essa variação linguística interfere na vida dos Quilombolas Kalunga da Fazenda Maiadinha, quando saem de suas comunidades?

Após organizar as perguntas que deram início à pesquisa, aponto a seguir os objetivos da pesquisa com suas correspondentes asserções. As asserções referem-se a “um enunciado afirmativo, no qual o pesquisador antecipa os desvelamentos que a pesquisa poderá trazer” (Bortoni-Ricardo, 2008, p. 53).

1.2.1 OBJETIVO GERAL

Investigar a variação linguística das pessoas da Comunidade Kalunga Vão do Moleque Fazenda Maiadinha, que saem da comunidade e se deparam com diversas dificuldades de inserção na sociedade.

1.2.1.1 *Asserção geral*

Os discursos dos Quilombolas Kalunga do Vão do Moleque Fazenda Maiadinha evidenciam a existência de um modo específico de falar, correlacionando língua/povo/território, variação linguística percebida por meio da interação entre os falantes.

1.2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Registrar a variação linguística específica da Comunidade de Vão do Moleque Fazenda Maiadinha.

Identificar as práticas de letramento na escola Kalunga do Vão do Moleque Fazenda Maiadinha e sua relação com a variação linguística.

Descrever, por meio de pesquisa de campo, quais as dificuldades e desafios relacionados à variação linguística que essas pessoas enfrentam quando saem da sua comunidade.

1.2.2.1 Subseções

□ A variação linguística da Comunidade Vão do Moleque Fazenda Maiadinha é percebida por interferências de vários fatores extralinguísticos, como classe social, origem geográfica, nível de escolarização e interferências históricas, evidenciando a variação lexical;

□ Nas relações sociolinguísticas, há um embate entre a língua materna e a língua dita padrão, fazendo perceber que há uma língua considerada de maior prestígio;

□ Os diferentes relatos de diversos jovens evidenciam as dificuldades de conseguir emprego, de aprovação em um concurso público, de comunicação em público, em decorrência da falta de valorização da variedade linguística/língua materna.

1.3 ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO

Este trabalho está organizado da seguinte forma:

Capítulo 1: Introdução — A introdução é a seção inicial do trabalho, apresentando o contexto geral da pesquisa, seu propósito e relevância. Além disso,

nesta seção, são delineadas as perguntas de pesquisa que nortearam a investigação, bem como os objetivos e asserções que orientaram a análise.

Capítulo 2: Base teórica — Neste capítulo, é feita a contextualização da base teórica, apresentados os princípios sociolinguísticos como fundamento, e abordada a variação linguística.

Capítulo 3: Metodologia — Neste capítulo, são apresentados os elementos que oferecem uma visão detalhada dos métodos utilizados para coletar e analisar os dados. Aqui, são tratados os aspectos de como o estudo foi concebido, planejado e conduzido.

Capítulo 4: Contexto Quilombola Kalunga: história, memória — Neste capítulo, é narrada a história do estado de Goiás, bem como a história do surgimento da cidade de Cavalcante (GO), a trajetória da formação dos Quilombos Kalunga até os dias atuais.

Capítulo 5: Perfil da comunidade Kalunga Vão do Moleque — Neste capítulo, é descrito como as pessoas vivem nessa Comunidade, qual é a economia, quais os modos de vida. É traçado um perfil sociolinguístico dos participantes da pesquisa, inclusive salientando-se a importância de tal perfil, e realizada uma análise detalhada dos colaboradores selecionados.

Capítulo 6: Educação escolar quilombola — Neste capítulo, é feita a contextualização histórica da educação quilombola em nível federal. Procedese também à historicidade da educação na Comunidade Vão de Moleque, sendo explicitados os desafios e conquistas educacionais dentro da Comunidade Vão do Moleque.

Capítulo 7: Diversidade linguística do Kalunguês — Neste capítulo, são esclarecidos os fatores linguísticos na variação linguística da comunidade, as práticas sociolinguísticas dos colaboradores da pesquisa, bem como as dificuldades e desafios linguísticos fora da comunidade.

Capítulo 8: Glossário Kalunga — Neste capítulo, são listadas palavras utilizadas na comunidade Vão do Moleque, cujos significados são diferentes em outros contextos.

Capítulo 9: Considerações finais — Aqui ocorre a síntese dos principais resultados, a confirmação e/ou a refutação das asserções, além de apresentação de descobertas.

O presente trabalho contribui para a compreensão e análise da variação

linguística das pessoas que saíram da comunidade Kalunga Vão do Moleque Fazenda Maiadinha, utilizando uma abordagem qualitativo-interpretativa baseada nas metodologias etnográfica e autoetnográfica. Também, colabora na exploração do conceito de variação linguística, enriquecendo a compreensão das dinâmicas linguísticas presentes na comunidade Kalunga; além de sustentar a investigação sobre os fatores linguísticos presentes na variação linguística da comunidade Kalunga.

A pesquisa examina as práticas sociolinguísticas dos colaboradores da pesquisa, proporcionando uma visão ampla do uso da linguagem na comunidade e fora dela. Identifica e analisa as dificuldades e os desafios linguísticos enfrentados pelas pessoas dessa comunidade ao se depararem com ambientes externos. Em complemento, compila um glossário que visa esclarecer e preservar os termos específicos da linguagem Kalunga, contribuindo para a documentação e manutenção da identidade linguística da comunidade.

Em resumo, o trabalho busca não apenas compreender a realidade da Comunidade Kalunga Vão do Moleque Fazenda Maiadinha, mas também preservar e valorizar sua rica diversidade linguística e cultural, destacando os desafios e conquistas no contexto sociolinguístico e educacional.

O uso de “eu” e “nós” justifica-se pelo fato de falar como pesquisadora, aplicando o pronome pessoal na primeira pessoa do singular; e, por vezes, falar como Quilombola Kalunga e parte do contexto pesquisado, usando o pronome pessoal na primeira pessoa do plural.

2 BASE TEÓRICA: PRINCÍPIOS SOCIOLINGÜÍSTICOS

Em 1964, William Bright apresentou um trabalho intitulado "Sociolinguística" durante uma reunião de linguistas na Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA). Esse evento marcou a primeira vez que o termo "Sociolinguística" foi usado para descrever o estudo da linguagem e da sociedade.

O estudo da correlação entre sociedade e linguagem despertou o interesse de muitos, incluindo Bright (1964). Segundo ele, a Sociolinguística deveria apresentar uma correspondência consistente entre as diferentes variações linguísticas aparentes em uma comunidade e as disparidades sociais existentes dentro dessa mesma sociedade.

O surgimento da Sociolinguística Variacionista foi uma reação aos modelos teóricos que tratavam a língua como um sistema uniforme e imutável, desconsiderando o conceito de variação na língua. Concentrando-se na dimensão social da linguagem, ou na conexão entre a linguagem e o contexto social, a Sociolinguística examina a variação linguística — como os falantes produzem formas distintas com base na classe social, educação, idade, sexo e outros fatores. Segundo Bright (1964 *apud* Fonseca, 1974):

Embora 'etnolinguística' e 'psicolinguística' estejam em uso há algum tempo, o termo 'sociolinguística' é relativamente novo e difícil de definir com precisão. Na verdade, esses três termos geralmente se sobrepõem no assunto e refletem diferenças nos interesses e abordagens do pesquisador, e não no próprio assunto. A sociolinguística estuda a relação entre linguagem e sociedade, mas essa afirmação é muito vaga. Para ser mais preciso, a sociolinguística considera tanto a linguagem quanto a sociedade como estruturas – um afastamento das preocupações anteriores com as relações linguagem-sociedade que as viam como coleções de itens. A sociolinguística visa estabelecer uma correlação entre variações lingüísticas e sociais e potencialmente identificar uma relação causal entre as duas. Ao demonstrar a covariação sistemática desses elementos, a sociolinguística pode contribuir para uma maior compreensão da linguagem na sociedade.

A teoria da Sociolinguística de Bright inova no estudo das relações língua-sociedade, ao destacar a Sociolinguística Variacionista como um campo de foco distinto. Mollica (2003, p. 9) concorda com essa perspectiva, afirmando que a Sociolinguística dá especial ênfase à variação como objeto de estudo científico, que

pode ser descrito e analisado universalmente.

O ato da linguagem humana é marcado por um aparente conflito entre estabilidade e variação constante. Essa intrigante combinação tem sido o ponto focal da Teoria da Variação, também chamada de Sociolinguística Variacionista. O princípio fundamental dessa teoria é que as línguas humanas estão sujeitas a mudanças constantes, que se espalham gradualmente e envolvem períodos de variação mais curtos ou mais longos em diferentes eixos sociais. Essa visão rejeita a natureza estática da tradicional dicotomia sincronia/diacronia e, em vez disso, postula que um estado de linguagem representa uma face sincrônica da mudança linguística. É caracterizada pela coexistência de várias formas de diferentes estágios do sistema linguístico. Essa associação entre o sincrônico e o diacrônico também oferece *insights* sobre as mudanças passadas, assumindo que as forças e as restrições que desencadeiam as mudanças linguísticas atuais sejam as mesmas que causaram mudanças completas no passado (Labov, 1994, p. 21-23).

Para Chambers (1995), a Sociolinguística convencionalmente se dedica à preocupação da estratificação social e às variáveis extralinguísticas. Essas variáveis abrangem idade, gênero, educação, ocupação, valor de mercado, posição na rede social, bem como acesso a recursos culturais e materiais, dentre outros aspectos. A Sociolinguística engloba as implicações sociais das variações linguísticas. De acordo com esse autor a linguística urbana, a relação entre dialeto ou sotaque e classe social, e a influência de gênero, idade e etnia também são relevantes. Além disso, a Sociolinguística como campo de estudo apresenta diversas abordagens. Por meio de uma simples troca de palavras, podemos inferir grande quantidade de informações sobre pessoas desconhecidas. Essas inferências silenciosas se enquadram em cinco categorias: pessoal, estilística, social, sociocultural e sociológica.

As primeiras impressões que formamos sobre as vozes e as características individuais das pessoas, incluindo sua fluência, pronúncia e segurança, são em grande parte espontâneas e influenciadas por fatores culturais e experiências prévias. Chambers (1995) identifica atributos estilísticos que evidenciam como fazemos julgamentos quase instantâneos sobre familiaridade, idade e hierarquia entre os participantes da conversa. Essas avaliações estão, geralmente, ligadas a correlatos sociais e podem aumentar a formalidade, proporcionalmente ao número de diferenças sociais entre os participantes.

A pesquisa de Labov, realizada em 1963, focada nos residentes da ilha de

Martha's Vineyard e no uso da linguagem na cidade de Nova York, foi um marco importante nos estudos da mudança fonética. Suas descobertas revelaram um padrão estruturado e sistemático de variação linguística, o qual arremessou luz sobre os fatores que impulsionam essa mudança. Esse trabalho estabeleceu a Sociolinguística Variacionista como um campo de estudo e demonstrou que a variação é um aspecto essencial do sistema linguístico. Para lidar com a mudança linguística, é fundamental compreender os padrões de variação que caracterizam uma comunidade de fala em um determinado tempo, juntamente com seus padrões sociais relacionados. O paradigma sociolinguístico possibilita reconhecer a mudança em sua forma gradual, o que difere da perspectiva estruturalista que considerava a mudança linguística como um fenômeno não perceptível.

A pesquisa pioneira de Fischer em 1958 explorou o tema das origens da evolução linguística. Em seguida, Weinreich, Labov e Herzog (2006[1968]) apresentaram uma abordagem mais sofisticada para tratar dessa questão. Mais adiante, Labov (1982[1975]) e Cedergren e Sankoff (1974) aprimoraram ainda mais essa perspectiva, fornecendo definições mais precisas de hipóteses e procedimentos metodológicos.

A Sociolinguística preocupa-se em estudar alguns questionamentos, tais como: Existe uma única forma de falar corretamente? Por que concluímos que as falas diferentes do nosso contexto social são estranhas, erradas? Tais constatações causam-nos estranheza ainda maior quando se trata de um sotaque.

Além de pesquisar esses fatos, a Sociolinguística preocupa-se também em entender o impacto social de todas essas questões linguísticas da língua e seu uso em diferentes lugares/contextos e falantes, ou seja, preocupa-se com a variação linguística. É, portanto, parte da ciência da linguagem que considera os aspectos sociais. A Sociolinguística afirma em seus estudos que a língua varia de acordo com fatores internos e externos. Mas que fatores são esses? A resposta para este questionamento consta no decorrer desta pesquisa.

2.1 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

A variação linguística pode ser categorizada em quatro grupos principais: sociais (diatráticas), regionais (diatópicas), históricas (diacrônicas) e estilísticas (diafásicas). São frequentemente usadas na Linguística para descrever diferentes tipos de variação na língua. Essas categorias não foram divididas por uma única

pessoa, mas são o resultado de muitos anos de pesquisa linguística e análise da linguagem. Certas variações linguísticas dependem dos círculos sociais com os quais a pessoa convive. Essas variações são comuns em comunidades, onde os indivíduos se agrupam com base em interesses comuns, incluindo, entre outros, profissão, *status* social, formação educacional, esportes, tribos culturais, idade, gênero, orientação sexual e religião.

Em uma tentativa de estabelecer um senso de pertencimento e individualidade, vários grupos criam suas identidades únicas. As qualidades distintivas podem ir de roupas a dialetos, com surfistas articulando de maneira diferente de skatistas e médicos tendo um modo de comunicação variado de advogado; registros de linguagem de crianças, adolescentes e adultos também diferem significativamente, assim como Quilombolas Kalunga e não Kalunga.

As pessoas com mais oportunidades educacionais tendem a adotar uma abordagem formal, enquanto os grupos historicamente excluídos optam por um estilo de linguagem informal, e isso levou ao surgimento de variedades linguísticas.

O uso de variedades de linguagem estilística ou diafásica depende de como o falante ajusta seu nível de linguagem para corresponder ao texto ou à situação comunicativa. As crônicas, por exemplo, exigem o uso de linguagem coloquial, enquanto as dissertações exigem um estilo de escrita mais formal. Portanto, é crucial que falantes ou escritores sejam proficientes em várias variantes de linguagem para se adaptarem a diferentes níveis de formalidade e estilos de escrita.

A dinâmica da língua é provocada pelas diversas transformações pelas quais ela passa ao longo do tempo, o que resulta em mudanças não apenas na forma e na escrita das palavras, mas também em seus significados e usos. Variações linguísticas ao longo da história, muitas vezes, manifestam-se em linguagem desatualizada, termos específicos de idade e grafemas arcaicos. Notavelmente, o acréscimo de "ph" de certas palavras serve como um exemplo clássico desse tipo de variação, como o vocábulo antiquado *botica* para *drogaria* ou *farmácia*, em que não está claro o que significa "Farmácia (formulário atual)".

As variações situacionais, também conhecidas como mudanças de linguagem dependentes do contexto, afetam a maneira como as pessoas se comunicam, ditando se a interação é formal ou informal; não é incomum que um indivíduo modifique sua linguagem para se adequar ao ambiente em que se encontra, sendo usuais exemplos de como essas variações podem se manifestar de forma refinada e estimada de

comunicação.

A linguagem formal é empregada quando há falta de familiaridade ou intimidade entre os comunicadores, ou em ambientes onde se exige maior gravidade — por exemplo, durante audiências judiciais.

A linguagem informal é tipicamente menos culta ou prestigiosa, reservada para instâncias de maior intimidade ou familiaridade entre falantes em ambientes casuais, como conversar com amigos em um bar. É em ambientes comuns que a linguagem informal prospera, quando o mesmo idioma é falado em lugares diferentes, como países, estados ou cidades. Isso é chamado de variações diatópicas, também conhecidas como variações regionais ou geográficas (Viana; Teixeira, 2002).

A variação linguística pode ser observada nos dialetos contrastantes do português falado nas regiões do Brasil e em comparação com o português falado em Portugal. Para ilustrar, são considerados os seguintes exemplos:

- Tangerina: bergamota e vergamota são variedades de frutas cítricas.
- Marmitex: é sinônimo de comida quentinha, e também comida embalada.
- A mandioca: também conhecida como macaxeira, aipim, é um vegetal de raiz.

As influências culturais, práticas regionais e tradições podem contribuir para a variação linguística, que se manifesta de várias maneiras e segue a terminologia variável para conceitos ou significados idênticos, dialetos, sotaques, padrões de fala diversos e reduções no vocabulário ou perda de fonemas de variações baseadas em *status* ou classe social, também conhecidas como variações diastráticas.

As variações sociais referem-se a diferenças linguísticas que surgem entre diferentes grupos sociais, compartilham uma cultura, interesses e atividades comuns. Esses grupos geralmente desenvolvem sua própria linguagem, como jargões e gírias, e incluem advogados, surfistas, policiais, políticos, comunidades religiosas, bandidos e Comunidades Quilombolas (Genuíno, 2018).

Ao reconhecer as diversas variações linguísticas existentes, podemos erradicar quaisquer preconceitos em relação a padrões distintos de fala, enriquecendo assim a linguagem em termos de significados de palavras e expressões. Os profissionais da área de Letras investigam frequentemente os diferentes tipos de variações linguísticas, estudando os fatores históricos, culturais, sociais e geográficos que levaram às mudanças na língua. Essas variações são categorizadas em títulos

específicos, segundo Bagno (2007):

- A variação morfológica refere-se à modificação na forma escrita ou ortográfica de uma palavra;

Ex: "Amigo" pode ser modificado para "amiga" para indicar gênero.

- A variação fonético-fonológica é uma ocorrência comum, em que existem diferentes pronúncias para uma única letra. No Brasil, um exemplo disso são as pronúncias distintas da letra R;

Ex: A pronúncia da letra "r" no Brasil pode variar entre o som retroflexo, como em "carro", e o som fraco ou ausente em algumas regiões, como "cavalo" sendo pronunciado como "cavalho" em certos dialetos.

- A variação semântica ocorre quando uma única palavra pode ser empregada em vários contextos para denotar diferentes significados;

Ex: A palavra "banco" pode ser usada para se referir a um assento, a uma instituição financeira ou a uma estrutura de madeira.

- A variação sintática pertence ao arranjo dos componentes da frase, preservando o significado pretendido;

Ex: "O menino viu o cachorro" e "Vi o cachorro o menino" têm a mesma composição de palavras, mas variam na ordem em que são apresentadas.

- Variações estilísticas e pragmáticas estão sujeitas ao ambiente social, e seu nível de formalidade pode variar do mínimo ao máximo;

Ex: A linguagem usada em um discurso formal, como uma palestra acadêmica, será diferente da linguagem usada em um bate-papo informal com amigos. Por exemplo, "eu gostaria de expressar minha concordância" versus "concordo".

- Variação lexical refere-se a palavras escritas de forma diferente, mas que carregam o mesmo significado.

Ex: "Automóvel" e "carro" são palavras lexicalmente diferentes, mas podem ser usadas para se referir ao mesmo objeto.

3 CONTEXTO METODOLÓGICO DA PESQUISA: A TEIA EM CONSTRUÇÃO

Este capítulo visa apresentar a metodologia adotada para conduzir uma pesquisa qualitativa, que se baseia nos procedimentos da etnográfica e autoetnográfica, utilizando relatos orais como principal fonte de dados. A escolha por esta metodologia visa compreender profundamente as experiências, significados e contextos vívidos dos participantes, por meio de uma especificidade em seus mundos sociais.

Neste capítulo, farei uma abordagem geral da metodologia de pesquisa. Trago conceitos metodológicos, de uma forma mais geral, afunilando para a especificidade da presente pesquisa. Exponho também o perfil da comunidade a ser pesquisada, bem como dos participantes da pesquisa, no intuito de fazer entender com mais clareza os resultados da pesquisa posteriormente. Em outras palavras, este capítulo é para contextualizar a pesquisa.

É pelo uso de métodos de pesquisa que fenômenos ou objetos são reconhecidos e estruturados, pois é por meio desse método que o conhecimento científico se aprofunda e as portas da ciência se abrem para questionar suas próprias descobertas e debates, conhecido por ser aberto (Vizzotto *et al.*, 2016). Utilizando métodos de pesquisa, os pesquisadores têm muitas regras a seguir, porém, somente seguindo essas regras, o trabalho pode ser considerado adequado para ambientes científicos.

O método científico é uma série de processos cuidadosamente projetados para alcançar um objetivo, o conhecimento. O uso desse método requer pensar na explicação de programas lógicos, e isso será feito durante a geração de dados da pesquisa (Prodanov; Freitas, 2013); dessa forma, além de permitir que o pesquisador considere o intuito de sua pesquisa, como analisar dados e quão válidos esses dados são. Portanto, envolve compreender as nuances linguísticas presentes entre os indivíduos que deixam essa comunidade. Além disso, a análise de dados e a validade desses dados indicam a necessidade de rigor metodológico, para garantir que as conclusões sejam confiáveis e representativas da realidade linguística da população em estudo.

Sendo assim, as investigações devem: a) ser metódicas, e os procedimentos de investigação devem ser claros; b) ser sistemáticas, e o conhecimento produzido deve estar inter-relacionado, ou seja, as investigações sobre uma questão não podem

ignorar outras questões; c) ser elaboradas pelo próprio pesquisador e fornecidas aos pares, visto que a revisão pela comunidade científica e a revisão do trabalho de pesquisa podem, em última análise, remover o rumo ligado a cada estudo (Moita-Lopes, 1994).

Com base nessas notas, justifica-se uma discussão mais aprofundada dos dois métodos de pesquisa discutidos. A metodologia é entendida como uma forma de pensar e praticar que se aproxima da realidade (Minayo, 2009). Assim, a metodologia não é algo pontualmente único, mas sim um conjunto de pontos que precisam ser definidos pelo pesquisador, como a teoria do método, as ferramentas utilizadas para manipular o conhecimento e a experiência, que irá direcionar a pesquisa (Oliveira; Oliveira; Corrêa, 2021).

De fato, é por meio da pesquisa científica acadêmica — e, em certa medida, pelo ensino e aplicação dessa pesquisa — que o conhecimento científico cresce, possibilitando avanços nos campos teóricos. A relevância da pesquisa reside, assim, em sua capacidade de fazer avançar o conhecimento científico (Siqueira *et al.*, 2008). Posto isso, nota-se a importância da geração, análise e validação de dados específicos da comunidade Kalunga Vão do Moleque.

Diante disso, este trabalho utiliza uma metodologia qualitativo-interpretativa, por meio de dados gerados pela aplicação da Etnografia da e Autoetnografia, materializadas por meio de entrevistas narrativas e história oral que serão analisadas em prol do reconhecimento mais profundo da temática.

Tendo em mente que a metodologia é um recurso essencial para orientar os caminhos que precisam ser percorridos para se alcançarem os objetivos e responder os questionamentos da pesquisa, apresento, aqui, portanto, o tipo de pesquisa realizada e o método utilizado, bem como a descrição dos caminhos percorridos.

A pesquisa é qualitativa e utilizo os discursos do povo Kalunga do Vão do Moleque Fazenda Maiadinha, fonte principal da pesquisa. Esses discursos são gerados por meio de registro de história oral, utilizando como instrumento norteador o roteiro de entrevista. É importante apresentar a interpretação de uma pesquisa qualitativa na intenção de justificar tal escolha.

Segundo Bortoni-Ricardo (2008, p. 34), a pesquisa qualitativa procura entender e interpretar fenômenos sociais inseridos em um contexto. Assim, utilizo o método etnográfico e autoetnográfico, vivendo e revivendo a vida cotidiana de meu contexto de pesquisa, pois sou parte “dele”. Entretanto, como já mencionado, o registro de história oral faz que a comunidade assuma seu lugar de fala, sendo o campo desta pesquisa

a Comunidade Kalunga Vão do Moleque Fazenda Maiadinha. De acordo com Santos (2019, p. 23), esse campo é tratado não apenas como um lugar a ser observado ou para coletar dados, mas como um território habitado e vivenciado, em constante mudança em busca de seus direitos que foram e permanecem, em seu próprio entendimento, negados pela sociedade.

A escolha pelo registro histórico oral deu-se pelo fato de conceder voz e autonomia àqueles que sempre foram silenciados, não puderam ser autores de suas próprias histórias. Precisamos mudar esse silenciamento, visto que essas pessoas que revelam letramentos em suas falas, não possuem letramento acadêmico, impossibilitando um registro escrito. O registro de história oral faz que assumam seus lugares de fala. Assim, segundo Alberti (2004), as entrevistas gravadas, documentos orais, manifestam discernimento e até mesmo um tom específico, caracterizando dessa forma os documentos pessoais e estabelecendo o cidadão, e seu discurso, como único e incomum na história.

Naquela comunidade, existem múltiplos letramentos, que, segundo Street (2012), abarcam diferentes saberes e conhecimentos em práticas sociais cotidianas e situadas. Existem diferentes agências de letramentos — não só a escola —, os quais pretendo valorizar e evidenciar durante toda a minha pesquisa.

Visando respeitar os princípios de ética perante a comunidade, escola e participantes, o primeiro passo foi ter sua permissão, consentimento e autorização para, conseqüentemente, iniciar a coleta de dados que deve ser consciente e interpretada com diversas perspectivas. Assim, de acordo com Bortoni-Ricardo (2008, p. 58):

A coleta de dados não deve ser apenas um processo intuitivo, que consistiria simplesmente em fazer observações em determinado ambiente e tomar notas. Ela deve ser um processo deliberado, no qual o pesquisador tem de estar consciente das molduras de interpretação daqueles a quem observa e de suas próprias molduras de interpretação, que são culturalmente incorporadas e que ele traz consigo para o local da pesquisa.

Esta geração de dados seria feita em torno de 15 pessoas da Fazenda Maiadinha, na Comunidade Kalunga Vão do Moleque, que saíram da Comunidade em busca de emprego, estudo e melhores condições de sobrevivência. Entretanto, não foi possível; pois, mesmo contatando esse número de pessoas, não obtive a

participação nessa perspectiva; muitos ainda têm muita vergonha de falar em público, ou que seja gerado algum registro de suas falas. Muitas devolutivas expuseram a negativa, argumentando que falavam feio; outros arrumavam uma desculpa todas as vezes que eu entrava em contato. Por fim, consegui devolutiva e participação efetiva de 5 pessoas do sexo masculino e 2 pessoas do sexo feminino. Segui minha pesquisa, apesar de não ter os 15 participantes, porque acreditei que os dados gerados seriam suficientes para uma rica análise. A escolha dessas pessoas foi feita mediante identidade e contexto geográfico em que estão ou estiveram, além da completa aceitação. Diante de todas as escolhas e caminhos metodológicos, registro alguns conceitos e discussões, ao longo deste capítulo.

3.1 PESQUISA QUALITATIVA

Toda pesquisa qualitativa deve implicar o desenvolvimento de um diálogo gradativo e organicamente constituído, como uma das principais fontes de produção de informação. No diálogo, cria-se um ambiente social de segurança, tensão intelectual, interesse, confiança, o que favorece um nível de conceituação da experiência que raramente ocorre espontaneamente na vida cotidiana (González Rey, 2002).

A pesquisa qualitativa não tende a se concentrar em números ou resultados, valores numéricos, mas desloca seu foco para a compreensão de grupos sociais (Gerhardt; Silvera, 2009). Para essa abordagem, o mundo real tem relação direta com o sujeito, é indissociável do mundo objetivo e do mundo real. A experiência subjetiva, tão complexa que escapa à quantificação, não necessita da aplicação de métodos e técnicas matemáticas (Prodanov; Freitas, 2013).

Nuttall *et al.* (2011) argumentam que a pesquisa qualitativa tem o poder de humanizar as marcas, por meio de interações personalizadas. No entanto, apesar desse poder, às vezes é considerada inferior à pesquisa quantitativa.

A pesquisa com métodos qualitativos pode descrever a complexidade de um determinado problema, analisar a interação de determinadas variáveis, compreender e categorizar os processos dinâmicos vivenciados por grupos sociais, facilitar os processos de mudança em um determinado grupo e possibilitar pesquisas mais profundas para entender o comportamento de grupos sociais e de particularidades dos indivíduos (Richardson, 2008).

As etapas de um método qualitativo podem ser entendidas como: i) procedimento de coleta de dados (que podem ser observações, entrevistas, documentação ou análise de material de áudio e vídeo); ii) procedimento de registro de dados (observação, protocolo de entrevista, anotações manuscritas em áudio e vídeo ou documentação); III) o processo de análise de dados vai além da própria análise e envolve todo o trabalho de preparação do material para analisá-lo até chegar à própria etapa de análise detalhada; v) uma discussão de como esses resultados foram organizados e, nesta etapa, os autores elencam as características da narrativa qualitativa (Oliveira; Oliveira; Corrêa, 2021).

A triangulação é um dos critérios propostos por Bauer e Gaskell (2004). Eles também escrevem sobre o uso da triangulação como método de descoberta de inconsistências e contradições, resultando em reflexões sobre o tema. Esse é apenas um dos critérios sugeridos por aqueles que argumentam que a pesquisa qualitativa deve desenvolver seus próprios padrões e regras, se quiser demonstrar sua autonomia como uma tradição de pesquisa.

3.2 PESQUISA QUALITATIVA-INTERPRETATIVISTA

A pesquisa qualitativa é a prática de analisar, observar, descrever e interpretar fenômenos para entender seu significado. Mayring (2002) delinea a pesquisa qualitativa como um processo de adaptação, ao invés de ser padronizado ao objeto de pesquisa, que possui características comunicativas, e está inserida em um contexto metodológico e técnico que suporta características processuais e reflexivas:

[...] a pesquisa qualitativa responde a questões referentes a um conjunto de fenômenos humanos entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes (Minayo, 2009, p. 21).

Assim, esse tipo de pesquisa pressupõe o recurso a entrevistas e observação detalhada (método interpretativo), análise de casos específicos, valorização de descrições individualizadas e recurso a narrativas históricas, material biográfico e autobiográfico. Nesse sentido, a pesquisa qualitativa vai além das informações fornecidas e/ou coletadas, ou seja, busca aprofundar o conhecimento sobre o objeto de estudo.

Embora a pesquisa qualitativa esteja emaranhada com a subjetividade do pesquisador, intérprete dos problemas em que se mete, é preciso ressaltar que o valor científico dessa pesquisa depende fundamentalmente da descrição do que ele observa. O fato de o pesquisador realizar pesquisas lhe dá a oportunidade de interpretar esses fenômenos de forma significativa e correta (Rodrigues; Oliveira; Santos, 2021).

De posse dos dados gerados, os pesquisadores deparam-se com uma série de observações, entrevistas e análises de documentos relacionados às suas experiências de pesquisa e ao ambiente em que foi realizada. Para análise, o pesquisador tem diferentes representações e símbolos, apresentados como um conjunto de informações que precisam ser interpretadas e conectadas com a literatura existente, a fim de estender o conhecimento atual e traduzi-lo em novas normas sociais, que são as construções básicas dos pesquisadores de normas sociais (Rodrigues; Oliveira; Santos, 2021).

Nesse vasto espaço que acomoda a pesquisa qualitativa, no exercício interpretativo que a caracteriza, o pesquisador deve se preocupar não apenas em escolher entre um método ou outro, mas em utilizar o método que o leve a seu propósito, com criatividade, responsabilidade e rigor científico. Afinal, ao longo dos anos, a pesquisa qualitativa provou sua contribuição indiscutível e deu asas a quem ensina, aprende, cria e recria histórias e ciência (Brasil *et al.*, 2018).

Em consonância com o paradigma interpretativista, surgido como alternativa ao Positivismo, não há como observar o mundo independentemente das práticas e significados sociais vigentes. Além disso, e mais importante, a capacidade de compreensão do observador está enraizada em seu próprio significado, pois ele não é um repórter passivo, mas um agente ativo (Bortoni-Ricardo, 2008).

Pode-se dizer que o foco da pesquisa interpretativo-qualitativa é a interpretação que o pesquisador faz de seus dados. O que importa aqui não são números absolutos, generalizações e porcentagens, mas a interpretação — a "interpretação" dos dados dos pesquisadores. A pesquisa interpretativa não busca descobrir leis gerais por meio de generalizações estatísticas, mas estudar detalhadamente situações específicas para poderem ser comparadas com outras situações, bem como analisar a especificidade da variação linguística da Comunidade Kalunga Vão do Moleque.

Entendemos também que, durante a análise, o pesquisador só pode inferir informações aprofundadas sobre o contexto sociocultural em que vive — por isso, esse estudo precisa ser realizado primeiramente pelo professor — o pesquisador (Bortoni-

Ricardo, 2008).

Erickson (1986, p. 119), notável pesquisador educacional, prefere o termo pesquisa interpretativa para se referir a toda uma gama de métodos de pesquisa observacional participante em vez de pesquisa qualitativa, por considerar mais abrangente e evitar essa ideia, ou seja, de que não é de natureza quantitativa; sua proposta aponta para o interesse central deste estudo, que é o significado humano em seu contexto social e sua elucidação e elaboração por seus pesquisadores.

Para Erickson (1986, p. 121), a pesquisa interpretativa abrange: a) envolvimento intenso e extenso com o contexto da pesquisa; b) documentação cuidadosa do que aconteceu naquele contexto e outras fontes de evidência (por exemplo, notas, documentos), e exemplos do que o sujeito fez (gravações de áudio ou vídeo); c) análise reflexiva de todos esses registros, evidências e descrições detalhadas (ou seja, transcrições narrativas e escritas, usando as palavras do sujeito).

Em uma visão interpretativista, a normalização é usada para explicar a realidade distorcida e é construída pelos próprios procedimentos investigativos.

3.3 ETNOGRAFIA

Etnografia, palavra derivada de dois prefixos grego *graf(o)*, *ethnos* (*ethnos* = “sentimento de pertencimento a um povo ou grupo”) significa escrever; retrata de forma particular uma etn(o) ou sociedade específica. Antes que os pesquisadores se empenhassem em um estudo mais sistemático de uma sociedade em particular, eles registravam toda forma de informação sobre indivíduos desconhecidos. A Etnografia é uma ocupação da Antropologia, com o objetivo de examinar e descrever os povos, suas línguas, raças, religiões e manifestações materiais de suas atividades (Mattos, 2011).

A pesquisa etnográfica tem suas raízes na Sociologia e na Antropologia e enfoca o contexto social pela perspectiva dos participantes. Em qualquer pesquisa contextualizada e substantiva, todos os contextos sociais dos participantes (participantes-observadores incluídos aqui) são levados em consideração (Moita-Lopes, 1994). Portanto, é uma das metodologias utilizadas, visto ser necessário que o pesquisador adentre a realidade social dos participantes da pesquisa além da comunidade.

A Etnografia desenvolveu-se no final do século XIX e início do século XX como

uma tentativa de obter uma visão mais abrangente de como as pessoas viviam. Apareceu pela primeira vez em livros de viagens, descrevendo sociedades exóticas. Muitos desses livros foram criticados por serem incompletos ou exagerar demais os fatos descritos. Apresenta-se ainda um estudo de caso desse período de final e início de outro século que descreve o modo de vida destes povos exóticos, introduzindo, assim, a Etnografia que dele se desenvolveu. Um dos marcos históricos da Etnografia é a obra de Margaret Mead (1928), uma monografia sobre o estudo da educação desenvolvida na Universidade de Colúmbia, que permanece como um marco etnográfico até hoje. No entanto, a Etnologia ainda serve de suporte para a Etnografia moderna (Mattos, 2011)

A Etnografia é o estudo dos padrões mais previsíveis de percepção e comportamento exibidos pelos sujeitos em suas vidas cotidianas. Também estuda fatos e eventos difíceis de prever ou manifestar, especialmente no contexto de uma determinada interação entre pessoas ou grupos de pessoas. Na Etnografia, esses grupos sociais ou modos de vida das pessoas são vistos de forma holística para revelar o significado cotidiano do comportamento das pessoas. O objetivo é registrar, monitorar e encontrar significado nas ações (Mattos, 2011).

A Etnografia é um processo guiado principalmente pelo senso de questionamento do etnógrafo. Dessa forma, o uso de técnicas e procedimentos etnográficos não segue padrões rígidos ou pré-determinados, mas direciona-se pela sensibilidade do etnógrafo, desenvolvida no decurso do trabalho de campo no contexto social do estudo. As ferramentas de coleta e análise, usadas neste método de pesquisa, geralmente precisam ser desenvolvidas ou recriadas para atender às realidades do trabalho de campo. Na maioria das vezes, portanto, o processo de pesquisa etnográfica é explícita ou implicitamente determinado pelas perguntas que o pesquisador faz (Mattos, 2011).

A Etnografia como método de pesquisa científica trouxe várias contribuições para o campo da pesquisa qualitativa, especialmente pesquisas interessadas em desigualdades sociais, processos de exclusão e contextos de interação social, por uma série de razões. Envolve estudos holísticos ou dialéticos. Trata-se de uma análise da cultura, na qual a cultura é vista não como um mero reflexo das forças sociais estruturais, mas como um sistema de significado mediador entre as estruturas sociais e o comportamento e a interação humana (Mattos, 2011)

A Etnografia está interessada no significado local desses grupos particulares de

peças. Existe esse interesse geral, mas também um interesse por estudos de casos locais, muito específicos para entender as implicações da organização de populações peculiares, comparadas a todas outras formas de ser e de se comportar como conhecemos os humanos (Mattos, 2011)

Para Erickson (1986), a pesquisa de base etnográfica quer responder a quatro perguntas: 1) O que está acontecendo no contexto da pesquisa? 2) Como é organizado o evento? 3) O que significa para os participantes? 4) Como eles se comparam a outros em diferentes contextos? Em última análise, os pesquisadores querem entender o que os atores do contexto social constroem para poder entender tais atores (Moita-Lopes, 1994).

Esse autor introduz o conceito de Etnografia e desenvolve os vários aspectos envolvidos no trabalho etnográfico, informando que Etnografia significa: 1) focar na análise holística ou dialética da cultura; 2) trazer atores sociais para engajar e modificar estruturas sociais de forma ativa e dinâmica; 3) concentrar-se em descobrir relacionamentos e interações importantes para promover um comportamento reflexivo de pesquisa, tanto por pesquisadores quanto por sujeitos (Mattos, 2011).

Para Geertz (1989), praticar a Etnografia é mais do que construir relações, selecionar informantes, transcrever textos, construir genealogias, mapear territórios e manter um diário, o que define o tipo de empreendimento intelectual que ela representa: descrição intensiva.

A principal preocupação da Etnografia é obter uma descrição tão completa quanto possível do comportamento de um determinado grupo de pessoas e do significado das próprias percepções imediatas do que fazem; é permitir a comparação etnográfica. É o conjunto de significantes com base nos quais eventos, fatos, ações e contextos são produzidos, percebidos e interpretados, e sem os quais não existiriam como categorias culturais. Esses conjuntos de significantes nos apresentam como estruturas inter-relacionadas com múltiplos níveis de interpretação (OGBU, 1981). A Etnografia é a escrita do visível. A descrição etnográfica depende dos poderes de observação do etnógrafo, sensibilidade para com os outros, conhecimento do contexto da pesquisa, inteligência e imaginação científica (Mattos, 2011).

Assim, o etnógrafo tem um duplo papel: participante e observador. Por um lado, ele tinha que se encaixar no grupo e "se encaixar". Por outro lado, ele deve ser capaz de observar, interpretar, discernir, desenvolver uma perspectiva holística. Como observadores e participantes, os etnógrafos não estão separados do fenômeno de

interesse, eles influenciam e são influenciados pelos dados em todas as etapas de observação, interpretação e descrição (Taftt, 1988, p. 72). A grande vantagem de ser um observador participante parece ser, ao mesmo tempo, uma grande dificuldade que um pesquisador participante enfrenta. Ao tentar "pertencer" à cultura em estudo, ele ou ela também deve ser capaz de "vê-la de fora", explicá-la, descrevê-la.

Portanto, a Etnografia é o instrumento capaz de fazer compreender o contexto social das pessoas, que saem da comunidade Kalunga Vão do Moleque, por meio de uma imersão em suas práticas socioculturais; analisando, assim, o contexto dos fenômenos estudados a partir das pessoas que saíram da Comunidade Kalunga Vão do Moleque.

3.4 AUTOETNOGRAFIA

Autoetnografia deriva do grego *auto* (ego = "em si mesmo"), *ethnos* (ethnos = "sentimento de pertencimento a um povo ou grupo") e *grapho* (escrever = "forma construída de escrita"). Portanto, apenas no estudo de suas origens, a palavra nos designa um determinado tipo de ação em virtude da forma como é conduzida, ou seja, refere-se ao modo como se constrói uma história ("escrita"), sobre um grupo de pessoas ao qual uma pessoa pertence ("uma nação"), de "si mesmo" (Santos, 2017).

Grosso modo, podemos dizer que a Autoetnografia é uma abordagem contínua e equilibrada dentro do "Modelo Triplo" (Chang, 2008 *apud* Santos SMA, 2017), que se apoia em três orientações: a primeira é a orientação metodológica, baseada no etnográfico e analítico; a segunda é uma a orientação cultural, que se baseia na interpretação de fatores experienciais (da memória), fatores da relação entre o pesquisador e o objeto da pesquisa, e fatores dos fenômenos sociais investigados; a terceira é a orientação do conteúdo, baseando-se na combinação de autobiografia e personagens reflexivos (Santos SMA, 2017).

Isso sugere que a reflexividade desempenha um papel muito importante no modo de pesquisa autoetnográfica, pois exige que o pesquisador reconheça, avalie e revise constantemente suas próprias contribuições/influências/formas de pesquisa intersubjetiva e suas descobertas (Santos SMA, 2017).

A especificidade do método autoetnográfico reside, portanto, na definição do conteúdo da pesquisa e no desenvolvimento da pesquisa (por exemplo, memória e fontes, como autobiografia e histórias de vida) e nos fatores relevantes que surgem

durante a investigação (experiências de outros sujeitos, obstáculos devido à variação de proximidade com o assunto escolhido etc.) (Santos SMA, 2017).

Em outras palavras, o que se destaca nessa abordagem é a importância das narrativas e experiências pessoais do sujeito e do autor, considerando os fatos do papel político do autor em relação ao assunto, à escolha do autor de influência e à direção da investigação e de sua progressão possível. Tudo isso está diretamente ligado a uma consciência das características da política e da mudança que esta abordagem apresenta ao dar voz e apoiar quem fala (Santos, 2017).

Assim, a Autoetnografia é um método que pode ser usado na pesquisa e na escrita porque sugere a descrição e análise sistemática de experiências pessoais para compreender a experiência cultural (Ellis, 2004). Dessa forma, os pesquisadores usam princípios de autobiografia e de Etnografia para produzir e escrever Autoetnografia. Como método, a Autoetnografia torna-se tanto um processo quanto um produto de pesquisa (Ellis; Adams; Bochner, 2011).

A Autoetnografia é um método de pesquisa que: a) usa as experiências pessoais do pesquisador para descrever e criticar crenças, práticas e experiências culturais; b) reconhece e valoriza a relação do pesquisador com 'outros' (sujeitos de estudo), e a autorreflexão cuidadosa, aqui entendida como reflexividade, referenciando e questionando as interseções entre o pessoal e o real político, sujeito e sociedade, micro e macro (Santos, 2017).

Diante de tudo que foi exposto anteriormente, evidencia minha postura e dificuldade na pesquisa por ser pesquisador e pertencer à Comunidade, vivenciar as mesmas experiências dos participantes e, ao mesmo tempo, saber explicar e descrever os fenômenos analisados.

3.5 ENTREVISTA NARRATIVA

A entrevista narrativa é uma ferramenta investigativa desenvolvida na Alemanha, na década de 1980, por Fritz Schütze (Schütze, 1992a; 1992b), que argumentou serem os procedimentos efetivos de pesquisa qualitativa da época rígidos e incapazes de representar fielmente os fenômenos sociais sob investigação. Ela é imposta por suas ferramentas, que orientam e limitam as respostas dos participantes e, assim, sua atuação (Ravagnoli, 2018).

As entrevistas narrativas destacam-se pelo uso de ferramentas não

estruturadas, voltadas para a exploração aprofundada de aspectos específicos. Nesse contexto, surgem relatos entrelaçados das experiências de vida do entrevistado e do cenário circundante. O propósito fundamental desse método de entrevista é estimular o participante a compartilhar detalhes significativos de sua trajetória pessoal e do ambiente social ao qual está inserido (Muylaert *et al.*, 2014).

A narrativa implica postura participativa do autor diante das questões da vida e do social. Nesse sentido, há contato entre os interlocutores. Por outro lado, a descrição preocupa-se com a posição de observação, ou seja, revelar o fato em si sem necessariamente invocar a interface entre o fato e o sujeito a ele pertencente na conjugação do discurso (Muylaert *et al.*, 2014).

Nas entrevistas narrativas, nossa memória é considerada seletiva, lembramos o que "podemos" e alguns eventos são esquecidos, intencionalmente ou não. Nessa perspectiva, o que importa é o que a pessoa registrou em sua história, o que viveu, o que é real para ela, não os fatos em si (passado *versus* história) (Muylaert *et al.*, 2014).

Assim, o comportamento dos entrevistadores é fundamental para os resultados da narrativa, o que pode ser problemático se houver mais de um entrevistador no mesmo estudo, pois o método leva em consideração a interação entre o pesquisador e o participante da pesquisa. Se houver múltiplos entrevistadores, deve haver um diálogo constante entre os pesquisadores para coordenar possíveis questionamentos e comunicar para enriquecer a pesquisa, pois cada etapa é elaborada coletivamente (Campos, 2010).

Também é importante que o pesquisador acolha o participante e ouça atentamente as pistas, para captar as senhas que servem como portal de acesso do participante de pesquisa. Para obter bons resultados, os pesquisadores devem ter forte capacidade de interagir com os outros, disponibilidade mental para ouvir e habilidades para escrever sobre experiências analíticas (Campos, 2010). Outro fator relevante a ser observado é a extensão da narrativa, que pode ser maior ou menor dependendo do pesquisador, participante ou contexto social, pois revela aspectos que devem ser analisados em cada caso (Muylaert *et al.*, 2014).

Nessa perspectiva, narrativa preconiza questões geradoras entre suas ferramentas de geração de dados. Essa aproximação com o sujeito da pesquisa sugere captar a fala de um local distinto da entrevista semidirigida, que utiliza um roteiro semiestruturado com perguntas explícitas, preferencialmente limitadas a determinado assunto investigado (Muylaert *et al.*, 2014).

A principal característica da entrevista narrativa é que o pesquisador não interfere no processo de relato do entrevistado. O papel do pesquisador é fazer ao entrevistado uma pergunta generativa que não visa a uma resposta específica e encoraja a narrativa extemporânea, isto é, a narrativa extemporânea ao invés de elaborar de antemão. Diferentemente de outras modalidades de entrevista, o pesquisador não formula questões indexadas com referências explícitas, mas apresenta um tema sobre a realidade investigada para que o entrevistado possa desenvolvê-lo da forma que julgar conveniente ao relatar. Desse modo, o narrador deixa rastros de sua experiência vivida, a estrutura processual de seu percurso de vida (Ravagnoli, 2018).

A participação do pesquisador deve-se à sua sintonia com o ambiente em que ocorre a entrevista. Essa harmonia facilita a construção de dados mais próximos da veracidade da realidade investigada, que, como mencionado anteriormente, é entendida aqui como uma relação internamente consistente entre pesquisador, participante e público (Ravagnoli, 2018).

Para interpretar as experiências expressas pelos indivíduos em entrevistas narrativas, Schütze (1992a; 1992b) propôs seis procedimentos analíticos: (i) transcrição detalhada de material oral (o quê, quando, onde e por quê) e texto não indexado (descrevendo como o evento foi vivenciado e sentido, e valores inerentes e perspectivas dos entrevistados) atribuído ao evento; argumentos e reflexões sobre os eventos vividos; (iii) hierarquização dos eventos, com base no material indexado: como as trajetórias de experiências expressas pelos entrevistados moldaram suas respectivas narrativas; (iv) análise do conhecimento com base em material não indexado: os respondentes sugeriram teorias e reflexões que representam sua autocompreensão dos eventos que vivenciaram; (v) agrupamento e contraste entre trajetórias individuais: elucidação das categorias utilizadas nas falas dos participantes e seus antagonismos, objetivando destacar os elementos constitutivos das experiências individuais e subsidiar procedimentos subsequentes, (vi) desenvolvimento de procedimentos com base no modelo de experiências individuais.

As entrevistas deste trabalho foram baseadas na entrevista narrativa, os participantes narraram suas trajetórias fora da comunidade e em diferentes cidades e espaços, algumas presenciais, outras foram por rede social, devido ao distanciamento da localização geográfica dos participantes e da pesquisadora. As entrevistas foram inicialmente organizadas por meio de roteiros, entretanto, as narrativas foram fluindo

e houve pouca interferência pela forma que foram realizadas.

3.6 RELATO ORAL/ HISTÓRIA ORAL

Conforme a perspectiva de Queiroz (1988), uma narrativa de vida é conceituada como o relato de um narrador sobre sua trajetória ao longo do tempo, buscando reconstruir os eventos vivenciados e compartilhar a experiência adquirida. Vale ressaltar que, de acordo com essa abordagem, tais relatos não têm sua representação tradicional em obras literárias.

Assim, o narrador é imaginado como alguém que vem de longe, mas também escuta com prazer para conhecer as tradições e histórias de seu próprio país. Portanto, a memória é de suma importância como meio e processo de invocar e (re)estabelecer conexões entre o presente e o passado, o indivíduo e a sociedade (Magalhães, 2002).

Portanto, é necessário induzir um estado semelhante entre o presente e o passado, e saber ler os sinais que dele emanam. Imagens do passado brilham e piscam no presente, porque o passado não está morto e sem vida. Se os esforços para essa reunião reinicializada forem bem-sucedidos, ambas as partes se informarão. Portanto, isso não significa cavar no passado apenas para descobrir identidades perdidas nele. Devido à existência misteriosa, em certo sentido, esses sinais costumam ser difíceis de captar e entender (Magalhães, 2002).

Assim, o espaço do discurso, o discurso, pode desencadear a prática dos sujeitos em suas próprias histórias e, quando lutam pelo poder na sociedade, eles também pensam sobre sua direção, seu desejo de totalidade, segurança, proteção, aventura, apontando os direitos que devem ser abertos e acessíveis aos demais (Magalhães, 2002).

Considerando que a evocação do passado é a base da memória, pode-se inferir que, em relação à história, a memória constitui uma forma de preservar e evitar que o tempo seja esquecido e perdido. Assim, história e memória sustentam identidades individuais e coletivas por meio de inter-relações dinâmicas (Neves, 2000).

O ato de recordar faz parte, assim, de uma multiplicidade de possibilidades de articulação de representações e de reafirmação de identidades em dinâmicas históricas. A memória torna-se, assim, a base da identidade, referindo-se a comportamentos e estados de espírito coletivos, pois as memórias individuais — especialmente aquelas pautadas por perspectivas históricas — são associadas às

inserções sociais e históricas de cada testemunha (Neves, 2000).

O processo de criação de padrões de memória — pessoas, eventos, monumentos, objetos, narrativas orais e escritas, imagens e assim por diante — não é automático, conspiratório ou envolve tradições harmoniosas. Envolve relações políticas em torno de projetos sociais, também permite definir esses itens a partir de como se estabelece a relação entre o presente e o passado. Espaços diferenciados, tempos relativos e conflituosos devem ser captados pelo trabalho da memória para que o que está à mão seja questionado, ampliado e potencialmente compreendido no presente (Magalhães, 2004).

A história oral traz a história de volta para as pessoas em suas próprias palavras. Ao dar a elas um passado, você também as ajuda a se mover em direção a um futuro que elas mesmas criaram (Thompson, 1998, p. 337). É possível, então, estabelecer duas formas possíveis de relacionar a história com a memória. Em primeiro lugar, a história pode ser considerada como o alimento da memória e, ao mesmo tempo, a memória pode ser considerada como uma das fontes de informação para a construção do conhecimento histórico. No segundo caso, a história assume uma dimensão específica de cultura aprendida, preocupada com a produção de evidências e, portanto, com a função destruidora da memória espontânea (Neves, 2000).

Assim, os lugares de memória podem ser vistos como pilares da identidade social e funcionam, por assim dizer, para evitar que o presente se torne um processo contínuo, desvinculado do passado e descomprometido com o futuro.

Ao concluir este capítulo sobre história oral como método de pesquisa, torna-se evidente o valor intrínseco e a profundidade que essa abordagem pode agregar ao estudo histórico. Através da análise de narrativas pessoais e testemunhos vivos, a história oral nos oferece uma janela única para compreender eventos passados de uma perspectiva humana e subjetiva. Ao invés de simplesmente registrar datas e eventos, ela nos permite mergulhar nas experiências individuais, nas emoções e nas nuances que moldaram a história de uma comunidade ou de um período específico.

No entanto, é importante reconhecer os desafios e as complexidades inerentes a esse método, desde questões de viés e memória até preocupações éticas relacionadas à representação e interpretação das histórias compartilhadas. Ainda assim, ao enfrentar tais desafios com sensibilidade e rigor metodológico, a história oral continua a ser uma ferramenta poderosa para preservar e dar voz às narrativas

marginalizadas, enriquecendo assim nossa compreensão coletiva do passado.

4 QUILOMBO KALUNGA: HISTÓRIA, MEMÓRIA

Neste capítulo, faço uma abordagem histórica do estado de Goiás até o Quilombo Kalunga, para entender em que contexto surgiu o Quilombo e por qual motivo ainda é uma comunidade isolada. Aqui também há abordagens teóricas capazes de embasar essa pesquisa da melhor maneira possível, a fim de subsidiar uma análise sociolinguística de boa qualidade.

4.1 A HISTORICIDADE DO ESTADO DE GOIÁS

Goiás é o estado da região Centro-Oeste do Brasil. Possui uma área de 340.100 km², ocupando, assim, em questões dimensionais, o 3º lugar dessa localidade e, em nível nacional, o 7º lugar. Com uma população de 7.113. 540, fica em primeiro lugar na categoria ocupacional e em terceiro no país. Sua capital é a cidade de Goiânia com um pouco mais de 1 milhão e 500 mil habitantes. Possui alto índice de Desenvolvimento Humano, sendo o 10º do Brasil.

A história desse estado começa no período pré-colonial. Os ocupantes da época eram Avás-Canoeiros e Tapuias. A descoberta de ouro em Minas Gerais foi um dos primeiros passos para o desbravamento dessa região. Dessa forma, no fim do século XVII e início do XVIII, expedições de bandeirantes descobriram as primeiras minas de ouro no território de Goiás. Sabe-se que eles tinham o objetivo de encontrar ouro no interior do país e às margens do Rio São Francisco. Assim, as primeiras expedições saíram de São Paulo em direção ao Noroeste, seguindo uma trilha de índios chamados de “Caminho dos Goiazes”. Nesse mesmo período, chegaram na região os missionários vindos do norte do país. Por esse motivo, Bartolomeu Bueno da Silva foi um dos primeiros bandeirantes a chegar no local. Desse modo, Bartolomeu obteve sucesso com ida ao sertão no interior do Brasil, dado que conseguiu capturar muitos índios e ainda encontrar ouro naquele espaço, fazendo que outros exploradores fossem para o lugar. Partindo desse fato, o filho de Bueno (Bartolomeu Filho) fundou o primeiro povoado da região chamada de Barra, hoje conhecido como Buenolândia (município). Além disso, também fundou o Arraial de Santana, sendo chamado posteriormente de Vila Boa e, mais tarde, de Cidade de Goiás (capital da região).

De acordo com Oliveira (2004, p. 34):

É costume dizer que o descobridor de Goiás foi o Anhanguera Filho. Isso não significa que ele foi o primeiro a vir a Goiás, e ao hoje estado do Tocantins, mas sim que ele foi o primeiro a vir à região com intenção de se fixar aqui. Sabe-se que pelo menos 14 bandeiras estiveram por aqui antes dele. Isso se deu dentro de uma conjuntura do descobrimento do ouro no Brasil.

Assim, o portal do Governo de Goiás (2019) reforça que Bartolomeu Bueno da Silva, conhecido como o Anhanguera (Figura 1), foi o primeiro bandeirante a ocupar Goiás. Entretanto, o estado era conhecido e fazia parte da rota dos bandeirantes já no primeiro século da colonização do Brasil. As primeiras bandeiras eram de caráter oficial e destinadas a explorar o interior em busca de riquezas minerais; e outras empresas comerciais de particulares eram organizadas para captura de indígenas. A bandeira saiu de São Paulo em 3 de julho de 1722, o caminho já não era tão difícil como nos primeiros tempos. Três anos depois, os bandeirantes voltaram triunfantes a São Paulo, divulgando a descoberta de cinco córregos auríferos, minas tão ricas quanto as de Cuiabá, com ótimo clima e fácil comunicação. Pouco tempo depois, os bandeirantes organizaram uma outra expedição para a exploração do novo território, tendo Bartolomeu, agora, como superintendente das minas, e João Leite da Silva Ortiz, como guarda-mor. A primeira região ocupada, como já dito, foi a do Rio Vermelho, onde foi fundado o arraial de Sant'Ana, posteriormente chamado de Vila Boa e, mais tarde, de Cidade de Goiás.

Figura 1— Estátua de Anhanguera Filho – Goiânia (GO)



Fonte: Oliveira (2004, p. 4)

Além disso, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (IBGE, 2017), o nome Goiás origina-se da denominação da tribo indígena "guaiás", que quer dizer "indivíduo igual, gente semelhante, da mesma raça". Alguns historiadores apontam que o bandeirante Bartolomeu Bueno da Silva, o Anhanguera, foi o explorador de Goiás, visto que foi o primeiro a se fixar no estado. Em outubro de 1725, após três anos da saída dos bandeirantes de São Paulo para lá, eles retornam com a descoberta de minas e córregos auríferos. Meses depois, organiza-se nova bandeira para ver e explorar tais minas e córregos, liderada novamente por Bartolomeu e João Leite da Silva Ortiz, seu guarda-mor. A primeira região ocupada foi a do Rio Vermelho, onde foi fundado o Arraial de Sant'Ana, mais tarde chamado de Vila Boa e depois de Cidade de Goiás, como exposto acima.

Nessa lógica, em 1809, a formação inicial do território foi transformada, pois o Estado foi obrigado a ceder terras para Minas Gerais. Em 1930, já na República, a região tornou-se próspera, por conta da agricultura e da expansão das ferrovias. Como resultado, em 1932, foi iniciada a construção da nova capital do estado (Goiânia), inaugurada em 1942 (Figura 2).

Figura 2 – Mapa de antes da Promulgação, em 1943



Fonte: Polon (2019)

Nessa conjectura, com a escolha do Planalto Central e a construção de Brasília, o estado desenvolveu-se ainda mais. Em 1988, com a promulgação da Constituição brasileira, Goiás perdeu cerca de 40% de seu território para a formação do estado do Tocantins (Figura 3).

Figura 3: Mapa atual, de 1988



Fonte: Polon (2019)

A formação do estado de Goiás deu-se por conta dos avanços dos bandeirantes em busca de ouro e do aprisionamento de índios, que haviam fugido do modelo de relação de dominação, o escravagista. E, posteriormente, encontrando ouro, o que chamou a atenção de outros indivíduos, formando outras cidades, como, por exemplo, Cavalcante-Goiás, que hoje é uma cidade de extrema importância histórica, cultural e biodiversidade, tanto para região como para o país.

4.2 JORNADA DE CAVALCANTE-GO

A primeira ocupação no território de Cavalcante ocorreu em 1736 pelo garimpeiro Julião Cavalcante e seus companheiros, que estavam em busca de ouro.

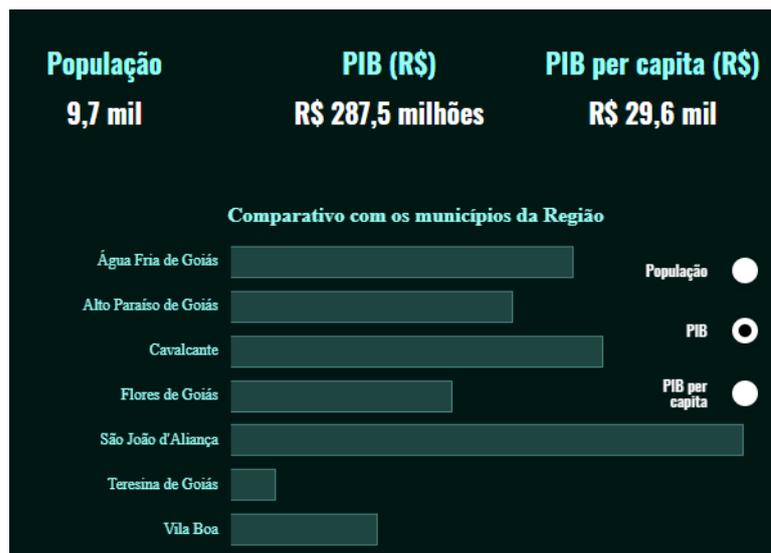
A notícia da descoberta de uma imensa mina de ouro à margem do córrego Lava Pés, na serra da Cavalhada, atraiu numerosos garimpeiros, iniciando-se o povoado com o nome de Cavalcante em homenagem ao fundador e colonizador. Em 1740, foi fundado oficialmente o arraial de Cavalcante, elevado à categoria de freguesia em 1759. Com a decadência do metal precioso no arraial de São Félix, transferiu-se para Cavalcante a casa de fundição de ouro, em 1794, sendo extinta em 1806 por tornar-se deficitária. Com o declínio do ouro, o município passou a se dedicar a atividades como a agricultura e a pecuária. Durante algum tempo, o município foi um dos maiores exportadores de farinha de trigo para os Estados Unidos. O território municipal abrangia quase todo o nordeste goiano, desde o município de Formosa (antigo Arraial dos Couros) até o município de Arraias, em Tocantins (IBGE, 2017).

Situado ao norte da Chapada dos Veadeiros, em Goiás, Cavalcante é um município riquíssimo em biodiversidade e em história cultural. Sua origem remonta ao século 16, quando, em 1736, a busca por ouro levou o garimpeiro Julião Cavalcante à região e à descoberta de imensa e profunda mina às margens do córrego Lava Pés, na Serra da Cavalhada. A notícia atraiu aventureiros de todo o País, e assim, por motivo de tesouro, nasceu o povoado, batizado com o sobrenome de seu fundador. Além da riqueza exuberante do solo, da vegetação e da fauna dessa área do Cerrado brasileiro, que fazem da região uma reserva natural do planeta, Cavalcante hospeda a maior população quilombola do Brasil dentro do Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga. Descendentes dos primeiros escravos que, fugidos do cativeiro, organizaram quilombos, mantendo identidade e cultura própria e vivendo isoladamente, os kalunga ocupam 235 mil hectares de Cerrado protegido (Prefeitura Municipal de Cavalcante, [2018]).

De acordo com Araújo Sobrinho, Alves e Viera (2015), a partir da decadência do ouro, o município passou a ter a produção agrícola como sua principal fonte de sustentação econômica, com destaque para a produção do trigo. Em 1780, existiam quatro engenhos de trigo na província de Goiás e, em 1861, Goiás exportou 777 alqueires de farinha de trigo. Desses, 66% foram originários de Cavalcante, que recebeu o prêmio de primeiro lugar na Exposição Internacional de Produtos Agrícolas na Filadélfia. A exploração do ouro e a produção agrícola implicaram a vinda de escravos, que fugiram para os vãos de serras e planaltos, formando os quilombos que hoje fazem parte do Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga. O território Kalunga abriga as comunidades de remanescentes de quilombos em uma área de 253.191,72 hectares, em três municípios goianos — Teresina, Monte Alegre e Cavalcante.

Com essa estrutura, o PIB *per capita* de Cavalcante é de R\$ 29,6 mil, valor igual à média do estado (R\$ 29,7 mil), mas superior à grande região de Luziânia — Águas Lindas de Goiás (R\$ 16,2 mil) e à pequena região de Flores de Goiás (R\$ 23,6 mil), como ilustrado na Figura 4 (Caravela, 2022).

Figura 4 — População: PIB e Renda



Entretanto, “apesar do passado de apogeu econômico, do patrimônio geográfico e cultural do Território Kalunga e da Chapada dos Veadeiros, além da proximidade com a capital do país, Cavalcante possui baixos índices de desenvolvimento social” (Araújo Sobrinho; Alves; Viera, 2015). Com a maior população vivendo em área rural e baixa infraestrutura, a cidade precisa de muita atenção, que se voltem para as políticas públicas e que abracem as pessoas mais vulneráveis, como os Quilombolas.

4.3 HISTÓRIA DA FORMAÇÃO DOS QUILOMBOS KALUNGA DOS MUNICÍPIOS DE TERESINA DE GOIÁS, MONTE ALEGRE DE GOIÁS E CAVALCANTE DE GOIÁS: DO TOTAL ISOLAMENTO ATÉ OS DIAS ATUAIS

Como apresentado anteriormente, a formação do estado de Goiás foi sendo desenvolvida ao longo de seu processo de ocupação e, devido às questões históricas, políticas e econômicas, outros espaços e ramificações foram formados e se consolidaram, como por exemplo o Quilombo Kalunga. Diante disso, sabe-se que a

formação dos quilombos se deu devido às condições precárias e de violência que os negros escravizados viviam. Assim, esses locais propagavam o significado de resistência, busca por dignidade e fuga de trabalhos forçados. O Quilombo Kalunga foi formado há mais de 300 anos no estado de Goiás, sendo um dos mais antigos do país.

Talarico (2011) diz que os Kalunga são considerados os mais representativos e significativos remanescentes de quilombos do país, em números populacionais e território contínuo, e têm, em sua terra e modo de viver, os traços da cultura africana e da história afro-brasileira, que ainda permanecem desafiando os pesquisadores e resistindo às influências da pós-modernidade.

Nessa lógica, nos últimos 30 anos, a comunidade sofreu transformações; casas/cabanas de palha estão aos poucos sendo substituídas por alvenaria, além da tecnologia que também adentrou no espaço, buscando e visando à qualidade de vida e ao conforto para aquela população. Todavia, sabe-se que ainda precisa muito de melhorias. O local abriga mais de 8 mil pessoas, uma parte recebe assistência financeira do governo. Porém, muitos desses quilombolas estão em situação de vulnerabilidade socioeconômica. Outras fontes de renda para esse povoado são o artesanato e a tecelagem, as mulheres exercem essa função.

Além disso, com a tentativa de acelerar o desenvolvimento, foi empregado na região o programa de agricultura familiar, visto que, tradicionalmente os Kalungas plantavam para o próprio consumo. Hoje esses mesmos alimentos são vendidos para a Companhia Nacional de Alimentos (CONAB), onde viram insumos para merenda escolar.

Mas, por que eles se chamam Kalunga? Assim, com k, Kalunga foi como passaram a ser chamados todos os moradores daquele território, depois que se descobriu, há não muitos anos, que eles tinham uma mesma história comum, como iremos contar mais adiante. Mas, escrito com C, calunga é uma palavra de muitos sentidos, que se incorporou à língua do povo brasileiro (MEC/SEC, 2001). Entretanto, o nome Kalunga com “K” significa lugar sagrado de proteção.

Todavia, a trajetória dos Kalunga foi a fuga para a liberdade para o território onde vivem até hoje, muitas vezes, isolados sem ajuda dos governos, lugar esse isolado mas sagrado porque foi lá que nos refugiamos e escondemos dos troncos nos vales de serras e beira de rios. Porém, sabe-se que, comparando ao que era antes, várias conquistas na comunidade foram sendo emergidas, como por exemplo, a escola, que

tem hoje de nível Fundamental I e uma de nível Fundamental II.

Costa (2013) diz que para tentar garantir os direitos de seus residentes, em 1999, foi criada a Associação Quilombo Kalunga (AQK), com o objetivo de defender e representar o povo Kalunga. Somos uma organização comunitária formada por moradores do Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga, o maior território quilombola do Brasil, onde moram cerca de duas mil famílias, aproximadamente oito mil pessoas. Conhecidos também como Associação Mãe, congregamos as comunidades Kalungas dos municípios de Cavalcante, Teresina de Goiás e de Monte Alegre de Goiás; e outras associações menores, como a Associação dos Guias Kalungas de Cavalcante, organizadas em mais de 20 comunidades e 42 localidades, que mantêm viva nossa cultura.

De acordo com Talarico (2011, p. 23),

A Associação Kalunga de Cavalcante (AKC) vem tentando organizar os pontos de comércio para que os próprios Kalunga tomem frente das atividades comerciais e apoiem o festeiro na realização do Império de São Gonçalo, ainda que estas sistematizações sejam problemáticas e muito questionadas pela própria comunidade. Apesar disso, ou mesmo devido a estas preocupações com o empoderamento da comunidade em seu próprio meio, o choque entre a manutenção da tradição e a urgência de inclusão de novos elementos que ocorre no Vão do Moleque na época de Festa, é muito impactante. O espaço de memória e de representação identitária vem sendo utilizado pelos Kalunga como evento cultural para geração de renda, em proporções, segundo relatos, bastante preocupantes de alguns anos para cá.

Seus modos de pensar, vivenciar e agir são a identidade viva de seu povo e marcam sua singularidade. E, assim, o isolamento por que passou a comunidade, formada há tempos “sem data”, é um dos fatores da resistência às culturas externas que os circundam. De acordo com Silveira (1980), os Kalungas estão em área privilegiada com grande número de cachoeiras, nascentes e ocupam a maior área de cerrado preservado e com a maior biodiversidade do mundo, e é o maior quilombo do Brasil, com 253.000 ha, que envolve áreas dos municípios de Cavalcante, Teresina e Monte Alegre de Goiás (Figura 5) (Costa, 2013).

Figura 5 – Localização do Sítio Histórico de Kalunga



Fonte: Aguiar (2015)

Nesse contexto, desde os tempos da escravidão até hoje, sua submissão desumana se perpetua pelo “isolamento” das políticas públicas (infraestrutura básica, saúde, educação) em relação aos povos tradicionais. Nessa caminhada, a comunidade teve um representante à frente, com a responsabilidade de ouvir, discutir e levar as considerações da comunidade. Na época, falava-se do que estava ocorrendo e dos cuidados para não deixar essa “onda” atravessar a comunidade, por considerar que o espaço para o consumo do turismo seria nossa casa, e se tinha que ter o cuidado para preservar a comunidade e sua tradição. Porém, foi algo muito novo para uma comunidade que vivia praticamente no “isolamento”, sem uma preparação ou conhecimento mais profundo sobre essa atividade turística, mas que confiou no discurso sobre seus benefícios, especialmente financeiros, desde aqueles primeiros encontros (Santos RF, 2019).

Diante do exposto, a terra/território é de extrema importância para a identidade da comunidade Kalunga e, dessa forma, fundamental para a preservação de sua cultura. O respeito ao legado e às conquistas desse povo deve ser essencialmente baseado no respeito ao direito Kalunga sobre sua terra. Por isso, não é de se estranhar que, além de surgir como a primeira demanda da comunidade, a questão fundiária se mantenha até o presente momento como uma problemática constantemente abordada pelos pesquisadores. As terras Kalungas (território onde vive o povo Kalunga) sofrem intensamente com a pressão das fazendas vizinhas e com as investidas violentas dos grileiros. Por meio desses atores da especulação

fundiária, a comunidade perde grande parte de suas terras produtivas, os roçados/roças, o que força a comunidade a procurar novas áreas, menos férteis, para o plantio. Em muitos casos, isso envolve desmatamento de novas áreas ou queda da produtividade, atividade que coloca em risco a segurança alimentar desses produtores, como ressalta Ungarelli (2009, p. 20, *apud* Fernandes, 2015), “A perda da terra, especialmente das áreas de roçados, compromete a própria existência do quilombo, e da cultura Kalunga”.

Apesar de em 1991, o governo do estado de Goiás ter criado o Sítio Histórico e Cultural Kalunga, protegendo 237.000 hectares, muitas áreas anteriormente utilizadas pelos quilombolas foram deixadas de fora, incluindo vários roçados. Na maioria dos artigos, com maior ou menor ênfase, a questão da titulação das terras Kalungas é citada, seja referindo-se à perda de fartura, à grilagem das terras ou aos mecanismos legais de reivindicação delas (Baiocchi, 1999; Siqueira, 2012; Franco, 2012; Velloso, 2007). Infelizmente, essa repetição não se trata apenas de um vício acadêmico, pois ainda hoje muitos moradores do Quilombo Kalunga estão impedidos (seja por cercas ou por ameaças) de utilizarem as suas antigas terras produtivas (Fernandes, 2015).

[...] Que a maioria das terras tá tudo... só, só tem isso aí, só, que o povo acha mesmo que é da gente, né? Mas, em volta das terras de cultura tudo, tudo tá são tudo nas mãos dos fazendeiros, não tem o título, e para produzir, lá, pra plantar, tem que ser com o apoio do sargento dele e tem fazendeiro que já não, não apoia! [...] (Ungarelli, 2009, p. 58).

Portanto, urge “aprender a valorizar a história de luta do povo Kalunga, desde os tempos do quilombo. Aprender a valorizar tudo aquilo que, no decorrer dessa história, eles aprenderam e hoje ensinam para as suas crianças” (Souza, 2001).

5 PERFIL DA COMUNIDADE KALUNGA VÃO DO MOLEQUE

A Comunidade Vão do Moleque Fazenda Malhadinha está localizada a 90 km da cidade de Cavalcante (Goiás). Nessa comunidade, moram cerca de 425 famílias, segundo a Associação Quilombo Kalunga. Dessas famílias, segundo dados do cadastro único do município, 95% vivem sem uma renda mensal, recebem somente o benefício do governo federal, e os idosos que recebem o BPC (Benefício de Prestação Continuada), além de algumas poucas pessoas que prestam serviços à educação dentro da Comunidade. Ademais dessas fontes de renda, os Quilombolas Kalunga vivem da agricultura de subsistência, plantam arroz, feijão, milho, gergelim, mandioca, amendoim, abóbora, jiló, quiabo, banana, cana-de-açúcar, dentre outros. Desta última, vêm a rapadura e o tijolo (doce de cana-de-açúcar com leite e castanhas ou frutas da região).

Figura 6 – Vão do Moleque visto de cima da Serra do Engenho



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Figura 7 — Morro Vão do Moleque e o Rio Paraná



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Figura 8 — Plantação de arroz e gergelim na Comunidade Vão do Moleque



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Por ter essa agricultura de subsistência, a moeda não circulava dentro da comunidade nas décadas anteriores à década de 90. "Nois muié viemo sabe o que era tê dinheiro foi no governo Lula" (Gonçalves, 68 anos, Quilombola Kalunga do Vão do

Moleque).

Esse relato evidencia-nos que o poder da moeda chegou para as mulheres depois de 2003, por meio do recebimento dos benefícios sociais. Esses benefícios é que deram poder de compra e um pouco de liberdade financeira, porque, antes desse marco, as mulheres da comunidade Vão do Moleque viviam cuidando do lar, das crianças, e da roça; os homens da comunidade é que saíam da Comunidade para os municípios vizinhos, em busca de vender aquilo que produziam. Nesse contexto, as mulheres/esposas ficavam em casa devido aos desafios enfrentados no trajeto até essas cidades. Os homens Kalunga encaravam vários dias de caminhada ou a cavalo para percorrer quilômetros em busca de dinheiro para comprar aquilo que não se produzia na comunidade.

Nois num tinha dinheiro, mais tinha o porco, tinha a mandhoca, matava o porco, fazia farinha muntava tudo no argueiro e ia pra araiá que era mais faice vender vende, lá os pessoal das venda comprada tudo, era assim que nois conseguia dinheiro (Soares, 77anos, morador da comunidade Kalunga Moleque Fazenda Maiadinha).

Os jovens da comunidade na década de 60 saíam para trabalhar, mas antes de falar desse processo gostaria de dizer o que é ser jovem.

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) utiliza critérios específicos para definir faixas etárias de jovens, crianças e adultos em suas pesquisas e levantamentos demográficos. É importante notar que essas definições podem variar em diferentes contextos e pesquisas. Até a última atualização em janeiro de 2022, os critérios do IBGE eram os seguintes: criança — considera-se criança o indivíduo com idade até 11 anos incompletos; jovem — o termo "jovem" não é uma categoria específica nas classificações do IBGE, mas é frequentemente utilizado para se referir à faixa etária que abrange a adolescência e parte da juventude. Portanto, geralmente, pode-se considerar jovens como pessoas com idade entre 12 e 29 anos; adulto — o IBGE classifica como adulto o indivíduo com 30 anos ou mais.

Essas categorias são frequentemente utilizadas em pesquisas demográficas para analisar a distribuição da população em diferentes faixas etárias. É importante mencionar que essas definições podem ser ajustadas ao longo do tempo, dependendo das necessidades das pesquisas e das mudanças na estrutura demográfica da população.

Em contrapartida, ser jovem na comunidade Vão do Moleque Fazenda

Malhadinha é outro sentido, em um outro contexto, visto que logo, aos 9, 10, 11 anos, os meninos já começam a ajudar as famílias nas atividades de agricultura familiar, bem como as meninas, nas atividades domésticas. "Com 9, 10 anos, eu e meus irmãos já iam para a roça ajudar meus pais depois que terminava a tarefa da roça ia pra escola se não terminasse não ia... Eu fazia tudo correndo para ir" (Zélia, 40 anos, moradora da Comunidade Kalunga Fazenda Maiadinha).

De acordo com esse relato, podemos entender que a juventude chegava bem mais cedo na comunidade, e a educação escolar era um segundo plano na vida das crianças na comunidade, pois precisava trabalhar desde muito cedo e contribuir para a agricultura de subsistência, ou seja, para a alimentação da família.

Esse paradigma foi se modificando quando surgiu o bolsa família, programa do governo federal de incentivo à escolarização; com esse programa, as famílias recebiam dinheiro que usavam na composição da renda familiar e, em contrapartida, os filhos não poderiam faltar às aulas.

Outro aspecto importante na característica da comunidade é o modo de vida peculiar, suas tradicionais festas culturais religiosas, como a romaria Vão do Moleque, momento em que parentes e amigos se encontram uma vez por ano para celebrar, agradecer e pedir bênçãos.

Figura 9 – Capela, festejo da Romaria Vão do Moleque em 2023



Fonte: Arquivo pessoal da autora

As moradias têm uma característica ancestral que é a bioconstrução, isto é, casas de adobe, de pau a pique e de palha técnica, de construção sustentável, peculiaridade passada de geração em geração.

Figura 10 – Casa de pau a pique e casa de adobe com palha



Fonte: Arquivo pessoal da autora

A água potável é dos próprios rios que banham a comunidade, água cristalina, consumida diretamente da fonte; além de os rios serem instrumentos para fortalecer o ecoturismo dentro da comunidade.

Figura 11 – Cachoeira Guardiã Quilombo Kalunga Vão do Moleque



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Todos esses aspectos e características mencionados contribuem e influenciam na tomada de decisão e necessidade de as pessoas saírem da comunidade Kalunga Vão do Moleque, o que a maioria das vezes nos faz sentir em outro mundo, um sentimento de não pertencimento ao lugar onde estudamos, trabalhamos e vivemos.

5.1 PERFIL SOCIOLINGUÍSTICO DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA

A construção de um perfil sociolinguístico dos participantes é fundamental para compreender a complexidade das interações linguísticas no contexto da pesquisa. Este capítulo visa apresentar uma análise detalhada das características sociais e linguísticas dos indivíduos envolvidos no estudo, proporcionando um panorama abrangente das variáveis que podem influenciar a linguagem e a comunicação.

Ao examinarmos o perfil sociolinguístico, exploraremos variáveis, como idade, gênero, nível de escolaridade, ocupação e histórico cultural dos participantes. Essas informações são cruciais para contextualizar as práticas linguísticas, revelando nuances que podem impactar diretamente nas dinâmicas comunicativas observadas ao longo da pesquisa.

5.1.1 UM KALUNGA FORA DE CASA: TERTULIANO

Esta pesquisa traz a descrição, a história de vida de um homem de 30 anos, natural da comunidade Quilombola Vão do Moleque no Município de Cavalcante (GO), chamado aqui por Tertuliano (nome fictício).

Membro de uma família composta por cinco pessoas, de mãe como mantenedora principal. Aos dois anos, são forçados a sair da localidade, uma vez que essa não oferecia infraestrutura adequada para atender as demandas sociais, em especial a educacional, ou seja, o direito a educação enquanto direito fundamental, na época, não acontecia.

Desta idade até dezoito anos, a cidade de Cavalcante passa a ser o local de morada desses familiares. Após esse tempo, residem em Goiânia. Segundo relato, apenas essas duas cidades foram refúgio para eles.

Mas é em Cavalcante que fatos marcantes de sua história acontecem e são relatados, entre eles, o fato de não ser alfabetizado na época em que era criança, em seu entendimento, não acarretava problemas para sua formação; mas no decorrer dos anos, principalmente na adolescência, isso se configurou em um emaranhado de situações preconceituosas, racistas, discriminatórias, excludentes e humilhantes.

Aos olhos da comunidade de residência de Tertuliano, as pessoas Kalungueiras oriundas dos espaços quilombolas, principalmente no municípios de Cavalcante comunidade Vão de Almas, eram tidas como feias por apresentarem fenótipos

peculiares, serviam de piadas para os moradores por não saberem “falar” — o dialeto não era visto como algo próprio da pessoa.

Segundo Tertuliano, esse momento de *bullying*, citado acima, causou um certo impacto em sua trajetória infantil, visto que, mesmo sabendo usar a palavra oralmente, conforme as variações linguísticas do local no qual morava, isso aflorou um sentimento de não pertencimento em seu íntimo. Ainda segundo os descritivos, as pessoas Kalungueiras eram “zoadas” ou por não saberem falar, ou por sempre estarem com as pernas cinzentas de poeira ao andar descalças. Tais situações provoca(ra)m consequências de ordem social, principalmente emocional.

Mesmo enfrentando várias dificuldades em outras comunidades, dentre elas, escassez de roupas e calçados, alimentos, moradia, educação e de se fazer entender durante os diálogos, os Quilombolas Kalunga resistem em busca de melhores condições de vida. As comunidades de quilombo, dentre outras, não podem se enquadrar como um ambiente totalmente desprovido de políticas públicas. Nesses espaços, há benefícios sociais, como direito a entrar em uma universidade. Contudo, mesmo aparados por leis, o acesso a livros e qualidade da educação na comunidade quilombola, o emprego de práticas pedagógicas relevantes para que o aluno fosse/seja capaz de ler, escrever, interpretar e assimilar os conteúdos de forma qualitativa, contextual, bem como o respeito às diversas variações linguísticas, ainda deixa(va)m a desejar. Todavia, Tertuliano hoje é graduando em agronomia em uma universidade federal, com anseios de prestar um concurso, qualificar-se e promover com dignidade um futuro promissor, tanto para si quanto para seu povo quilombola.

Nesse sentido, para não existirem mais meninos como Tertuliano, revoltados, distantes dos estudos, de uma formação profissional adequada à sua escolha, longe de sua cidade natal e sem um preparo educacional equiparativo, é preciso investimentos em políticas públicas específicas, que consigam amenizar as demandas sociais das comunidades como um todo.

5.1.2 UM EMPREENDEDOR: AQUINO

O sujeito desta pesquisa pode ser categorizado pelo gênero masculino, da comunidade Quilombola, aqui chamado por Aquino (nome fictício), com pretensão de viver dignamente em outra localidade, já que sua terra natal não oferecia condições de sobrevivência para si e sua família. A ideia de sair daquele local, construir uma casa

para sua mãe e ter estabilidade financeira sempre foi seu objetivo desde muito novo.

Aos 14 anos, mudou-se para Goiânia com sua irmã. Com alguns meses de residência, viram que a luta para vencer em uma cidade grande é desgastante e, ao mesmo, tempo frustrante. Não conheciam nada, não sabiam falar como as pessoas da cidade, não tinha estudo, a formação escolar aconteceu até a quarta série do Ensino Fundamental na comunidade quilombola. As condições de acesso ao ensino eram bastante precárias; em seu relato, quando crianças, precisavam andar a pé por 12 quilômetros, para ter acesso à educação.

Na escola quilombola, o professor e também tio se chamava Geraldo, esposo de sua tia, não lecionava uma matéria específica, mas Português, História, Geografia etc. Sabia explicar sobre tudo, dava aulas a uma turma pela manhã e a outra pela tarde. Além de ensinar as crianças, o professor também ensinava a jovens, sendo bem conhecido pela comunidade. Essa aproximação e interação entre todos torna a aprendizagem significativa e marcante. Hoje, alunos que estudaram com Cabral são professores da própria localidade.

Ainda menor, em Goiânia, Aquino e sua irmã arcaram com a responsabilidade de suprir as despesas de uma casa. No entanto, após dois anos de convivência, desvincularam-se um do outro e cada qual passou a assumir suas próprias necessidades. Nesse intervalo, foi morar, andava e estudava sozinho, assumiu aluguel e alimentação. A busca por algo melhor para si e sua família sempre foi seu objetivo. O estudo acontecia durante a noite, porque trabalhava pela manhã; o Ensino Médio era apenas seu interesse no momento; a faculdade, por um tempo, não era considerada essencial. Com quatorze anos, praticamente, terminou o segundo grau (ensino médio) e começou a trabalhar em uma empresa; saiu dessa apenas quando teve oportunidade de viajar para a Europa. Por cinco anos viveu entre Portugal e Espanha e teve contato com algumas pessoas que o ajudaram; entretanto, as demais não ofereceram oportunidades para ele se estabelecer.

No entanto, apesar das dificuldades enfrentadas, conseguiu dividir tais situações, pois não era mais um quilombola alheio a seus direitos e deveres. A nova experiência, adquirida à força, tanto no tempo em que viveu na Espanha quanto em Portugal, serviu para acumular ainda mais conhecimentos e se perceber como cidadão com as mesmas oportunidades.

Ao retornar ao Brasil resolveu empreender, assim poderia ganhar muito ou pouco dinheiro todos os dias, visitar a mãe, não deixar de vê-la, como ocorreu

enquanto ele morava na Europa — uma pretensão que ele estabeleceu entre seis meses e um ano. Antes, as condições financeiras não permitiam esse contato físico. Sua mãe faleceu, no entanto, as visitas à sua localidade natal permaneceram, lá estavam seus irmãos.

Os vinte anos de aquisição de novos conhecimentos, de nova forma de se expressar oralmente, fizeram Aquino perder um pouco seu sotaque; às vezes pronuncia o R no final das palavras, às vezes não, o português quilombola aos poucos foi se perdendo, mas a convivência e o entendimento com os nativos do quilombo não se configuram como um impedimento, pelo contrário, quando não entende o que dizem, volta a pergunta, e a troca de ideias e experiências entre eles vai acontecendo. Ou seja, segundo seu relato, ele saiu do quilombo, mas o quilombo e a comunidade não saíram dele, estão intrinsecamente ligados. Um pertencimento que, mesmo em outro lugar, não permite que o carinho pelas pessoas e pela comunidade se extinga. Esse lugar é sua base; e a herança dos traços físicos, da estrutura do cabelo, sua raiz.

Ao retornar da Europa, teve que raspar seu cabelo por falta de pessoas especializadas na área do cuidado, tanto capilar quanto de emancipação e valorização da pessoa enquanto preta, descendente de Quilombos. Daí, surgiu a necessidade de empreender na área de cabelos afros, tranças e outras coisas.

A resistência de seu povo foi grande, surgiram muitas dúvidas, de modo geral as especulações giravam em torno de: se você tem cabelo e barba grande, por que você corta? Outro momento: se corta, por que faz tranças nos cabelos dos outros? Mesmo que muitos não se identifiquem, ou seja, 70% das pessoas do quilombo neguem seus traços físicos, a resposta de Aquino é “meu cabelo é minha identidade, é da minha comunidade preta, cada pessoa seu próprio gosto, sua própria identificação”.

Hoje ele é cabeleireiro, barbeiro e referência em coragem, estilo, pertencimento. Respeitado e reconhecido, não só no Quilombo, mas nas regiões brasileiras, no Rio de Janeiro, Salvador, Brasília e dentro e fora de Goiânia.

A camisa do povo Vão do Moleque, especificamente da Maiadinha, local onde ele e os irmãos nasceram, e esses ainda vivem até hoje, não pode ser posta de lado, porque os objetivos foram conquistados com garra e muita resistência.

Desse modo, o lema de Aquino é: ninguém solta a mão de ninguém, não se deve arrepender daquilo que fez eticamente para ver seus sonhos realizados, sempre

seguir em frente.

5.1.3 UM MESTRANDO KALUNGA: ANTÔNIO

Neste momento, vamos descrever o relato de Antônio (nome fictício), remanescente de Quilombo, comunidade de Vão do Moleque. Ele se caracteriza como Quilombola, Kalunga, morador do município de Cavalcante de Goiás. Atualmente, mora em Brasília, estudante de mestrado do curso de Sustentabilidade junto a Povos e Territórios Tradicionais. Também é licenciado em Matemática, pela Universidade Federal de Tocantins (UFT), câmpus de Arraias.

Tanto o pai quanto a mãe de Antônio são moradores da comunidade e exercem, respectivamente, a profissão de agente comunitário de saúde e de lavradora; ela ainda não é aposentada por ter atuado por um tempo no serviço público. O pai também foi militar por seis anos.

Aos 27 anos, ele traz um relato de sua trajetória escolar e de vida. Em 2010, aos 13 anos, teve que sair de sua comunidade, porque, um ano antes, a escola local não tinha professor, apenas o de Matemática. Devido a essa escassez de docentes, seu pai se viu forçado a matriculá-lo na escola agrícola de outro município, em Arraias. Seu contato com a cidade de Cavalcante só acontecia quando ia a passeio ou para ajudar os pais na venda de laranja ou, até mesmo, para comprar coisas essenciais para o dia a dia. Esse contato social despertou o desejo de continuar estudando. Frequentou a escola agrícola por três anos, terminando o curso Técnico em Agropecuária, integrado ao Ensino Médio. Um período marcado por situações constrangedoras, pelo fato de usar em conversas diárias o dialeto próprio de sua comunidade. Ele achava que pronunciava as palavras erradas, como “ocê”; isso servia para os outros rirem, corrigir e até mesmo zombar da situação. Situações que abriram espaço para o isolamento social e timidez, por acreditar que a todo momento está falando errado. Desse modo, a variação linguística deve ser pensada como um fator histórico e cultural e que deve ser trabalhada e valorizada tanto em espaços formais quanto informais.

Entre 2015 e 2016, apenas com o Ensino Médio, atuou como professor de Matemática da Educação Básica na própria comunidade quilombola; isso aconteceu no Colégio Estadual Kalunga Quatro, na comunidade de São Pedro, no município de Monte Alegre, em Goiás, onde, além de terminar o Ensino Médio também lecionou as

disciplinas Matemática, Ciências, Artes e Educação Física.

Por causa da atuação na disciplina Matemática e da lembrança da professora que falava que, como tinha facilidade em Matemática, poderia fazer o curso nessa área, seu desejo de ingressar em uma faculdade aflorou.

Foi na Universidade Federal do Tocantins, no câmpus de Arraias, que, finalmente, Antônio finalizou seu curso de licenciatura em Matemática. Houve um atraso por conta da pandemia da covid-19, levando à paralisação das atividades acadêmicas em 2020, um ano marcado por incertezas e perdas.

Ao concluir o curso em 2021, passou a exercer a profissão de professor no estado de Tocantins, na cidade Dois Irmãos, por seis meses. Logo após esse período, mudou-se para Brasília, deixou de lecionar para cursar o mestrado na área de Sustentabilidade junto a Povos e Territórios Tradicionais, na UnB. No momento em que estava fazendo a licenciatura em Matemática, também prestou dois concursos, não sendo aprovado por conta da dificuldade em compreender as estruturas gramaticais da língua portuguesa. Ou seja, das dez questões, entre 30% a 40%, acertava apenas 3 ou 4. Uma realidade que precisa ser mudada, pois as regiões do nosso país são repletas de variações linguísticas e que precisam, urgentemente, ser pautas de práticas pedagógicas.

5.1.4 A PRINCESA NEGRA KALUNGA: DANDARA

O sujeito desta pesquisa, cujo nome é identificado por Dandara (nome fictício), é moradora de Vão do Moleque. Nesse ambiente, moram seus pais e ela. A mãe tem 59 anos e o pai, 61 anos; ambos são lavradores, trabalham no plantio de arroz e milho e são naturais da comunidade. Na comunidade, não se encontra diversidade de alimentos, mas a maioria é de produção própria.

Em relação ao ensino, mesmo morando no quilombo e tendo escola, em um dado momento da vida, os moradores precisam se deslocar para outras cidades, por conta da escassez na oferta da Educação Básica, em especial no Ensino Médio.

Com sete anos, a mãe de Dandara matriculou-a, assim como seus irmãos, em uma escola da comunidade, onde permaneceram até o nono ano do Ensino Fundamental. Já no sexto ano escolar, Dandara interrompeu seus estudos, porque foi para Brasília.

Nessa cidade, Dandara não conseguiu dar continuidade aos estudos, pois as

vagas eram limitadas. Retornou a Vão do Moleque e terminou o Ensino Fundamental, uma pretensão almejada por sua mãe e por si mesma.

Forçados a ir morar na cidade mais próxima, no município de Cavalcante, sem casa para morar, passaram a residir na casa do tio por três anos, período para terminar o Ensino Médio; todavia, aos 14 anos por não terem condições de ajudar nas despesas com o tio, Dandara começou a trabalhar à noite e a estudar durante o dia, em casa de família, ajudando a mãe com as necessidades do dia a dia, como pagar luz e água, e comprar roupa, alimentos e materiais escolares, uma vez que sua mãe só recebia o bolsa família e precisava também levar alimento para a comunidade. Esses momentos foram bastante desafiadores e difíceis; no entanto, continuar os estudos era o foco.

A busca por um ensino mais específico é um dos motivos que levam os moradores das comunidades quilombolas a saírem de sua localidade e enfrentar as piadas, as risadas, dentro e fora do ambiente escolar. Aos olhos dos demais, eles falam errado, quando, na verdade, estão usando apenas seu dialeto natural. Entretanto, a realidade escolar está em processo de mudanças, mais pessoas Kalungueiras e de outras regiões estão frequentando os mesmos ambientes, um aumento significativo na interação e socialização entre todos. No segundo ano do Ensino Médio, em datas comemorativas, em especial no dia da Consciência Negra, Dandara e os integrantes de seu grupo usam turbantes para mostrar aos demais a cultura própria de sua comunidade e, principalmente, a sussa, uma dança típica da região. Com o incentivo de professores e espaço para usar o dialeto e mostrar as tradições, as culturas Kalunga vão sendo valorizadas. Sabemos que há variedades linguísticas em todas as cidades e regiões, tanto no meio dos Kalungueiros, quanto do Vão de Alma e do Forno, desse modo, não se pode privar a expressividade e sim enaltecer a essência e a história.

Dandara já fez concurso, mesmo tendo dificuldades com a língua portuguesa escrita e falada, gosta da disciplina Português, mas seu ponto forte são Física e Biologia. Seu modo de falar ainda provoca risos, entretanto, ela não deixa de evidenciar suas raízes, sua cultura.

5.1.5 ESTUDANTE KALUNGA: VIEIRA

Vieira (nome fictício), com vinte e oito anos, é pertencente à comunidade Vão do

Moleque, município de Cavalcante do estado de Goiás. Sua mãe era lavradora; o pai agente comunitário de saúde. Aos 13 anos, precisou sair de sua comunidade e ir morar em Arraias para estudar em uma escola técnica agrícola. Um sonho bastante peculiar dos cidadãos dessa localidade, que buscam em outros ambientes a oportunidade de terminar os estudos.

Vieira terminou o Ensino Médio, ingressou em uma universidade pública, a UFT, onde começou a fazer o curso de Turismo Patrimonial e Socioambiental. Seu modo de falar causava estranheza aos outros, mas com o passar do tempo foi se apropriando do jeito como as pessoas local falavam. Em 2018, foi para Goiânia para fazer o curso de Ciências Sociais (Ciência Política). Nesse espaço, seu nível de entendimento científico foi posto à prova; a sala de aula, onde ele estudava, era formada por pessoas com especialização, graduação e formações diversas. Mesmo assim, isso não o incomodou; com o passar do tempo e das associações feitas com seus pares, foi adquirindo uma linguagem mais científica, um discurso mais acadêmico, ambientando-se a ponto de prestar um concurso, que não levou em conta por não ser na área pretendida.

Assim, conclui-se que as novas interações nos espaços escolares permitem que os alunos se percebam como parte de um todo, capazes de ir em busca de seus ideais e de se perceber e se formar como cidadão ativo e participante de seus processos históricos.

6 EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA

A historicidade da Educação Escolar Quilombola no Brasil é um relato fascinante e, ao mesmo tempo, um registro doloroso de uma jornada de luta incessante por igualdade, reconhecimento e preservação de raízes culturais profundas. Esta história entrelaça-se de forma intrincada com a longa trajetória de escravidão no país e a busca contínua pela superação das desigualdades raciais que assolam a sociedade brasileira. Ao longo dos séculos, as comunidades quilombolas enfrentaram inúmeros desafios em sua jornada em direção à educação formal (Fonseca, 2001).

No coração dessa história, está a própria existência das comunidades remanescentes de quilombos, que se estabeleceram como refúgio para os escravizados fugitivos e suas famílias. Nessas comunidades, a preservação da cultura africana e a transmissão de conhecimentos ancestrais eram pilares essenciais.

Com a abolição da escravidão em 1888, muitos ex-escravizados e suas famílias passaram a habitar em comunidades quilombolas, onde a educação informal continuou a desempenhar um papel crucial na preservação de suas tradições e na construção de uma identidade quilombola forte (Soares, 2008).

Entretanto, no período pós-abolição, à medida que a educação formal se expandia pelo Brasil, as comunidades quilombolas eram frequentemente deixadas à margem desse processo. A negligência do Estado resultou em um cenário em que o acesso à educação era limitado ou inexistente para muitas dessas comunidades.

Foi apenas nas décadas de 1970 e 1980 que o movimento negro brasileiro ganhou força e começou a pressionar por mudanças significativas na educação do país. As comunidades quilombolas, muitas vezes invisíveis aos olhos da sociedade, tornaram-se um foco importante desse movimento, que clamava pelo reconhecimento de seus direitos.

O processo de reconhecimento oficial das comunidades quilombolas ganhou impulso com a Constituição de 1988, que definiu o direito à terra como uma forma de reparação histórica. No entanto, a garantia do acesso à educação formal para essas comunidades ainda era uma batalha a ser travada.

Foi apenas em 2003 que a Lei n.º 10.639 estabeleceu a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira nas escolas. Isso representou um marco importante, mas ainda havia um longo caminho a percorrer para a construção de uma

Educação Escolar Quilombola efetiva.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola (Brasil, 2012), aprovadas em 2012, ou seja 124 anos depois da abolição da escravidão no Brasil, foram um passo fundamental nessa trajetória. Elas visavam reconhecer e valorizar a especificidade étnico-cultural de cada comunidade, promovendo o fortalecimento da identidade quilombola.

No entanto, a implementação efetiva dessas diretrizes enfrentou desafios significativos. As escolas quilombolas muitas vezes operavam em condições precárias, com falta de infraestrutura adequada, materiais didáticos insuficientes e, em alguns casos, professores que não compreendiam as necessidades específicas das comunidades quilombolas. Além disso, o acesso à educação superior continuava sendo um obstáculo para muitos jovens quilombolas, devido às barreiras socioeconômicas e geográficas. A luta por políticas de cotas raciais nas universidades também fazia parte desse contexto, buscando garantir oportunidades iguais de acesso ao ensino superior.

A educação quilombola não é apenas sobre o acesso à escola; é também sobre a valorização da cultura, a preservação das tradições e a construção de uma identidade forte. As comunidades quilombolas têm desempenhado um papel fundamental na promoção da diversidade cultural e no combate ao racismo estrutural, que permeia a sociedade brasileira.

Nesse processo, a Educação Escolar Quilombola não se limita apenas ao espaço da sala de aula. Ela se estende às práticas cotidianas das comunidades, ao resgate de saberes ancestrais, à celebração de festas tradicionais e ao fortalecimento das relações comunitárias. É uma educação que transcende o formalismo acadêmico e se conecta profundamente com a história e com a identidade das comunidades quilombolas.

A educação é uma ferramenta poderosa de transformação social, e as comunidades quilombolas compreenderam isso desde os primeiros dias de sua existência. Ao longo de sua histórica jornada, elas enfrentaram desafios, resistiram à opressão e reivindicaram seu lugar na construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Hoje, a Educação Escolar Quilombola continua a ser uma busca constante por reconhecimento, respeito e igualdade. É uma história que está longe de ser concluída, mas que demonstra a resiliência e a determinação das comunidades quilombolas em

sua busca por um futuro melhor, em que a diversidade seja valorizada e o racismo superado. É uma história que merece ser contada, estudada e celebrada como parte fundamental da História do Brasil.

A trajetória da Educação Escolar Quilombola é uma narrativa repleta de desafios, conquistas e lutas em busca do reconhecimento, da valorização da cultura negra e da garantia do direito à Educação para as comunidades remanescentes de quilombos no Brasil. Essa história remonta a séculos de opressão, resistência e busca por igualdade.

Desde os tempos coloniais, os negros trazidos como escravos foram proibidos de acessar qualquer forma de educação formal, tornando a aprendizagem uma prática clandestina e essencialmente oral. As comunidades quilombolas, criadas por escravizados que fugiam da escravidão, também enfrentaram essas restrições à educação.

Durante muitos anos, as comunidades quilombolas permaneceram à margem do sistema educacional brasileiro, enfrentando discriminação, falta de recursos e infraestrutura precária para o ensino. A educação formal era um privilégio distante para essas populações, o que perpetuava o ciclo de desigualdade e exclusão.

A virada na história da Educação Escolar Quilombola ocorreu com a promulgação da Constituição Federal de 1988 (Brasil, 1988), que reconheceu a importância das comunidades quilombolas e determinou a preservação de suas culturas e tradições. Foi um marco fundamental na luta por direitos e oportunidades educacionais para essas comunidades historicamente marginalizadas.

A partir desse reconhecimento, o Estado brasileiro começou a desenvolver políticas públicas específicas para as comunidades quilombolas, visando à promoção de uma educação que respeitasse suas identidades culturais e suas necessidades. As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola (Brasil, 2012), aprovadas em 2012, representaram um passo importante nessa direção, estabelecendo parâmetros para a construção de currículos e práticas pedagógicas que contemplassem a história, a cultura e as realidades locais dessas comunidades.

Com o tempo, houve um aumento significativo no número de escolas quilombolas em todo o país, proporcionando, às crianças e jovens quilombolas, acesso à educação formal que respeita e valoriza suas raízes culturais. A presença dessas escolas nas comunidades tornou-se um símbolo de resistência e empoderamento, pois não apenas oferecem educação de qualidade, mas também fortalecem a

autoestima e o senso de pertencimento desses estudantes.

No entanto, os desafios persistem. Muitas escolas quilombolas ainda enfrentam dificuldades relacionadas à infraestrutura precária, falta de recursos didáticos adequados e de formação de professores capacitados para lidar com as especificidades culturais das comunidades. Além disso, a presença de escolas que ofereçam o Ensino Médio é escassa, o que representa um obstáculo para a continuidade dos estudos desses jovens.

A Educação Escolar Quilombola é um campo em constante evolução, impulsionado pelo compromisso de superar as desigualdades históricas. É uma história de resiliência, determinação e esperança, em que as comunidades quilombolas continuam a lutar não apenas pelo direito à educação, mas também pelo reconhecimento pleno de sua contribuição para a construção da identidade brasileira. À medida que essa trajetória se desenrola, é fundamental que o Estado e a sociedade continuem a apoiar e fortalecer essa importante iniciativa, garantindo que as futuras gerações de quilombolas tenham acesso a uma educação que promova a igualdade, a diversidade e a justiça social.

Os avanços da Educação Escolar Quilombola representam uma conquista real busca por equidade e inclusão no sistema educacional brasileiro. Esses avanços refletem o compromisso do Estado e da sociedade em reconhecer a importância das comunidades remanescentes de quilombos e suas contribuições para a cultura e a história do país. Nesse contexto, destacam-se algumas das principais melhorias e progressos alcançados até o momento.

Em primeiro lugar, o reconhecimento legal desempenhou um papel crucial nesse processo. A promulgação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola, em 2012, foi um marco legal que estabeleceu parâmetros claros para a criação e implementação de currículos escolares que respeitem a cultura e a história das comunidades quilombolas. Isso proporcionou uma base sólida para a construção de programas educacionais mais inclusivos e culturalmente sensíveis (Miranda, 2012).

Além disso, houve uma expansão importante do número de escolas quilombolas em todo o país. Esse aumento possibilitou o acesso à educação formal para maior número de crianças e jovens dessas comunidades. Essas escolas têm desempenhado um papel fundamental na preservação da cultura quilombola e na promoção do empoderamento das novas gerações.

Outro avanço notável é a inclusão da história e cultura afro-brasileira e africana no currículo escolar de todas as instituições de ensino, conforme estabelecido na Lei n.º 10.639/2003 (Brasil, 2003). Isso contribuiu para a desconstrução de estereótipos e preconceitos, promovendo uma compreensão mais profunda e respeitosa da diversidade étnico-racial do Brasil.

A formação de professores também progrediu nesse contexto. Cursos e programas de capacitação têm sido desenvolvidos para preparar os educadores que atuam em escolas quilombolas, ajudando-os a compreender as necessidades específicas dessas comunidades e a adotar abordagens pedagógicas mais adequadas.

Os avanços na infraestrutura escolar também são notáveis. Muitas escolas quilombolas receberam melhorias em suas instalações, como a construção de salas de aula adequadas, bibliotecas e acesso à internet. Isso contribui para um ambiente de aprendizado mais propício e equiparado ao das escolas urbanas.

No âmbito das políticas de permanência, foram implementadas ações para reduzir a evasão escolar, como programas de transporte escolar e de merenda de qualidade. Isso ajuda a garantir que as crianças quilombolas tenham condições de frequentar a escola regularmente.

A participação das comunidades quilombolas na gestão escolar também avançou. Muitas escolas agora contam com conselhos escolares compostos por membros da comunidade, o que fortalece a voz e a participação das famílias na definição das políticas educacionais.

Por fim, a produção de materiais didáticos específicos para as escolas quilombolas tem crescido, proporcionando recursos pedagógicos que refletem a cultura e a história dessas comunidades. Isso facilita o trabalho dos professores e enriquece o processo de aprendizado.

Apesar desses avanços, é importante ressaltar que ainda há desafios a serem superados, como a garantia de recursos adequados para a manutenção das escolas e a continuidade das políticas de valorização da Educação Escolar Quilombola. No entanto, os progressos alcançados até o momento são indicativos de um compromisso crescente com a promoção da igualdade e da diversidade no sistema educacional brasileiro.

6.1 HISTORICIDADE DA EDUCAÇÃO NA COMUNIDADE VÃO DE MOLEQUE

No ano de 1946, não existia escola nenhuma nas comunidades Kalungas, portanto nas décadas anteriores ninguém tinha acesso à escola e ao letramento acadêmico, assim afirma meu avô Mariano, de 77 anos, que nasceu e cresceu ali na comunidadevão do Moleque Fazenda Maiadinha. Quando o meu avô tinha aproximadamente 13 anos, por volta de 1959, surgiu no Vão de Almas, comunidade vizinha, uma escola, na qual meu avô e minha tia-avó foram estudar, um dos poucos privilegiados, porque as famílias não queriam prescindir da ajuda dos filhos na roça. Mesmo diante desses desafios, pouquíssimas crianças iam para o Vão de Almas para estudar; primeiramente, devido a distância, não tinha como ir e voltar todos os dias; depois, porque estudar era considerado coisa de gente à toa, tinha ir para a roça trabalhar; por esses motivos, logo regressaram ao Vão do Moleque novamente. Por volta de 1962, segundo os relatos de história oral de meu avô, iniciou uma escola no Vão do Moleque Fazenda Capela, ele retornou a estudar com o objetivo de aprender a assinar o próprio nome (já era motivo de orgulho). Logo foi crescendo, sobrevieram cada dia mais responsabilidades quanto à forma de viver e alimentar os seus, e foi obrigado, pelas condições da época, a deixar de estudar.

Nessa mesma época, surgiu também uma escola na Comunidade do Prata, no estado do Tocantins, que era também mais próxima do Vão do Moleque, para onde meu pai se mudou para morar na casa de um conhecido e estudar. Era muito longe, era um dia inteiro andando a pé; meu pai fez até 4ª série e não tinha mais como prosseguir nos estudos; ele retornou para casa de meu avô e parou de estudar. Na época, meu pai era considerado preguiçoso, pois deixou de ir para a roça fazer serviços braçais, optando por estudar, mesmo diante das dificuldades.

No ano de 1992, concretizou-se a Escola Congonhas, fruto de uma luta intensa do vereador Galego do Sertão, que viu a necessidade de uma escola acessível àquelas crianças que moravam por perto. O vereador convidou Izaías (meu pai) para ser o professor da recém-conquistada escola, caminharam para a cidade de Cavalcante para fazer o teste; para se tornar professor, era necessário somente saber as quatro operações (adição, subtração, multiplicação e divisão), ler e escrever.

Aprovado no teste, voltou para lecionar (assim que falávamos), não tinha um prédio da escola, meu pai ministrava aula na sua própria casa; posteriormente, os pais dos alunos fizeram um mutirão e construíram uma escola de pau a pique. O salário

do professor era menos da metade dos salários de professores na cidade.

Nesse percurso, todas as escolas da região surgiram com similar contexto de luta, falta de infraestrutura e, principalmente, de profissionais qualificados. Chegou a década de 90 e a grande mudança foi o acesso ao Ensino Fundamental Anos Iniciais, visto que foram conquistando diversas escolas, inclusive a Escola Maiadinha. Não usufruíamos a disponibilidade de merenda escolar, porque, pelo difícil acesso, demorava meses para chegar às escolas. Nessa época, levávamos farofas de peixe, ovos etc. para "merendar".

Os anos foram passando, à medida que as políticas públicas quilombolas nacionais foram tomando forma, o município de Cavalcante também foi acompanhando lentamente.

Por volta do ano de 2001, no governo de Eduardo Coimbra Passos, foi construída a maior escola da região, localizada na fazenda Maiadinha, a qual ofereceu Ensino Fundamental I, Ensino Fundamental Anos Finais e Ensino Médio posteriormente.

Hoje, temos nas escolas quilombolas Kalunga um diretor regional e um coordenador geral; a luta atual é para podermos ter uma equipe gestora em cada escola Kalunga. Os avanços vieram, pois hoje quase todos os professores são licenciados, pós-graduados (especialistas, mestres e doutorandos), apesar de não dispormos de bibliotecas nas escolas, dentre outros aspectos estruturais. Diversos avanços ocorreram, apesar de ainda necessitar de muita melhoria; hoje, os alunos têm acesso ao ENEM, o que oportuniza o ingresso em universidades federais. Dessa forma, a educação é utilizada como ferramenta para mudar a realidade econômica e social dos Quilombolas Kalunga.

7 DIVERSIDADE LINGUÍSTICA DO KALUNGUÊS

No vasto panorama das expressões linguísticas que permeiam a diversidade cultural brasileira, as comunidades quilombolas surgem como notáveis guardiãs de uma riqueza linguística peculiar. No estado de Goiás, encontramos a comunidade Quilombola Kalunga Vão do Moleque, em Cavalcante, onde as tradições ancestrais e a herança linguística ocupam um papel crucial na construção da identidade coletiva.

Este capítulo mergulha nas águas profundas da variação linguística que permeia o discurso da comunidade, explorando as nuances sociolinguísticas que moldam a expressão linguística única dos Kalunga.

A língua, maior manifestação cultural de um povo, mais do que um mero meio de comunicação, é o reflexo da identidade cultural e social de um povo. Com apoio da Sociolinguística, este estudo busca desvendar os padrões, mudanças e influências que moldam a fala dos Kalunga do Vão do Moleque. A diversidade linguística nessa comunidade é a reprodução das histórias entrelaçadas de seus ancestrais, do ambiente que os cercam e das complexidades contemporâneas que moldam suas vidas.

Ao longo deste capítulo, examinamos não apenas as formas linguísticas utilizadas pelos Kalunga, mas também os fatores sociais, históricos e geográficos que desenham os contornos da variação linguística presentes em seu discurso cotidiano.

Ao analisar a variação linguística na comunidade quilombola Kalunga Vão do Moleque, não apenas se enriquece o campo da Sociolinguística, também se colabora para um entendimento mais profundo do complexo encontro entre linguagem, identidade e comunidade, em um contexto cultural tão singular quanto o do Quilombo Kalunga Comunidade Vão do Moleque.

Realizo uma análise dos dados, utilizando nomes fictícios, a fim de garantir a confidencialidade e preservar a identidade dos colaboradores.

7.1 FATORES LINGUÍSTICOS PRESENTES NA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA DA COMUNIDADE

A variação linguística presente na comunidade Kalunga Vão do Moleque Fazenda Maiadinha é um fenômeno complexo que merece uma análise, considerando os aspectos sociolinguísticos e as desigualdades sociais que estão intrinsecamente

relacionados. Para isso, podemos recorrer às contribuições de diversos autores, incluindo os mencionados, como Bortoni-Ricardo (2011) e Antunes (2003), para compreendermos melhor esse contexto.

Para entender como essa variação linguística se desenvolveu, é necessário mergulhar na rica tapeçaria sociolinguística da comunidade Kalunga e explorar as complexas interações de fatores culturais, históricos e sociais.

A história da formação da variação linguística da comunidade Kalunga remonta aos tempos da escravidão no Brasil, quando ancestrais africanos foram trazidos para o país. Esse contexto de diversidade étnica e cultural contribuiu para uma rica mistura de línguas e dialetos africanos, que se entrelaçaram com o português dos colonizadores. A esse respeito, Silva-Neto (1963, p. 165) contempla: “muitas vezes, a palavra normal no português é empréstimo a alguns dos falares regionais ou a alguma das línguas ameríndias ou africanas”. Bortoni-Ricardo (2011) destaca a relação entre variação linguística e desigualdades sociais e, no caso dos Kalunga, essa variação pode ser entendida como uma expressão da diversidade étnica e cultural que caracteriza a comunidade.

A interação desempenha um papel crucial na constituição da variação linguística. Conforme sugerido por Antunes (2003), os jovens Kalunga adquirem e internalizam as características linguísticas de sua comunidade por meio da comunicação com familiares, amigos e membros mais velhos. Pelo fato de a língua ser uma parte vital da identidade cultural dos Kalunga, e as histórias de resistência à escravidão e luta pela liberdade serem transmitidas por meio dela, isso cria um ambiente propício para a preservação da variação linguística única dos Kalunga.

A variação linguística dessa comunidade vem passando de geração por geração. Várias palavras usadas pelos Kalungueiros têm sua origem na língua africana. Santos (2015) afirma que, durante o período colonial e a diáspora africana, muitas línguas africanas foram suprimidas e, em alguns casos, substituídas pelo idioma dominante do colonizador. Os colonizadores colocavam em prática estratégias para que os negros escravizados não se comunicassem, obrigando-os a falar a língua deles. No entanto, apesar de todo esse massacre, as línguas africanas permaneceram em palavras ou expressões do português brasileiro como símbolo de resistência, um exemplo disso é a própria palavra “moleque”, que constitui o nome da comunidade estudada.

Além disso, a variação linguística da comunidade Kalunga Vão do Moleque tem

sido percebida em maior evidência nos guardiões dos saberes e fazeres do povo Kalunga, aqueles que chamamos iaiás e ioiôs.

Bortoni-Ricardo (2011) argumenta que as diversidades linguísticas estão fortemente ligadas às desigualdades sociais. No caso da comunidade Kalunga Vão do Moleque Fazenda Maiadinha, essa relação pode também ser evidenciada, quando as pessoas enfrentam estigmatização e preconceito linguístico fora de sua comunidade. A variação linguística, que caracteriza intrinsecamente a cultura e identidade Kalunga, pode ser percebida como "errada" ou "inferior" em comparação à norma padrão do português brasileiro. Isso cria desafios significativos, especialmente quando as pessoas buscam oportunidades educacionais e de emprego em ambientes onde a norma padrão é valorizada. Vejamos o trecho da Narrativa 1.

[...] lá era bem difícil assim a gente chegava na escola, talvez pelo o jeito da gente falar, a gente tem hora que a gente ficava até assim meio oprimido por causa dos sutaques da gente né os sutaques kalungueiros, é tinha muitos meninos, coleguinhas que fazia gracinha ficava imitando a gente falar e tem hora que a gente, tinha hora que já não importava outra hora já importava [...] (Dandara).

O trecho destaca a variedade linguística da comunidade do falante, indicando que a forma de falar pode diferir do que é considerado padrão na escola. E, conseqüentemente, era considerada de menor prestígio, por isso era motivo de risos e piadas entre os alunos que não eram da comunidade.

O princípio de saliência, discutido por Bortoni-Ricardo, Gomes e Malvar (2003), também pode ser aplicado a essa situação. Esse princípio destaca como as características linguísticas se tornam mais salientes, quando são percebidas como diferentes da norma padrão. No caso da comunidade Kalunga, sua variedade linguística pode se destacar quando confrontada com a norma padrão, tornando-se um ponto focal para o preconceito linguístico. Essa saliência linguística pode afetar a maneira como as pessoas da comunidade são percebidas e tratadas pela sociedade em geral.

Em todos os relatos e narrativas, foi perceptível que, quando saíram da comunidade, tinham uma variação linguística específica e que sentiram necessidade de se adaptar à norma padrão com a qual se depararam. Nas narrativas, há indícios de uma possível influência da norma padrão da língua portuguesa, especialmente quando Dandara menciona que não é "muito boa na parte da língua portuguesa". Esse

tipo de reflexão pode indicar uma preocupação em atender as normas linguísticas estabelecidas no português brasileiro, as quais nem sempre estão em concordância com a norma vigente utilizada pela comunidade de fala do Kalungueiro.

Acerca dessa asserção, Luft (1994, p. 21) diz que “um ensino gramaticalista abafa justamente os talentos naturais, incute insegurança na linguagem, gera aversão ao estudo do idioma, medo à expressão livre e autêntica de si mesmo”. Nesse sentido, percebemos, na fala de Dandara, o quanto a exigência de aprender as normas gramaticais da língua portuguesa tolheu sua língua materna.

O colaborador Vieira evidencia uma variação linguística ao mencionar que, na comunidade quilombola, usava a forma "ocê" em vez de "você". Isso demonstra a influência do contexto social e cultural na linguagem.

A variação linguística é perceptível em vários trechos das narrativas, por exemplo, quando o colaborador comenta sobre a reação das pessoas a seu modo de falar, o que o levou a ficar mais calado para evitar ser corrigido ou zombado. Isso revela sensibilidade em relação à correção linguística e impacto na autoestima. Nas demais narrativas, revela-se uma variação linguística notável, especialmente ao descrever a mudança da comunidade para a cidade. Inicialmente, utilizam uma linguagem mais informal e característica da comunidade ("ééé") (ocê). À medida, que descrevem a mudança para a cidade, há uma adaptação ao modo de falar das pessoas locais.

Todavia, a variação linguística das pessoas da comunidade Kalunga Vão do Moleque Fazenda Maiadinha é um tesouro cultural que reflete sua história única e identidade. Enquanto enfrentam desafios linguísticos ao interagir com o mundo exterior, é crucial reconhecer e valorizar essa variação como parte integral da riqueza linguística e cultural do Brasil. A promoção da diversidade linguística e o respeito pela identidade Kalunga são passos essenciais em direção a um mundo mais inclusivo. Para conhecerem essa variação mais a fundo, no último capítulo, elaborei um pequeno glossário do Kalunguês.

7.2 PRÁTICAS SOCIOLINGUÍSTICAS DOS COLABORADORES DA PESQUISA

A Sociolinguística, termo cunhado pelo linguista estadunidense William Labov, é um campo interdisciplinar que se dedica ao estudo das relações entre língua e sociedade. A origem do termo remonta aos trabalhos pioneiros de Labov, na década de 1960, quando realizou pesquisas sobre a variação linguística em comunidades

urbanas dos Estados Unidos. Seu objetivo era compreender como fatores sociais e culturais influenciavam as escolhas linguísticas dos falantes.

No livro *Padrões Sociolinguísticos* (Labov, 2008), Labov trouxe à luz o conceito de Sociolinguística e apresentou os resultados de suas pesquisas empíricas. Ele demonstrou que as variações linguísticas não são aleatórias, mas seguem padrões sistemáticos e são influenciadas por fatores sociais, como classe social, etnia e idade. A partir dessas descobertas, o pesquisador estabeleceu as bases da Sociolinguística Variacionista.

A Sociolinguística, portanto, busca entender como a língua se comporta em diferentes contextos sociais, como ela se adapta e muda ao longo do tempo, e como as atitudes linguísticas dos falantes estão relacionadas a valores e normas sociais. É uma área que reconhece a língua como um fenômeno dinâmico, moldado pelas interações sociais e culturais.

É justamente este formato dinâmico que permite que na língua haja diversas variáveis linguísticas, as quais concorrem com a norma-padrão, geralmente dominada pela gramática normativa. Todavia, é preciso considerar que a língua representada pela gramática normativa “[...] é um produto social, artificial, que não corresponde àquilo que a língua realmente é” (Bagnó, 2007, p. 35).

No que diz respeito à língua utilizada pelos sujeitos da comunidade quilombola Kalunga, podemos notar que o preconceito linguístico era de ordem linguística e extralinguística, conforme podemos notar no excerto que segue:

[...] em relação ao meu modo de falar como eu vim muito novo de lá é e então eu não tinha um sutaque então é eu aprendi a falar da maneira que as outras pessoas na cidade de Cavalcante falava, mas eu via que as pessoas é faziam bullying com as pessoas das comunidades vizinhas principalmente a comunidade do Vão de Almas que tem um dialeto próprio é eu via que eles ficavam fazendo graça ou ficava julgano dizem que as pessoas falavam errado fazem piadinha de mau gosto (Tertuliano, estudante quilombola que vive fora da comunidade).

Nesse sentido, observamos que este sujeito aprendeu a falar de acordo com a população urbana, porque se mudou da comunidade em que nasceu ainda muito pequeno. Desta feita, observamos que o fator “origem geográfica” (Bagnó, 2007) foi crucial para moldar o léxico desse estudante quilombola. Certamente, se ele morasse na comunidade, o universo vocabular que ele utiliza seria mais fiel ao vocabulário da

sua comunidade de fala. É digno de nota que o interlocutor tem consciência que, mesmo sendo falante de língua portuguesa, ele tem dificuldade na leitura e na escrita, principalmente no que tange à norma padrão, o que o distanciou dos estudos por um tempo. Vejamos seu relato:

[...] a questão da língua portuguesa a questão falada acho que me saio bem a questão gramatical a gramática acadêmica eu sempre tive muita dificuldade mais é mais as regras da língua portuguesa mesmo porque na língua falada nunca tive dificuldade só mesmo na maneira escrever, mas de maneira acadêmica bem como o ensino em Cavalcante como em qualquer escola pública era muito defasado então eu tive muita dificuldade quando eu entrei na faculdade, encontrei dificuldade na maneira de escrever, tive dificuldade também na questão da leitura, me interessar porque não tive muito acesso a conteúdos de leitura durante a minha infância e também não tinha muita perspectiva de um dia ser universitário então eu nunca tive muito empenho na escola então é tipo por outras questões, eu era uma pessoa meio revoltada pelas coisas que acontecia ao meu redor coisas ditas anteriormente, mesmo sem saber o que tava acontecendo, é isso me distanciou muito dos estudos por um tempo, pelo fato de não ter um incentivo da leitura (Tertuliano).

Este relato lembra o que Faraco (2005) denomina de norma culta, que tem predominado nas escolas, na mídia, nas gramáticas, entre outros. Trata-se de uma norma com preceitos dogmáticos inflexíveis e categóricos advindos da norma padrão da língua, denominando o que é certo e o que é errado na fala e na escrita.

Faz-se necessário ressaltar que é papel da escola oferecer condições para que o aluno desenvolva suas competências sociocomunicativas, Dell Hymes (1972) aborda a competência Comunicativa que utiliza as variações linguísticas, de acordo com o espaço social no qual está inserido. Para tanto, cabe ao professor ensinar a norma culta, mas sem exigir que o aluno a utilize em todos os momentos, pois é sabido que é impossível isso acontecer. Ademais, não faz sentido exigir que o aluno substitua uma norma (a dele, a vernácula, a de sua comunidade de fala) por outra; cabe ao docente capacitá-lo para dominar outras variedades e adequar seu uso a determinadas situações comunicativas que requerem distintos estilos (Coelho *et al.*, 2015).

De maneira similar, na narrativa das pessoas da comunidade Quilombola Kalunga, nota-se que o preconceito, além de ser linguístico, entra na esfera da racialidade, conforme se pode notar neste trecho:

[...] por muito tempo eu me sentia deslocado me sentia mal também por não me senti que eu pertencia aquele lugar porque as pessoas sempre me viam como uma pessoa feia principalmente pela questão dos meus

traços e pelo fato da gente viver em uma situação éé por a gente ser pobre né, nunca tinha boas roupas pra vestir, calçados, então muitas coisas as pessoas nos julgava por isso , muitas vezes riam da maneira que a gente tava vestido ou da maneira que a gente tava calçado, ou pela gente ter as pernas cinzenta, na minha infância foi algo muito difícil de lidar porque quando você é uma criança você nun tem noção do qui você tá passando você não tem noção de preconceito, num tem noção do racismo, na adolescência foi bem mais complicado era uma época que como todo adolescente você começa a querinteragir com o sexo oposto e assim dificultava muito por essa questão das pessoas ao seu redor te ver como uma pessoa feia por conta dos seus traços e principalmente pelo modo de você se vestir (Tertuliano, estudante Kalunga que vive fora da Comunidade).

Nota-se, neste excerto, que, além dos problemas sociolinguísticos, há problemas extras que a sociedade detém quando se vive em grupos. Acerca disso, Bortoni-Ricardo (2011, p. 21) assinala que “[...] a comunidade de fala brasileira apresenta traços de sociedades tradicionais estratificadas, bem como de sociedades modernas orientadas para a meritocracia pessoal”.

Assim, cabe salientar outro excerto acerca deste tema que estamos discutindo:

[...] como eu era muito criança então ééé, pra mim nun tinha muita diferença mais ao decorrer do momento queu fui crescendo éé notei qui as pessoas, eu e meus irmãos a gente sofria, passando por situações ééé de racismo o fato da gente ser Kalunguero, então a gente muitas vezes ouvia as pessoas tratar a gente usar o nome de maneira pejorativa por a gente ser negro e ser quilombola na cidade de Cavalcante muito tempo as pessoas viam isso como algo ruim [...] (Tertuliano, estudante Kalunga que vive fora da Comunidade).

Nesse sentido, nota-se que essas variedades empregadas pelos Kalungueiros caracterizam a comunidade que a utiliza e são altamente estigmatizadas quando colocadas em confronto com outras variedades. Sendo assim, concordamos com Bortoni-Ricardo (2011, p. 21), quando ela preconiza que “o critério de estratificação social, portanto, sobrepõe-se parcialmente ao de antecedente rural ou urbano na explicação da variação linguística”, haja vista que percebemos, nesse excerto, que o estrato social minoritário constitui-se do campesinato e dos migrantes rurais, como é o caso dos Kalungueiros que aqui estudamos.

A análise sociolinguística revela aspectos interessantes sobre a relação entre linguagem, identidade e poder, com foco nas experiências do colaborador em relação à sua identidade étnica (Kalungueiro) e às formas como a discriminação racial e o estigma associado à condição de quilombola afetaram sua vida, evidenciando o

preconceito social que a gramática tradicional constitui, como afirma Bagno (2007).

Nessa narrativa, percebe-se uma mudança linguística ao longo do tempo, pois destaca uma mudança na percepção do colaborador sobre as diferenças étnicas à medida que ele cresce. Uma linguagem, inicialmente simplificada como em "pra mim num tinha muita diferença", evolui para uma consciência mais aguçada das situações de racismo que ele e seus irmãos enfrentam/enfrentaram.

A narrativa sugere uma evolução na consciência social do colaborador à medida que ele nota as situações de racismo. Quando observamos a mudança na percepção do colaborador sobre as diferenças étnicas existentes entre ele e o grupo do qual ele está participando, isso pode indicar um despertar para as questões sociais e para a construção de uma identidade mais consciente e resistente. Bortoni-Ricardo (2004) discute a influência de fatores sociais e cognitivos na mudança linguística, e a narrativa sugere um despertar social à medida que o colaborador enfrenta situações de racismo. Esse fenômeno pode ser interpretado como uma manifestação da dinâmica evolutiva proposta por Bortoni-Ricardo (2004), durante a qual as experiências sociais moldam a consciência linguística.

Em suma, esse trecho destaca a interconexão entre linguagem, identidade e sociedade. O discurso revela não apenas as experiências individuais do colaborador, mas também enfatiza sobre questões mais amplas de discriminação racial e estigmatização étnica fora da comunidade em questão.

Em relação às atitudes sociolinguísticas, vejamos o trecho da narrativa a seguir: "[...] em relação ao meu modo de falar como eu vim muito novo de lá ée então eu não tinha um sutaque então é eu aprendi a falar da maneira que as outras pessoas na cidade de Cavalcante falava [...]" (Tertuliano, estudante que vive fora da Comunidade).

O colaborador demonstra uma mudança em sua forma de falar ao se mudar para a cidade de Cavalcante, adaptando-se ao modo como as pessoas na cidade falam. Esse fenômeno é conceituado, por Bagno (2007), como um conjunto de consequências sociais, culturais e ideológicas que faz surgir as variações linguísticas. Ainda nesse campo de análise, vejamos outro trecho da Narrativa 3:

[...] eu não falo mais o idioma de lá, assim , o português quilombola que o pessoal fala , eu falo idioma porque a gente fala com alguns sutaques, algumas palavras a gente coloca mais R menos R e tal né, eu não consigo falar mais assim porque eu já Tô fora do convivo a vinte e tantos anos né, mais todos os que falam eu entendo muito bem, chego lá me dô bem com todo mundo, não corrijo ninguém que

ta falando do jeito que eles fala lá, se eu entender bom se eu num entender eu pergunto de novo e por aí vai [...] (Aquino).

O colaborador demonstra uma atitude positiva em relação a seu próprio percurso linguístico. Ele reconhece as diferenças linguísticas entre o português padrão e o "português quilombola" de sua comunidade, mas não julga nem corrige as pessoas que falam dessa maneira. Essa atitude revela respeito pela diversidade linguística e uma conexão contínua com suas raízes; destaca seu papel social como alguém que saiu do quilombo, mas mantém uma forte ligação com sua comunidade de origem. Ele enfatiza seu comprometimento em oferecer suporte à comunidade, mesmo estando distante fisicamente. Além disso, ao se referir à sua identidade, ele destaca a importância da identidade do cabelo como uma expressão de sua cultura e como uma fonte de inspiração para outros na comunidade.

Nesse contexto, a atitude positiva do colaborador Aquino em relação às variações linguísticas, expressando respeito pela diversidade, ressoa com a visão de Bagno (2009) sobre a inexistência de um falar certo ou errado. Ademais, Marcos Bagno, conhecido por sua crítica à gramática tradicional, contribui para a análise ao destacar o preconceito social enraizado na normativa gramatical.

A mudança linguística ao longo do tempo, evidente na narrativa, reflete a resistência do colaborador ao preconceito linguístico, corroborando as ideias de Bagno em *Preconceito Linguístico* (2007). A atitude positiva em relação à linguagem da comunidade Kalunga é uma resposta consciente ao preconceito social induzido pela gramática normativa, como podemos evidenciar no trecho da Narrativa 4.

[...] sempre vou tá de olho no que acontecendo lá na comunidade, visto a camisa de lá mesmo, aonde eu for vou dizer que sou um quilombola que sou da comunidade Vão do moleque, especificamente da malhadinha né que é uma comunidazinha a localidade que eu nasci né e tenho meus irmãos lá até hoje [...] (Aquino).

O colaborador Aquino passou por desafios linguísticos ao chegar em Goiânia, onde inicialmente não conversou "corretamente" (da maneira que a sociedade e gramática impõem e consideram correto); todavia, como já mencionado na concepção de Marcos Bagno (2009), não existe um falar certo e um falar errado. Com resiliência, ele superou esses desafios, estudou e dedicou-se ao aprendizado, mostrando determinação. Apesar de ter vivido na Europa cinco anos, ele manteve uma conexão

forte com sua língua materna e comunidade, entendendo bem o "português quilombola" mesmo não o falando mais. O comprometimento de Aquino em manter uma forte ligação com sua comunidade, mesmo após experiências linguísticas desafiadoras, reflete a compreensão de Bagno (2009) sobre a língua como expressão cultural e identitária.

Em consonância com o exposto pelas narrativas de Aquino, essas mudanças nas atitudes sociais são perceptíveis no trecho da Narrativa 5, de outro colaborador.

racismo o fato da gente ser Kalunguero, então a gente muitas vezes ouvia as pessoas tratar a gente usar o nome de maneira pejorativa por a gente ser negro e ser quilombola na cidade de Cavalcante muito tempo as pessoas viam isso como algo ruim, éé deixaram de ver é a comunidade quilombola é como um lugar ruim a partir do momento qui eles começaram a ver qui ser quilombola tinha benefícios como acesso a faculdade éé alguns benefícios do governo por exemplo, então éé quando começou essas coisas que foram recentes éé então eles pararam de ver éé os moradores da comunidade de maneira pejorativa (Tertuliano).

O colaborador destaca uma mudança nas atitudes sociais em relação à comunidade quilombola. Inicialmente, vista de maneira pejorativa, a identidade quilombola passou a ser percebida relativamente a suas garantias, como acesso à faculdade e a benefícios governamentais; as pessoas da Comunidade Kalunga passaram a ser consideradas não mais como alguém inferior. Portanto, houve valorização, mesmo que minimamente, da identidade Kalunga, incluindo sua variedade linguística.

Dandara relata como foi seu processo de alfabetização, destacando as dificuldades enfrentadas para ir à escola, vejamos:

Olá , éé sou moradora da comunidade Vão do Moleque éé , vivo aqui com meus pais né, moro aqui com meus pais, a profissão dos meus pais é lavradorééé a minha mãe tem 59 anos meu pai 61 éé , meus pais sempre trabalha aqui na roça né com plantação de arroz de milho sempre assim, num teve tudo daqui mais a maioria dos alimentos era produzido aqui mesmo, eles produziam né ee ai eles também sempre morou aqui desde que nasceu, e a gente também sempre morou aqui só precisamos sair mesmo por motivos de não ter mais acesso aqui na comunidade de estudo né, o dia da gente sair era no estudo e aqui não tinha como continuar porque não tinha outas series principalmente o ensino médio, não existia e a gente tinha que sair para estudar (Dandara).

Observamos, nesse trecho, que a urbanização, na maioria das vezes, faz-se

imprescindível para ter acesso à alfabetização e almejar outros patamares por meio do estudo. Bortoni-Ricardo (2011, p. 34) corrobora com essa assertiva, quando relata que “o acesso ao letramento é, naturalmente, um fator importante tanto no processo de mobilidade social quanto na aquisição da variedade prestigiada da língua”.

Em resumo, as narrativas revelam as complexidades das práticas sociolinguísticas dos colaboradores, incluindo a adaptação à linguagem da cidade, a experiência de discriminação racial, as dificuldades acadêmicas devido à defasagem educacional e à falta de incentivo à leitura. Esses elementos moldaram suas atitudes sociais e seus relacionamentos com a língua ao longo do tempo. Defendem a identidade cultural, enfrentando estereótipos e preconceitos.

É fundamental promover a diversidade linguística e combater o preconceito linguístico, especialmente em contextos acadêmicos e sociais. A variedade linguística é um reflexo da diversidade cultural e histórica do Brasil, e cada forma de expressão linguística merece respeito e valorização. À medida que reconhecemos a importância das práticas sociolinguísticas, estamos dando passos em direção a uma sociedade mais inclusiva e igualitária, na qual todas as vozes são ouvidas, respeitadas e inseridas no mesmo patamar.

7.3 DIFICULDADES E DESAFIOS LINGUÍSTICOS DAS PESSOAS, QUANDO SAEM DA COMUNIDADE KALUNGA VÃO DO MOLEQUE FAZENDA MAIADINHA

O ensino de Língua Portuguesa tem se constituído como um grande desafio para a escola e, em particular, para o professor, tendo em vista sua complexidade e as constantes transformações que a sociedade tem enfrentado diante das demandas sociais no campo de educação, política e economia. Pelo que se observa no cotidiano escolar, é possível entender que o(s) aluno(s) terá(terão) que alcançar o domínio de práticas de letramento, para poder(em) (inter)agir com situações comunicativas diversas.

Ao longo dos anos, as práticas de linguagem vêm sofrendo modificações, graças ao aumento crescente das discussões promovidas pelos estudos linguísticos. Esses estudos têm mudado os métodos do ensino de leitura e escrita dentro e fora do espaço escolar, apresentando modelos de ensino baseado no contexto sociocultural em que os alunos se ambientam. A análise das dificuldades e desafios linguísticos enfrentados pelas pessoas da comunidade Kalunga Vão do Moleque Fazenda

Maiadinha, ao saírem de sua comunidade para interagir com o mundo exterior, é de grande relevância, pois envolve questões de variação linguística, desigualdades sociais e identidade cultural. Nesse sentido, vamos continuar explorar essas questões, utilizando as narrativas das pessoas que em algum momento saíram da comunidade, bem como vários autores que são referência no assunto.

A comunidade Kalunga Vão do Moleque Fazenda Maiadinha é conhecida por sua riqueza cultural e linguística, que inclui uma variedade linguística característica. Essa variedade linguística é uma parte intrínseca da identidade cultural dessas pessoas e reflete a história única e as experiências compartilhadas por essa comunidade quilombola. No entanto, ao saírem de sua comunidade e interagirem com o mundo exterior, essas pessoas frequentemente enfrentam desafios linguísticos. A maioria das pessoas da comunidade precisa sair em busca de estudo, como podemos ver no trecho da Narrativa 6.

[...] desde quando nasci que fiquei aqui na comunidade, precisei sair sim mais por motivos de estudo éé, a minha mãe matriculou nois com seis anos numa escola aqui na comunidade ai nois estudou aqui até o nono ano, nos estudamos aqui, mais eu, quando estudei quando eu tava no sexto ano eu sai daqui fiquei um ano fora fui pra Brasília, ai lá eu não consegui vaga de estudo, ai eu voltei de novo no outro ano ai continuei estudano aqui até o nono ano e ai nois teve que sair porque éé nois não queria para os estudos e sempre a minha mãe também não queria que nois parce os estudos, e ai nois foi pra cidade mais próxima que é Cavalcante né e lá nos não, meus pais não tinha casa, i aí só meu tio que tinha só que meu pai falou com meu ti pra poder como que fazia pra nois ficar lá na casa dele e meu tio cedeu né a casa pra gente ficar né (Dandara, Quilombola Kalunga).

Nota-se que, para estudar, a maioria dos entrevistados precisou migrar de seu local de origem para a cidade, onde estava localizada a escola, hoje a realidade é um pouco diferente. A esse respeito, é preciso lembrar que, na comunidade Kalunga, apesar da pouca oportunidade de estudo, todos sabiam da importância de se escolarizar para transgredir as barreiras de oportunidades que eram muito restritas. Ademais, ser introduzido na cultura letrada era uma maneira de quebrar paradigmas, muitas vezes, impostos a seus pais.

Um dos desafios linguísticos mais significativos é a transição entre a variedade linguística falada na comunidade Kalunga e a norma padrão do português brasileiro. A variedade linguística da comunidade Kalunga, assim como outras variedades linguísticas em contextos semelhantes, muitas vezes, difere significativamente da

norma padrão em termos de fonologia, morfossintaxe e vocabulário. Isso pode levar a mal-entendidos, preconceito linguístico e estigmatização quando essas pessoas interagem com falantes da norma padrão.

Outrossim, a dificuldade enfrentada pelo colaborador Vieira nos concursos, em relação à língua portuguesa, revela um desafio adicional em sua jornada acadêmica e profissional.

Bortoni-Ricardo e Dettoni (2001) abordam a relação entre diversidades linguísticas e desigualdades sociais, destacando como as variedades linguísticas não padrão são frequentemente associadas a grupos sociais marginalizados. No caso das pessoas da comunidade Kalunga, isso se manifesta na forma como são percebidas quando utilizam sua variedade linguística característica fora de sua comunidade. Essa estigmatização linguística pode afetar sua autoestima e identidade cultural, tornando-se um desafio adicional ao enfrentarem o mundo exterior.

Vejamos o trecho da Narrativa 7 que evidencia isso:

[...] lá era bem difícil assim a gente chegava na escola, talvez pelo o jeito da gente falar, a gente tem hora que a gente ficava até assim meio oprimido por causa dos sutaques da gente né os sutaques kalungueiros, é tinha muitos meninos, coleguinhas que fazia gracinha ficava imitando a gente falar e tem hora que a gente, tinha hora que já não importava outra hora já importava [...] (Dandara).

O excerto destaca que a experiência na escola foi difícil para a colaboradora. Isso demonstra que a linguagem utilizada pela falante não era considerada padrão ou aceitável; o termo "Kalungueiro" está relacionado a um tipo específico de variação linguística associada à comunidade Kalunga. A menção de se sentir "oprimido" demonstra que as experiências na escola tiveram um impacto emocional negativo no falante. Isso destaca a importância de abordar questões de preconceito linguístico e promover um ambiente escolar inclusivo.

Outro desafio linguístico relevante é a diferença entre a linguagem oral e a escrita. Antunes (2003) discute como a sala de aula tradicional, muitas vezes, enfatiza apenas a norma padrão escrita, criando um descompasso entre a língua falada pelas comunidades e a linguagem esperada na escola. Para as pessoas da comunidade Kalunga, que têm muitas vezes uma forte tradição oral, essa lacuna pode representar uma barreira significativa ao sucesso educacional e à comunicação eficaz com o mundo exterior.

Assim, os colaboradores da pesquisa expõem nos trechos das Narrativas 8 e 9:

[...] é a minha maneira de falar é assim né, quando eu cheguei era um pouco diferente, passei algumas vergonhas mais com o passar do tempo ééé foi mudando também acostumava a tratar as palavras como as outas pessoas usavam também [...] (Vieira).

[...eu acho que eu curveio normal, num acho que falo diferente dos otos, mais eles acha que sim e fica rindo, até fico com veigonha de ficar falando no mei deiz, num gosto de apresentar trabai na frente [...] (José).

Posto isso, podemos perceber o que Dell Hymes (1972) conceitua como competência comunicativa. Ele destaca a importância de entender a linguagem como uma prática social e cultural, incorporando elementos além das regras gramaticais, haja vista que o ensino de gramática por si só não é responsável por aprimorar a competência comunicativa do falante. A esse respeito, Perini (1977, p. 50) lembra que, “quando justificamos o ensino de gramática dizendo que é para os alunos venham a escrever (ou ler, ou falar) melhor, estamos prometendo uma mercadoria que não podemos entregar”. Ou seja, o ensino de gramática aprimora a competência comunicativa de quem o utiliza, mas precisa estar agregado a outros fatores igualmente fundamentais, a exemplo da leitura e da vivência de mundo.

Essa abordagem mais abrangente é fundamental para uma compreensão mais completa da comunicação em contextos reais. Por meio das narrativas, é perceptível que os colaboradores se adequam às regras sociais e culturais que governam a interação nos contextos em que estão inseridos, fazendo que eles aprendam/falem uma nova variação linguística diferente daquela utilizada na comunidade Vão do Moleque.

As narrativas dos colaboradores evidenciam suas habilidades ao se adaptarem à linguagem mais formal e acadêmica, sugerem uma consciência linguística e uma capacidade de ajuste adequado às diferentes situações comunicativas.

É sabido que a língua oral é adquirida de forma espontânea, em contextos informais cotidianos, já a língua escrita se adquire em contextos formais, em ambientes em que a institucionalidade se faz presente. A língua oral, por ser muitas vezes realizada espontaneamente, é estigmatizada e não possui a mesma supremacia que a língua escrita. Todavia, Marcuschi (2001) fala que há um *continuum* entre a oralidade e a escrita, haja vista que ambas podem ser realizadas em contexto formal

ou informal, a depender do momento em que o falante está inserido.

Desse modo, compreendemos que a principal diferença entre oralidade e escrita reside no fato de essa ser uma tentativa imperfeita de representar a fala por meio de caracteres gráficos, e aquela já nasce com o ser humano e está sujeita a variação, independentemente do grau de escolaridade de quem a utiliza.

Ao adentrarmos no universo linguístico das comunidades Kalunga, em especial na região do Vão do Moleque, Fazenda Maiadinha, deparamo-nos com um cenário marcado por inúmeras dificuldades e desafios. A transição para além dessas comunidades revela uma jornada repleta de obstáculos, especialmente no que tange à linguagem. As pessoas que deixam o conforto e a familiaridade da comunidade Kalunga muitas vezes se deparam com barreiras linguísticas que refletem não apenas a diversidade cultural, mas também a preservação e a singularidade de sua língua.

Ao explorar as nuances dessas dificuldades e desafios linguísticos, torna-se essencial reconhecer a riqueza intrínseca da língua Kalunga. Para compreender plenamente a complexidade e diversidade linguística desse grupo étnico, propomos a apresentação de um glossário Kalunga, uma ferramenta que ilustra a variedade e a profundidade do idioma, destacando expressões, termos e conceitos fundamentais para a compreensão da cultura Kalunga.

Este glossário não apenas serve como um guia linguístico, mas também como uma ponte cultural que busca conectar as experiências das pessoas que deixam as comunidades Kalunga com aqueles que desejam compreender e apreciar a riqueza dessa herança linguística única. Ao adentrar no glossário Kalunga, mergulhamos em um universo de significados e contextos que moldam a identidade linguística desse povo, proporcionando uma visão mais profunda e abrangente das complexidades que envolvem sua linguagem.

Assim, esperamos não apenas fornecer um entendimento mais claro das dificuldades linguísticas enfrentadas pelas pessoas que deixam as comunidades Kalunga, mas também celebrar a diversidade e a riqueza cultural que essas palavras encapsulam.

8 GLOSSÁRIO KALUNGA

Arado = com muita fome.

Bestajada = sem relevância.

Bonitinha =conjuntivite.

Cacunda = costas (parte do corpo humano).

Cangole = desfalência corporal; moleza.

Cangote = pescoço.

Democracia = algo burocrático.

Derrengada = adoentada.

Desintuada = desatenta.

Difruço = gripe.

Disinbambado = desajeitado.

Disurida = desanimada, sem ânimo.

Estpor = constipação.

Fuá = confusão.

Imprial = implicante.

Inhanão = mais não.

Injeitar = recusar.

Inviasado = torcicolo.

Inxurie = diarreia.

Localizar = organizar.

Lupiu = entrou.

Maluvido = desobediente.

Merma =indigestão.

Mufurum = muita gente/multidão.

Muiézada = mulherada.

Passar pito = chamar atenção.

Pessoa bruta =pessoa arrogante.

Pessoa fina = pessoa sensível, que fica com raiva fácil.

Pessoa macia = pessoa lenta, devagar.

Prenha = grávida.

Queixando = reclamando.

Rabage = atrás/seguindo.

Rifugar = negar, não aceitar.

Rigilida = assanhada.

Ripili = aconselhar.

Rodage = estrada de terra.

Rudiar = dar a volta.

Rudo = não aprende/dificuldade de aprendizagem.

Timiliqui = convulsão.

Urdi = fazer.

Vestige = desmaio.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das indagações sobre a variação linguística na Comunidade Quilombola Kalunga Vão do Moleque Fazenda Maiadinha, é possível concluir que a constituição dessa variação linguística está intrinsecamente ligada a fatores extralinguísticos como classe social, origem geográfica, nível de escolarização e interferências históricas, evidenciando a variação lexical. Além disso, nas relações sociolinguísticas, apontou-se um debate entre a língua materna e a língua padrão, destacando que há uma língua considerada de maior prestígio. Os relatos dos colaboradores superaram as dificuldades enfrentadas, como a busca por emprego, aprovação em concursos públicos e falar em público, devido à falta de valorização da variedade linguística e da língua materna. A variedade lexical evidenciada revela não apenas a diversidade linguística, mas também a complexidade das relações entre língua, povo e território.

A pesquisa propôs-se a investigar a variação linguística específica da Comunidade Vão do Moleque Fazenda Maiadinha, a identificar as práticas sociolinguísticas e a descrever as dificuldades relacionadas à variação linguística, quando os quilombolas saem de suas comunidades. Os resultados sugerem que a variação linguística não é apenas uma característica intrínseca da comunidade, mas uma influência relevante nas oportunidades e desafios enfrentados por seus membros, quando confrontados com contextos sociais mais amplos. Portanto, os resultados afirmam a asserção e as subasserções.

Assim, a pesquisa contribui não apenas para o entendimento da diversidade linguística, mas também destaca a importância de valorizar e respeitar as diferentes formas de expressão linguística, confirmando a riqueza cultural que ela carrega consigo. Além disso, ressaltamos a necessidade de políticas e práticas que promovam a inclusão e facilitem as diversas variedades linguísticas, proporcionando oportunidades iguais para todos, independentemente de sua forma de expressão verbal.

Os resultados encontrados apontam para uma notável diversidade cultural presente na comunidade quilombola Vão do Moleque, bem como o enfrentamento de diversos desafios das pessoas que saem da comunidade em busca de melhores condições de vida e percebem que são diferentes em referência à linguagem e à variação linguística.

É importante destacar a relevância da preservação e da valorização dessa

riqueza cultural como uma estratégia significativa de resistência e resgate histórico. Diante desse cenário, torna-se crucial a implementação de políticas públicas que visem promover e valorizar a cultura e a identidade quilombola.

A história da Comunidade Kalunga ilustra vividamente que a resistência e a luta por seus direitos são elementos constantes, sendo este o primeiro quilombo reconhecido como território negro no Brasil. A perseverança e a preservação cultural da comunidade Kalunga servem como inspiração, evidenciando a possibilidade de manter tradições e identidade mesmo em meio a adversidades e opressão.

Nesse contexto, é imperativo que o Estado e a sociedade reconheçam a relevância das comunidades quilombolas e de sua cultura, garantindo o acesso aos direitos fundamentais, como educação e saúde, além de garantir a titulação de suas terras e a preservação de sua história e cultura.

Em resumo, a variação linguística presente na comunidade quilombola Vão do Moleque, aliada à resistência histórica da Comunidade Kalunga, destaca a importância da diversidade cultural e da preservação da identidade local como estratégias fundamentais de resistência e valorização de uma história e tradições que merecem reconhecimento e apreço. Torna-se essencial que a sociedade e o Estado compreendam a vitalidade da preservação da cultura quilombola e se comprometam em garantir os direitos e a valorização dessa população.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Vinícius G. Mapa Localização do sítio histórico Kalunga. *In: OLÍMPIA, Wanessa. Estudo propõe selo de qualidade para produtos Kalunga*. Goiânia: UFG, 27 nov. 2015. Acesso em: <https://ufg.br/n/84652-estudo-propoe-selo-de-qualidade-para-produtos-kalunga>. Acesso em: 8 fev. 2024.

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

ALENCAR, Edgard. **Introdução à metodologia de pesquisa**. Lavras: UFLA, 1999.

ANTUNES, Irlandé. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola, 2003

ARAÚJO SOBRINHO, Fernando Luiz; ALVES, Iara Cristina da Silva; VIEIRA, Patrícia Laundry Mouro. Uma análise geográfica do plano de desenvolvimento turístico de Cavalcante-Goiás. **Boletim de Geografia**, Maringá, v. 33, n. 3, p. 31-45, set./dez. 2015. 10.4025/bolgeogr.v33i3.22021. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/540a/d0eecbb20dca862d0df0a5b9f870acfc682e.pdf>. Acesso em: 1 fev. 2024.

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola, 2007.

BAGNO, Marcos. **Não é errado falar assim! Em defesa do Português Brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2009.

BAGNO, Marcos. **Preconceito lingüístico: o que é, como se faz**. 49. ed. São Paulo: Loyola, 2007.

BAIOCCHI, Mari de Nazaré. **Kalunga: povo da terra**. Brasília: Ministério da Justiça, 1999.

BAUER, Martin Wolfgang; GASKELL, George. **Pesquisa Qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático**. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Do campo para a cidade: estudo sociolinguístico de migração e redes sociais**. São Paulo: Parábola, 2011.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. 6 ed. São Paulo: Parábola, 2004.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós chegemos na escola, e agora?: Sociolinguística e educação**. 2. ed. São Paulo: Parábola, 2005.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2008.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris; DETTONI, Rachel do Valle. Diversidades linguísticas e desigualdades sociais: aplicando uma pedagogia culturalmente sensível. *In: COX, Maria Inês Pagliarini; ASSIS-PETERSON, Ana Antônia de (org.)*. **Cenas de sala de aula**. Campinas: Mercado de Letras, 2001. p. 81-103.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris; GOMES, Célia; MALVAR, Eunice.

The principle of saliency Revisited. *In*: SCHLIEBEN-LANGE, B.; KOCH, I.; JUNGBLUTH, Konstanze (org.). **Dialog zwischen den Schulen soziolinguistische, konversationsanalytische und generative beiträge aus Brasilien**. [Um diálogo entre as escolas. Contribuições sociolinguísticas, da análise conversacional e gerativistas brasileiras.] Münster: Nodus Publikationen, 2003. p. 61-72.

BRANDÃO, Zaia. A dialética micro/macro na sociologia da educação. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 113, p. 153-165, jul. 2001.

Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/cp/a/bLYVCGRqgZKkmpCrTbvCXw/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 29 jan. 2024.

BRASIL, Christina Cesar Praça; CALDAS, José Manuel Peixoto; SILVA, Raimunda Magalhães da; BEZERRA, Indara Cavalcante. Reflexões Sobre A Pesquisa Qualitativa na Saúde. *In*: SILVA, Raimunda Magalhães da; BEZERRA, Indara Cavalcante; BRASIL, Christina César Praça; MOURA, Escolástica Rejane Ferreira. **Estudos qualitativos: Enfoques Teóricos e Técnicas de Coleta de Informações**. (org.). Sobral: Edições UVA, 2018. Disponível em:

<https://portais.univasf.edu.br/medicina-pa/pesquisa/producao-cientifica/experiencias-qualitativas-ebook>. Acesso em: 29 jan. 2024.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasil: Presidência da República, 5 out. 1988. **Diário Oficial da União**, de 5 out. 1988, n. 191-A, p. 1. Disponível em:

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/DOUconstituicao88.pdf. Acesso em: 20 fev. 2024.

BRASIL. Lei n.º 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Brasília (DF): Presidência da República, 10 jan. 2003. **Diário Oficial da República**, Brasília, DF: seção 1, ano CXL n. 8, p. 1, 10 jan. 2003. PL 259/1999. Disponível em:

<https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=1&pagina=1&data=10/01/2003>. Acesso em: 4 fev. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Resolução n. 8, de 20 de novembro de 2012**. Define Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica. Brasília: MEC; CNE; CEB, 20 nov. 2012. Disponível em:

http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/pdf/diretrizes_nacionais_educacao_escolar_quilombola.pdf. Acesso em: 20 fev. 2024.

BRIGHT, William. **Studies in California Linguistics**. Berkeley: University of California Press, 1964

BRUYNE, Paul de; HERMAN, Jacques; SCHOUTHEETE, Marc de. O polo epistemológico. *In*: BRUYNE, Paul de; HERMAN, Jacques; SCHOUTHEETE, Marc de. **Dinâmica da pesquisa em ciências sociais**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977. p. 41-61.

CALVET, Louís-Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. Tradução Marcos Macionilo. São Paulo: Parábola, 2002.

CAMPOS, Regina Célia Passos Ribeiro de. **Pesquisa, educação e formação humana**: nos trilhos da história. (org.). Belo Horizonte: Autêntica Editora; 2010.

CARAVELA. **Cavalcante - GO**. Florianópolis: A Caravela, 2022. Disponível em: [https://www.caravela.info/regional/cavalcante---go#:~:text=O%20PIB%20da%20cidade%20%C3%A9,agropecu%C3%A1ria%20\(4%2C4%\)](https://www.caravela.info/regional/cavalcante---go#:~:text=O%20PIB%20da%20cidade%20%C3%A9,agropecu%C3%A1ria%20(4%2C4%)). Acesso em: 14 set. 2022.

CEDERGREN, H. R.; SANKOFF, D. **Desenvolvimentos metodológicos na análise da evolução linguística**. Montreal: Indiana University Linguistics Club, 1974.

CHAMBERS, John Keith. **Sociolinguistic Theory**. Oxford: Blackwell, 1995.

CHAMBERS, John Keith; TRUDGILL, Peter; SCHILLING-ESTES, Natalie. **The Handbook of Language Variation and Change**. [S. l.]: Wiley, 2004.

COELHO, Izete Lehmkuhl; GÖRSKI, Edair Maria; SOUZA, Christiane Maria N. De; MAY, Guilherme Henrique. **Para conhecer sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015.

COELHO, Paula Maria Cobucci Ribeiro. **O tratamento da variação linguística no livro didático de português**. 2007. Dissertação (Mestrado em Linguística) — Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de Brasília, 2007. Disponível em: http://www.realp.unb.br/jspui/handle/10482/2002?locale=pt_BR. Acesso em: 29 jan. 2024.

COSTA, Vilmar Souza. **A luta pelo território**: histórias e memórias do povo Kalunga. 2013. Monografia (Licenciatura em Educação do Campo) — Habilitação: Ciências da Natureza e Matemática, Universidade de Brasília, Planaltina-DF, 2013. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/7260/1/2013_VilmarSouzaCosta.pdf. Acesso em: 6 fev. 2024.

CRESWELL, John W. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa**. Escolhendo entre cinco abordagens. São Paulo: Penso Editora Ltda., 2014.

CRESWELL, John W. **Projeto de Pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. Porto Alegre (RS): Artmed, 2007.

CRESWELL, John W.; MILLER, Dana L. Determining validity in qualitative inquiry. **Theory into practice**, [s. l.], v. 39, n. 3, p.124-130, 2000.

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. The discipline and practice of qualitative research. (ed.). *In: The Sage Handbook of Qualitative Research*. 3. ed. Thousand Oaks, CA: Sage, 2005.

ELLIS, Carolyn. **The Ethnographic I**: A Methodological Novel About Autoethnography. Walnut Creek: AltaMira Press, 2004.

ELLIS, Carolyn; ADAMS, Tony; BOCHNER, Arthur. Autoethnography: an overview. **Historical Social Research**, [Mannheim, Alemanha], v. 36, n.

4, p. 273-290, 2011.

ERICKSON, Frederik. Qualitative methods in research on teaching. *In*: WITTRICK, Merlin. C.(org.). **Handbook of research on teaching**. New York: Macmillan, 1986.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora UnB, 2008.

FARACO, Carlos Alberto. **Norma culta brasileira**: desatando alguns nós. São Paulo: Parábola, 2005.

FERNANDES, Cecília Ricardo. O que queremos os Kalungas? A transformação do olhar acadêmico sobre as demandas quilombolas do nordeste de Goiás. **Interações**, Campo Grande, v. 16, n. 2, p. 421-431, jul./dez. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/inter/a/PVkzS6zMGL8MPR8ZCFkYwB/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 set. 2022.

FISCHER, John L. Social influences on the choice of a linguistic variant. **Word**, [s. l.], v.14, n. 1, p. 47-56, 1958. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/epdf/10.1080/00437956.1958.11659655>. Acesso em: 21 fev. 2024.

FONSECA, Marcus Vinícius. As primeiras práticas educacionais com características modernas em relação aos negros no Brasil. *In*: FONSECA, Marcus Vinícius da; SANTANA, Patrícia Maria de Souza; VERAS, Cristiana Vianna; JUNQUEIRA Eliane Botelhoa; SILVA, Júlio Costa da; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e; PINTO, Regina Pahim. (org.). **Negro e educação**: presença do negro no sistema educacional brasileiro. São Paulo: Ação Educativa/ANPED, 2001. p. 11-36. Disponível em: <https://acaoeducativa.org.br/relacoesraciais/wp-content/uploads/2013/12/Negro-Educa%C3%A7%C3%A3o-1-INEP.pdf>. Acesso em: 21 fev. 2024.

FONSECA, William Agel de Melo. **Linguística**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974.

FRANCO, Rangel Donizete. **A desapropriação e a regularização dos territórios quilombolas**. 2012. Dissertação (Mestrado em Direito Agrário) — Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2012. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/items/f122412b-1d89-4d37-9957-250ae8d416bf>. Acesso em: 21 fev. 2024.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. **Diferentes, desiguais e desconectados**: mapas da interculturalidade. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. **Imaginação e Comensalidade**. Barcelona: Gedisa, 2016.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GENUINO, Wladimir Ricardi Alves. Reflexões acerca do sexo/gênero na sociolinguística variacionista: uma abordagem ensaística. **Web-Revista Sociodialeto**, v. 9, n. 26, p. 387-401, 2018. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/index.php/sociodialeto/article/view/7913>. Acesso em:

21 fev. 2024.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: UNESP, 1991.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

GONZÁLES REY, Fernando Luis. **Pesquisa qualitativa em psicologia: caminhos e desafios**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

GOULART, L. M. A proposta de produção de sentido para o ensino de língua portuguesa nas séries iniciais. *In*: GRIGOLETTO, Marisa; CAVAGNARI, M. A. (org.). **Língua portuguesa: ensino fundamental**. Cascavel (PR): Assoeste, 2007.

GOVERNO DE GOIÁS. História. *In*: **Conheça Goiás**. Goiânia: Portal do Governo, 3 out. 2019. Disponível em: <https://goias.gov.br/historia/>. Acesso em: 8 fev. 2024.

HYMES, Dell. On Communicative Competence. *In*: PRIDE, J. B.; HOLMES, J. (ed.). **Sociolinguistics**. Harmondsworth: Penguin, 1972. p. 269-293.

KING, Nigel; HORROCKS, Christine; BROOKS, Joanna. **Interviews in Qualitative Research**. London: Sage Publications, 2010.

KVALE, Steinar. As entrevistas na pesquisa qualitativa. **Educação**, Porto Alegre, v. 64, n. 2, p. 305-317, maio/ago. 2003.

LABOV, William. **Aspectos refinados na evolução linguística**. Filadélfia: University of Pennsylvania, 1982[1975].

LABOV, William. **Empirical foundations of linguistic theory: the scope of american linguistics**. R. Austerlitz (ed.). Lisse: the Peter de Ridde Press, 1975. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1080/00437956.1963.11659799>. Acesso em: 8 fev 2024.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 2008.

LABOV, William. **Sociolinguistic Patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LABOV, William. The social motivation of a sound change. **Word**, [s. l.], v. 19, n. 3, p. 273-309, 1963. DOI: 10.1080/00437956.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Atlas, 2009.

LIMA, Marcos Euzébio Ferreira. Análise de Discurso. *In*: LIMA, Marcos Euzébio Ferreira. **O texto na sala de aula**. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

LIMA, Marcos Euzébrio Ferreira. Análise de Discurso. *In*: LIMA, M. E. F. **O texto na sala de aula**. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

LUFT, Celso Pedro. **Língua e Liberdade**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1994.

MAGALHÃES, J. S. L.; MEDEIROS, E. F. Políticas educacionais para a educação do campo no Brasil. **Educação**, [Porto Alegre], v. 41, n. 1, p. 49-58, jan./abr. 2018.

MAGALHÃES, Nancy Alessio. Narradores: vozes e poderes de diferentes pensadores. *In*: **História Oral**, São Paulo, n. 5, p. 45-70, 2002. Disponível em: <https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/49/42>. Acesso em: 21 fev. 2024.

MAGALHÃES, Nancy Alessio. Terra: memória, imagem e raízes da vida. **Textos de História**, Brasília, v. 12, n. 1/2, 2004. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/textos/article/view/27869>. Acesso em: 21 fev. 2024.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. São Paulo: Cortez Editora, 2001.

MARINHO, S. P. O surgimento da educação do campo no Brasil: relações com o movimento de trabalhadores rurais. **Cadernos de Pesquisa**, v. 37, n. 131, p. 109-140, jan./abr. 2007.

MARQUES, Renato Teixeira Ferreira. **A História de Nós Todos**: memórias, histórias e redes de uma escola quilombola na comunidade Kalunga do Engenho II. Brasília, 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2016.

MARTINELLI, Maria Lucia. **Sociolinguística e ensino de português**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

MATTOS, Carmém Lúcia Guimarães de; CASTRO, Paula Almeida de. (org.). **Etnografia e Educação**. Conceitos e usos. Campina Grande: EDUEPB, 2011. Disponível em: <https://static.scielo.org/scielobooks/8fcfr/pdf/mattos-9788578791902.pdf>. Acesso em: 31 jan. 2023.

MAYRING, Philipp. **Einführung in die qualitative Sozialforschung** [Introdução à pesquisa social qualitativa]. 5. ed. Weinheim: Beltz, 2002.

MEAD, Margaret. **Coming of Age in Samoa**. Nova Iorque: William Morrow & Company, 1928.

MEC/SEC. Ministério da Educação / Secretaria de Educação Fundamental. **Uma história do povo Kalunga**. Brasília: SEF/MEC, 2001. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me001879.pdf>. Acesso em: 1 fev. 2024.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.) **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis (RJ): Vozes, 2009. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/franciscovargas/files/2012/11/pesquisa-social.pdf>. Acesso em: 21 fev. 2024.

MIRANDA, Shirley Aparecida. Educação escolar quilombola em Minas

Gerais: entre ausências e emergências. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, v. 17, n. 50, maio/ago. 2012.

<https://doi.org/10.1590/S1413-24782012000200007>. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/vtvxW4PdPS4DjsgsjXqxHN/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 1 fev. 2024.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Pesquisa Interpretativista em Linguística Aplicada: A linguagem como condição e solução. **DELTA**, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 329-338, 1994. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/delta/article/view/45412>. Acesso em: 21 fev. 2024.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. **Introdução à sociolinguística**: o tratamento da variação. (org.). São Paulo: Contexto, 2003.

MOREIRA, Marco Antônio. Pesquisa em Educação em Ciências: Métodos Qualitativos. **Actas del PIDE**C, Porto Alegre, v. 4, p. 25- 55, 2002. Disponível em: <https://www.if.ufrgs.br/~moreira/pesqquali.pdf>. Acesso em: 1 fev. 2024.

MOURA, Ana Aparecida Vieira de. **Sociolinguística e seu lugar nos letramentos acadêmicos de professores do campo**. 2015. Tese (Doutorado em Linguística) — Programa de Pós-Graduação em Linguística – PPGL, Brasília, 2015. Disponível em: http://www.realp.unb.br/jspui/bitstream/10482/18423/1/2015_AnaAparecidaVieiradeMoura.pdf. Acesso em: 1 fev. 2024.

MOVIMENTO Regional por la Tierra. **Estudo de caso**: Comunidade Quilombola Kalunga. Quilombo, [São Paulo], 16 jul. 2020. Disponível em:

<https://porlatierra.org/docs/a72dac0268841fe42cab6fe0380d039d.pdf>. Acesso em: 13 set. 2022.

MUYLAERT, Camila Junqueira; SARUBBI JR., Vicente; GALLO, Paulo Rogério; ROLIM NETO, Modesto Leite; REIS, Alberto Olavo Advincula. Entrevistas narrativas: um importante recurso em pesquisa qualitativa. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 48 (Esp2):193-199, 2014. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/reeusp/a/NyXVhmXbg96xZNPWt9vQYct/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 1 fev. 2024.

NASCIMENTO, Daniele Francisca Martins do. **Crenças linguísticas nas aulas de língua portuguesa de uma escola de periferia**. 2022.

Dissertação (Mestrado em Letras: Estudos de Linguagem) — Programa de Pós-Graduação em Letras, Estudos da Linguagem, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2022. Disponível em:

[https://www.repositorio.ufop.br/bitstream/123456789/16353/1/DISSERTA%
%c3%87%c3%83O_Cren%c3%a7asLingu%c3%adsticasAulas.pdf](https://www.repositorio.ufop.br/bitstream/123456789/16353/1/DISSERTA%c3%87%c3%83O_Cren%c3%a7asLingu%c3%adsticasAulas.pdf). Acesso em: 1 fev. 2024.

NASCIMENTO, Marina de Fátima Ferreira. **Gêneros orais no livro didático de Língua Portuguesa**: Uma análise das propostas para os anos finais do Ensino Fundamental. 2022. Tese (Doutorado em Educação) — Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação, Universidade de São Francisco, Itatiba, 2022. Disponível em:

<https://www.usf.edu.br/galeria/getImage/427/1825860094451371.pdf>. Acesso em: 1 fev. 2024.

NEVES, José Luís Pesquisa qualitativa – características, uso e possibilidades. **Cadernos de Pesquisa em Administração**, São Paulo, v. 1, n. 3, 2º sem. 1996. Disponível em:

https://www.hugoribeiro.com.br/biblioteca-digital/NEVES-Pesquisa_Qualitativa.pdf. Acesso em: 30 jan. 2024.

NEVES, Lucília de Almeida. Memória, história e sujeito: substratos da identidade. **Revista História Oral**, Rio de Janeiro, v. 3, 2000.

<https://doi.org/10.51880/ho.v3i0.25>. Disponível em: <https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/25>. Acesso em: 1 fev. 2024.

NUTTALL, Peter; SHANKAR, Avi; BEVERLAND, Michael; HOOPER, Cheryl Stallworth. **Mapping the unarticulated potential of qualitative research: stepping out from the shadow of quantitative studies**. **Journal of advertising research**, Abingdon, v. 51, n. 1, p. 153-166, 2011.

<https://doi.org/10.2501/jar-51-1-153-166>. Disponível em: <https://researchportal.bath.ac.uk/en/publications/mapping-the-unarticulated-potential-of-qualitative-research-stepp>. Acesso em: 21 fev. 2024.

OGBU, John U. School ethnography: a multilevel approach.

Anthropology and Education Quarterly, [Arlington], v. 12, n. 1, p. 3-29, 1981.

OLIVEIRA, Anny Carolina de; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; CORRÊA, Avani Maria de Campos. A História Oral: Uma Metodologia de Pesquisa Qualitativa. **Revista Prisma**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 63-77, 2021. Disponível em:

<https://revistaprisma.emnuvens.com.br/prisma/article/view/43>. Acesso em: 1 fev. 2024.

OLIVEIRA, Kanduka. **História de Goiás e atualidades**. Goiânia, Instituto Galeno, 2004. Disponível em:

<https://www.institutogaleno.com.br/arquivos/apoio/aula/362/apostila-historia-e-geografia-de-goias-3141020.pdf>. Acesso em: 1 fev. 2024.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. *In: Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 39, n. 1, 1996.

OLIVEIRA, Sidinei Rocha de; PICCININI, Valmira Carolina. Validade e reflexividade na pesquisa qualitativa. **Cadernos Ebape.BR**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, artigo 6, mar. 2009. <https://doi.org/10.1590/S1679-39512009000100007>. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/cebape/a/5ss33Zwp89j3wW89mXWkG5Q/>. Acesso em: 1 fev. 2024.

PACÍFICO, João Victor. **Introdução à linguística #10 sociolinguística**. 1 vídeo (25min42). 7 ago. 2020. Disponível em:

<https://youtu.be/UUjuWx-GusU>. Acesso em: 7 set. 2022.

PEREIRA, Livya Lea de Oliveira. **¿ Eres tú, sos vos o es usted?: a escolha das formas de tratamento e os vínculos linguístico-culturais identitários de aprendizes de espanhol/LE**. 2021. Tese (Doutorado em

Linguística) — Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/230993>. Acesso em: 6 fev. 2024.

PERINI, Mário A. **Sofrendo a gramática**. São Paulo: Ática, 1977.

POLON, Luana. Mapa do Brasil: Regiões, Estados e Capitais. Brasil. **Estudo Prático**, Pernambuco, 13 out. 2019. Disponível em: <https://www.estudopratico.com.br/mapa-brasil-regioes-estados-capitais/>. Acesso em: 14 set. 2022.

PREFEITURA Municipal de Cavalcante. Cidade de Todos. **História de Cavalcante**. Cavalcante, [2018]. Disponível em: <https://cavalcante.go.gov.br/historia/>. Acesso em: 21 fev. 2024.

PRETI, Dino. **Sociolinguística**: os níveis de fala: um estudo sociolinguístico do diálogo na literatura brasileira. Apresentação de Ataliba T. de Castilho. 6. ed., rev. e modificada, com reelaboração de vários capítulos. São Paulo: Editora Nacional, 1987.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”. *In*: VON SIMON, Olga de Moraes (org.). **Experimentos com histórias de vida (Itália-Brasil)**. São Paulo: Vértice, 1988. p. 14-43.

RAVAGNOLI, Neiva Cristina da Silva Rego. A entrevista narrativa como instrumento na investigação de fenômenos sociais na Linguística Aplicada. **The Specialist**, São Paulo, v. 39, n. 3, 2018. <https://doi.org/10.23925/2318-7115.2018v39i3a2>. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/esp/article/view/34195>. Acesso em: 1 fev. 2024.

RICHARDSON, Roberto Jarry (org.). **Pesquisa social**: métodos e técnicas. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

RODRIGUES, Tatiane Daby de Fatima Faria; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; SANTOS, Josely Alves dos. As Pesquisas Qualitativas e Quantitativas na Educação. **Revista Prisma**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 154-174, 2021. Disponível em: <https://revistaprisma.emnuvens.com.br/prisma/article/view/49>. Acesso em: 1 fev. 2024.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **Colonização, Quilombos**; modos e significações. Brasília: Ayô, 2015. Disponível em: http://cga.libertar.org/wp-content/uploads/2017/07/BISPO-Antonio.-Colonizacao_Quilombos.pdf. Acesso em: 21 fev. 2024.

SANTOS, Rosiene Francisco dos. **Quilombo Kalunga Comunidade do Engenho II**: limites e possibilidades para o turismo. 2019. (Mestrado em Turismo) — Programa do Mestrado Profissional em Turismo. Universidade de Brasília. Brasília, 2019. Disponível em: <http://www.realp.unb.br/jspui/handle/10482/37857>. Acesso em: 1 fev.

2024.

SANTOS, Silvio Matheus Alves. O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafios. **Plural**, São Paulo, v. 24.1, p. 214-241, 2017. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/6497/649770014013/649770014013.pdf>. Acesso em: 1 fev. 2024.

SCHÜTZE, Fritz. Pressure and guilt: War experiences of a young German soldiers and their biographical implications. **International Sociology**, [Thousand Oaks], v. 7, n. 3, p.187-208, 1992a. Part 1.

SCHÜTZE, Fritz. Pressure and guilt: war experiences of a young German soldier and their biographical implications. **International Sociology**, [Thousand Oaks], v. 7, n. 3, p. 347-367, 1992b. Part 2. Disponível em:

<https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/026858092007003006?icid=int.sj-abstract.similar-articles.1>. Acesso em: 1 fev. 2024.

SILVA, Gilvânia Maria da; SILVA, Romero Antonio de Almeida; SANTOS, Dealdina Selma dos; ROCHA, Vanessa Gonçalves da. **Educação Quilombola: territorialidades, saberes e as lutas por direitos**. 1.ed. São Paulo: Jandaíra, 2021.

SILVA, Valdir Pierote; BARROS, Denise Dias. Método história oral de vida: contribuições para a pesquisa qualitativa em terapia ocupacional. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, São Paulo, v. 21, n. 1, p. 68-73, 2010. <https://doi.org/10.11606/issn.2238-6149.v21i1p68-73>. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rto/article/view/14087>. Acesso em: 6 fev. 2024.

SILVA-NETO, Serafim da. **Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil**. Rio de Janeiro: INL/MEC, 1963.

SIQUEIRA, Fabio; KARMEYER-MERTENS, Roberto; FUMANGA, Mario; BENEVENTO, Claudia. **Como elaborar projeto de pesquisa: linguagem e método**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2008.

SIQUEIRA, Roberta Cristina de Moraes. **Instrumentos jurídicos para a organização das atividades agrárias da comunidade kalunga do Engenho II**. 2012. Dissertação (Mestrado em Direito Agrário) — Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2012. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/items/9491fba8-bc1c-4222-bd5a-57be4aea6b0f>. Acesso em: 21 fev. 2024.

SOARES, Edimara Gonçalves. **Do quilombo à escola: os efeitos nefastos das violências sociais silenciadas**. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2008. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/17741>. Acesso em: 21 fev. 2024.

SONOWSKI, S. Contra os consumidores do esquecimento. *In*: SONOWSKI, S.; SCHWARTZ, J. **Brasil: o trânsito da Memória**. São Paulo: Edusp, 1994.

STREET, B. Eventos de letramento e práticas de letramento: teoria e

prática nos Novos Estudos do Letramento. *In*: MAGALHÃES, I. (org.). **Discursos e práticas de letramento**: pesquisa etnográfica e formação de professores. Tradução de Izabel Magalhães. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2012. p. 69-92.

TAFT, R. Ethnographic research methods. *In*: Keeves, J. P. (ed.). **Educational research, methodology, and measurement**. An international handbook. Oxford: Pergamon Press, 1988.

TALARICO, Guilherme. Tradição e pós-modernidade na festa do Vão do Moleque na Comunidade Kalunga. *In*: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 26., 2011, São Paulo, **Anais [...]**São Paulo: ANPUH, jul. 2011. Disponível em: https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548856593_fe972167d42d88aa78ff0c2e8543aa5e.pdf. Acesso em: 1 fev. 2024.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

TRAVANCAS, Isabel. Fazendo etnografia no mundo da comunicação. *In*: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio. (org.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2006. p. 98-109.

UNGARELLI, Daniella Buchmann. **A comunidade quilombola kalunga do Engenho II**: cultura, produção de alimentos e ecologia de saberes. 2009. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Sustentável) — Universidade de Brasília (UnB), Brasília, DF, 2009. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/133/o/2009_DaniellaBuchmannUngarelli.pdf. Acesso em: 21 fev. 2024.

VELLOSO, Alessandra D'Aqu. **Mapeando narrativas**: uma análise do processo histórico-espacial da Comunidade do Engenho II - Kalunga. 2007. Dissertação (Mestrado em Geografia) — Universidade de Brasília (UnB), Brasília, DF, 2007. Disponível em: <http://www.realp.unb.br/jspui/handle/10482/3178>. Acesso em: 21 fev. 2024.

VIANA, Fernanda Leopoldina; TEIXEIRA, Maria Margarida. **Aprender a ler**: da aprendizagem informal à aprendizagem formal. Porto: Edições Asa, 2002. Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/10477>. Acesso em: 1 fev. 2024.

VIZZOTTO, Marília; ROSSI, Valquiria; DIAS, Maiango; RUSRICCI, Roberto; FARHAT, Cecília V.; REIDHL, André. Breve reflexão sobre a importância do método científico. **Psicólogo inFormação**, São Bernardo do Campo, v. 20, n. 20, jan./dez. 2016. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/PINFOR/article/view/7612>. Acesso em: 1 fev. 2024.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William.; HERZOG, Marvin I. **Fundamentos teóricos da evolução linguística**. São Paulo: Parábola, 2006[1968].

WELLER, Wivian. Tradições hermenêuticas e interacionistas na pesquisa qualitativa: a análise de narrativas segundo Fritz Schütze. *In*:

REUNIÃO DA ANPED, 32., 2009, Caxambu. **Anais** [...]. Caxambu: ANPED, 2009. p. 11-16. Disponível em: <http://32reuniao.anped.org.br/arquivos/trabalhos/GT14-5656--Int.pdf>. Acesso em: 6 fev. 2024.

WOORTMANN, Ellen F.; WOORTMANN, Klaas. **O trabalho da terra**. Brasília: Editora UnB, 1997.

ANEXOS |

INSTITUTO DE CIÊNCIAS
HUMANAS E SOCIAIS DA
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA -
UNB



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA DOS JOVENS DA FAZENDA MAIADINHA: DESAFIOS FORA DA COMUNIDADE KALUNGA VÃO DO MOLEQUE CAVALCANTE-GO

Pesquisador: Renaldete pereira dos santos

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 66683023.3.0000.5540

Instituição Proponente: Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.000.268

Apresentação do Projeto:

A presente pesquisa objetiva investigar a variação linguística dos jovens de idade entre 18 e 40 anos da Comunidade Kalunga Vão do Moleque Fazenda Maiadinha que saem da comunidade e se deparam com diversas dificuldades de inserção na sociedade. Portanto essa pesquisa justifica-se pela busca de uma valorização da variação linguística e concomitante a idealização de um meio de garantir a superação desses desafios enfrentados pelos moradores/estudantes da Comunidade Quilombola Kalunga do Vão do Moleque Fazenda Maiadinha e demais comunidades de povos tradicionais que se deparam com as mesmas dificuldades frente a variedade Linguística e sua relação com a sociedade para além da Comunidade.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

- Investigar a variação linguística dos jovens de idade entre 18 e 30 anos da Comunidade Kalunga Vão do Moleque Fazenda Maiadinha, que saem da comunidade e se deparam com diversas dificuldades de inserção na sociedade.

Objetivo Secundário:

- Registrar a variação linguística específica da Comunidade Vão do Moleque Fazenda Maiadinha;
- Identificar as práticas de letramento na escola Kalunga do Vão do Moleque Fazenda Maiadinha e

Endereço: CAMPUS UNIVERSITÁRIO DARCY RIBEIRO - FACULDADE DE DIREITO - SALA BT-01/2 - Horário de
Bairro: ASA NORTE **CEP:** 70.910-900
UF: DF **Município:** BRASÍLIA
Telefone: (61)3107-1592 **E-mail:** cep_chs@unb.br

INSTITUTO DE CIÊNCIAS
HUMANAS E SOCIAIS DA
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA -
UNB



Continuação do Parecer: 6.000.268

a sua relação com a variação linguística;

• Descrever, através de pesquisa de campo, quais as dificuldades e desafios relacionados a variação linguística esses jovens enfrentam quando saem da sua comunidade para estudar e trabalhar.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Os riscos aos colaboradores poderão ser expressos na forma de desconforto; possibilidade de constrangimento ao responder o instrumento de coleta de dados; medo de não saber responder; cansaço ou vergonha ao responder as perguntas.

Benefícios:

Objetiva-se com esse trabalho ajudar a resgatar a valorização da variação linguística e concomitante a idealização de um meio de garantir a superação desses desafios enfrentados pelos moradores/estudantes da Comunidade Quilombola Kalunga do Vão do Moleque Fazenda Maiadinha e demais Comunidades que se deparam com os mesmos desafios e também oferecer à comunidade acadêmica mais uma contribuição para futuras pesquisas no contexto da Educação Quilombola.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa é de extrema relevância tanto para a academia quanto para a comunidade não-acadêmica, pois o seu enfoque sintonizado com as perspectivas e abordagens metodológicas decoloniais valoriza o saber linguístico popular quilombola e propõe evidenciar as violências sócio-linguísticas perpetradas historicamente pelos processos colonizadores / colonizatórios na contemporaneidade. Dessa perspectiva desnudar violências e exclusões sofridas em decorrência disso.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os termos estão de acordo com as orientações deste Comitê de Ética.

Recomendações:

Pela aprovação.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Pela aprovação.

Considerações Finais a critério do CEP:

O Comitê de Ética em Pesquisa nas Ciências Humanas e Sociais aprova o projeto A VARIAÇÃO

Endereço: CAMPUS UNIVERSITÁRIO DARCY RIBEIRO - FACULDADE DE DIREITO - SALA BT-01/2 - Horário de
Bairro: ASA NORTE **CEP:** 70.910-900
UF: DF **Município:** BRASÍLIA
Telefone: (61)3107-1592 **E-mail:** cep_chs@unb.br

**INSTITUTO DE CIÊNCIAS
HUMANAS E SOCIAIS DA
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA -
UNB**



Continuação do Parecer: 6.000.268

LINGUÍSTICA DOS JOVENS DA FAZENDA MAIADINHA: DESAFIOS FORA DA COMUNIDADE KALUNGA VÃO DO MOLEQUE CAVALCANTE-GO após avaliação das questões éticas a ele pertinentes.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2073992.pdf	30/03/2023 09:36:44		Aceito
Outros	Aceite_institucional_comunidade_Kalunga.pdf	30/03/2023 09:33:30	Renaldete pereira dos santos	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_Renaldete_Pereira_dos_Santos.doc	30/03/2023 08:52:08	Renaldete pereira dos santos	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projeto_de_pesquisa_Renaldete_Pereira_dos_santos.docx	11/03/2023 01:30:10	Renaldete pereira dos santos	Aceito
Parecer Anterior	PB_PARECER_CONSUBSTANCIADO_CEP_5920236.pdf	11/03/2023 01:27:55	Renaldete pereira dos santos	Aceito
Outros	Termo_de_autorizacao_de_imagem_e_voz_Renaldete_Pereira_dos_Santos.doc	11/03/2023 01:27:34	Renaldete pereira dos santos	Aceito
Outros	Carta_de_revisao_etica_Renaldete_Pereira_dos_Santos.docx	11/03/2023 01:26:19	Renaldete pereira dos santos	Aceito
Outros	Carta_de_Encaminhamento_Renaldete_Pereira_dos_Santos.doc	11/03/2023 01:25:31	Renaldete pereira dos santos	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Aceite_Institucional_Renaldete_Pereira_dos_Santos_comunidade.doc	11/03/2023 01:18:36	Renaldete pereira dos santos	Aceito
Cronograma	Cronograma_Renaldete_Pereira_dos_Santos.docx	11/03/2023 01:17:13	Renaldete pereira dos santos	Aceito
Outros	Curriculos_Lattes_Renaldete_Pereira_dos_Santos.pdf	17/01/2023 14:45:24	Renaldete pereira dos santos	Aceito
Outros	Aceite_Institucional_Renaldete_Pereira_dos_Santos.pdf	17/01/2023 14:42:12	Renaldete pereira dos santos	Aceito
Folha de Rosto	Renaldete.pdf	10/01/2023 23:19:42	Renaldete pereira dos santos	Aceito
Outros	Instrumento_de_coleta_de_dados_Renaldete_Pereira_dos_Santos.docx	10/01/2023 09:26:44	Renaldete pereira dos santos	Aceito

Situação do Parecer:

Endereço: CAMPUS UNIVERSITÁRIO DARCY RIBEIRO - FACULDADE DE DIREITO - SALA BT-01/2 - Horário de
Bairro: ASA NORTE **CEP:** 70.910-900
UF: DF **Município:** BRASÍLIA
Telefone: (61)3107-1592 **E-mail:** cep_chs@unb.br

INSTITUTO DE CIÊNCIAS
HUMANAS E SOCIAIS DA
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA -
UNB



Continuação do Parecer: 6.000.268

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

BRASILIA, 13 de Abril de 2023

Assinado por:
ANDRE VON BORRIES LOPES
(Coordenador(a))

Endereço: CAMPUS UNIVERSITÁRIO DARCY RIBEIRO - FACULDADE DE DIREITO - SALA BT-01/2 - Horário de
Bairro: ASA NORTE **CEP:** 70.910-900
UF: DF **Município:** BRASILIA
Telefone: (61)3107-1592 **E-mail:** cep_chs@unb.br